# Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23158 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEGUNDA-FEIRA 15 JANEIRO 90 60$00


## Fundado o Conselho Nacional das Empresas

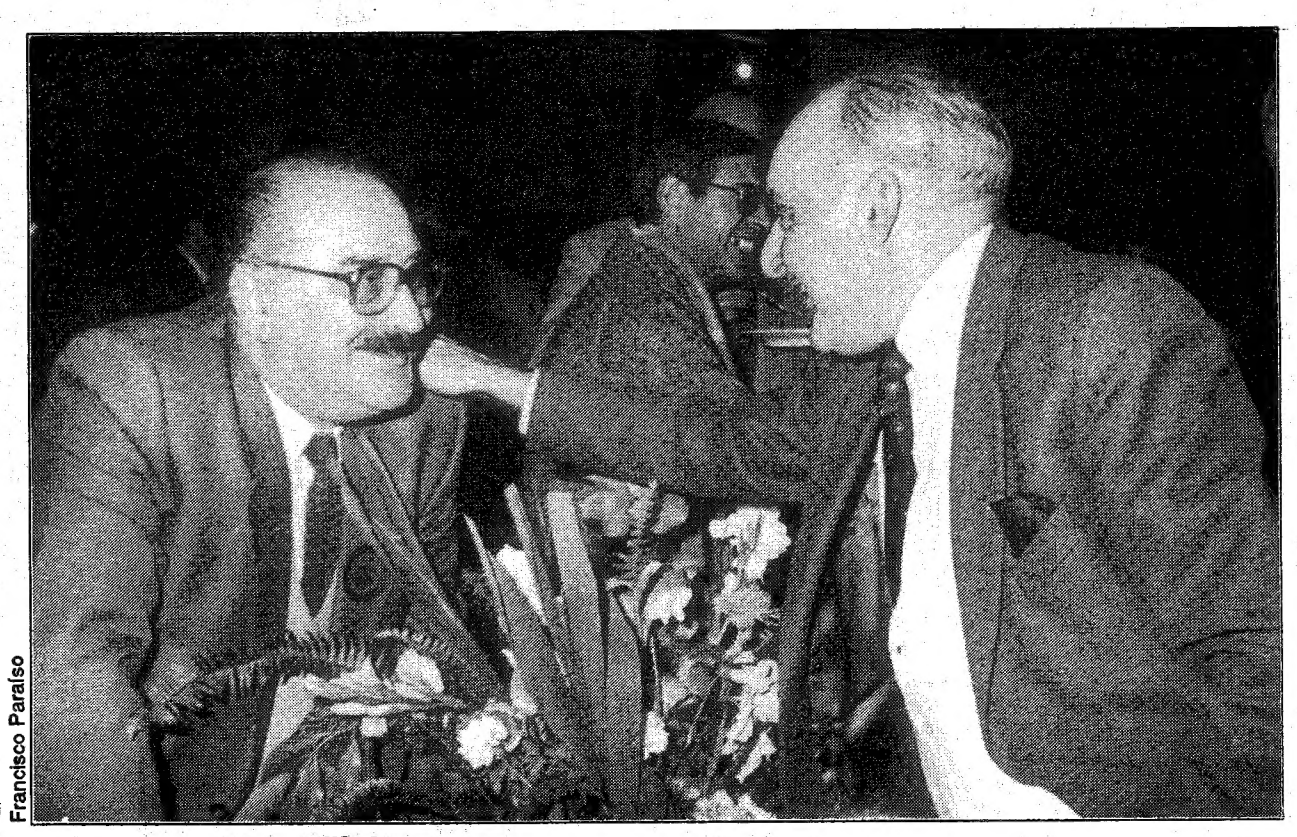
As confederações patronais - CIP, CAP e CCP - anunciaram esta manhã a constituição do Conselho Nacional das Empresas Portuguesas (CNEP).

Segundo foi referido em conferência de Imprensa, o primeiro presidente do Conselho Director do novo órgão a eleger será o actual presidente da CAP, Rosado Fernandes, a que se seguirá, em esquema de rotatividade semestral, os presidentes da CIP e da CCP, respectivamente.

Os promotores do CNEP pretendem «abrir imediatamente um processo de negociação permanente e regular com o Governo», com prioridade em vários domínios, nomeadamente a «liberalização da economia portuguesa».

O CNEP tenciona ainda encetar contactos bilaterais com as centrais sindicais, com o objectivo de promover «o reforço da competitividade externa da nossa economia e a melhoria das condições sociais».

As empresas representadas no CNEP empregam três quartos da população activa nacional.



Francisco Paraíso

**Militares cerram fileiras** Muitos oficiais, incluindo o marechal Spínola (na foto) confraternizaram, sábado, na sua Academia. "Coesão" e "camaradagem" eram as palavras de ordem afixadas nas paredes da sala onde decorreu a reunião, demonstrativa de que a sociedade castrense cerra fileiras contra uma política governamental considerada lesiva da dignidade dos oficiais. A aparelhagem sonora foi desligada para evitar eventuais ímpetos oratórios

**Págs. 10 e 11**

## Grupo de Trabalho/DL discute mudança social

Promover o debate de ideias e permitir a intervenção de colaboradores e especialistas é um dos objectivos do «Diário de Lisboa», um projecto que se quer como um jornal-forum.. Nesse sentido, criaram-se os grupos de trabalho sobre temas sociais, política nacional e internacional e assuntos económicos, que reunem mensalmente. Hoje publicamos, em primeira edição, a discussão travada no encontro do Grupo de Trabalho dos Assuntos Sociais. Paquete de Oliveira, Brandão de Brito, Maria Emília Brederode Santos, Luísa Figueira, Dias Cordeiro e Rui Epifânio são os especialistas que compõem este grupo. A mudança de valores em Portugal foi o tema debatido. Na próxima segunda-feira, o destaque vai para o Grupo de Política Internacional, que analisou a reunificação da Alemanha.

**Págs. 20, 21 e 22**

# Direcção do PS considera INES como potencial concorrente

## *... mas não proíbe a inscrição dos seus militantes*

Militantes socialistas como Edmundo Pedro, Fernando Loureiro e Armando Bacelar, estiveram presente na reunião de sábado do INES. Membros da direcção do PS, contactados pelo «Diário de Lisboa» reconheceram que «são livres de o fazer, enquanto cidadãos», sem no entanto esconderem o receio de que o instituto recém-criado lhes tire a liderança do debate sobre o futuro da esquerda em Portugal.Os dirigentes do PCP, por seu turno, parecem ter ultrapassado a fase de crítica aberta e preferem, por agora, esperar para ver.

**Pág. 12**

Bruno Neves

**Goooolo do Porto!** Uma única vez os avançados portistas conseguiram ultrapassar a oposição do guarda-redes Neno: a façanha coube a Semedo e, apesar da estirada, Neno não evitou o golo (na foto). Proeza maior, porém, obteve o Guimarães: obrigou o Porto a sofrer o seu primeiro golo nas Antas e, consequentemente, a ceder um ponto. Tudo somado, os vimaranenses mantêm-se a um ponto do líder, agora a par do Benfica, principal beneficiado do empate das Antas. De resto, a jornada do fim de semana obedeceu ao que tem sido regra, isto é, uma grande pobreza de golos.

**Págs. 28 a 31**

*Brasil sem Presidente*

## Sarney na praia Collor voando

«A bordo do espantoso Verão de 1990, o Brasil vive a situação rigorosamente inédita de, tendo dois Presidentes, não ter nenhum», escreve Cora Ronai, correspondente do «Diário de Lisboa» no Rio de Janeiro. Com efeito «o Presidente ineleito José Sarney» está «compondo poemas na Praia do Calhau e o Presidente eleito Fernando Collor voando mundo». Esta dupla ausência tem um motivo comum: a grave crise que o país atravessa. Enquanto Sarney já não tem força para impôr medidas, Collor vai-se preparando o melhor que pode para encontrar soluções, evitando a todo o custo a antecipação da posse marcada para 15 de Março.


❑ **Crónicas de Duarte Calvão (enviado especial) e Cora Ronai (correspondente no Rio)**

❑ **Comentário de Leonor Xavier**

**Págs. 2, 3 e 4**



***CP: greve de maquinistas quatro horas por turno em dez dias*** *Pág. 17*

***Luanda não confirma a suspensão da ofensiva em Mavinga*** *Pág. 14*

***Crónicas de Artur Portela e Alfredo Margarido*** *Págs. 5 e 6*

GRANDE ANGULAR

# O Brasil à espera de Collor

**Do nosso enviadoespecial**

Ninguém no Brasil tem dúvidas, a começar pelo próprio, que os verdadeiros problemas de Collor de Mello vão começar no próximo dia 16 de Março. No dia anterior, data da posse, o actual Presidente José Sarney entrega-lhe um país que enfrenta a maior crise da sua história e Collor terá que rapidamente adoptar medidas evitando sentimentos de frustação entre as 35 milhões de pessoas que o elegeram.

Rapidamente, porque é fundamental para Collor conquistar a opinião pública nos primeiros cem dias de Governo. Isto se quiser realmente cortar com o estilo dos seus antecessores, livrando-se de uma classe política corrupta e incompetente, a grande responsável pela triste situação brasileira dos dias de hoje.

**Legislativas em Outubro**

No dia 3 de Outubro o Brasil terá novas eleições, desta vez para escolher os Governadores dos Estados e os membros do Congresso Nacional. Nas últimas eleições, há quatro anos, o PMDB, apoiado na popularidade do congelamento dos preços decretado por Sarney, conseguiu ganhar em todos os Estados (incluindo em Alagoas onde Collor foi o vencedor), dividindo a maioria no Congresso com o outro sustentáculo do Poder, o PFL - Partido da Frente Liberal.

São estas agremiações, a que mais tarde se veio juntar o Partido Social Democrata Brasileiro (PSDB), uma dissidência de esquerda do PMDB, que possuem os mais bem montados aparelhos eleitorais espalhados por todo o imenso país.

O partido que elegeu Collor, o PRN - Partido Renovador Nacional, possui apenas 23 deputados no Congresso, entre cerca de 450, e nenhum Governador. É claro que depois da vitória, os interessados em ingressar no PRN aumentaram consideravelmente, mas Collor já percebeu que dificilmente conseguirá entusiasmar os brasileiros usando pessoas que são associadas (justa ou injustamente) ao que de pior aconteceu no país neste infelicíssimo período.

**Medidas populistas**

Resta ao Governo Collor garantir apoios de parlamentares dos principais partidos, através de uma política populista, que caia nas graças da opinião pública. Quem ficar contra, arrisca-se a ser penalizado pelos eleitores em 3 de Outubro.

O líder do PRN na Câmara dos deputados, Renan Calheiros, já fez contas e acha que pode contar com a maioria dos parlamentares para apoiarem as primeiras medidas de Collor. Afinal ao fenómeno do «adesismo», ou seja, ficar sempre o mais próximo possível do partido no Poder, não escapou o próprio Collor, que, em 1985, não hesitou em mudar do PDS para o PMDB, quando Paulo Maluf, o candidato à presidência do seu partido, foi derrotado por Tancredo Neves.

Os cem primeiros dias de Governo terão que produzir grande efeito junto à opinião pública, porque em Junho realiza-se o Campeonato do Mundo de Futebol e, como é sabido, os brasileiros não vão dedicar a sua atenção a muitas outras coisas. Depois inicia-se a campanha eleitoral e nessa altura a discussão já estará a dividir os brasileiros, associando as medidas do Governo à necessidade de vitória nas urnas.

**Manifestação no Rio de Janeiro contra o pagamento da dívida externa. A dívida interna será um problema maior para o futuro Governo Collor**

**Greves em perspectiva**

Por outro lado, o principal opositor de Collor não vai ser nenhum partido mas sim a poderosa Central Única dos Trabalhadores (CUT), que controla os principais sindicatos do país. Ligada desde a sua fundação ao Partido dos Trabalhadores (PT), liderado pelo adversário derrotado de Collor, Luís Ignácio Lula da Silva, a CUT já tinha prometido desde antes das eleições que as greves iriam estoirar caso o seu candidato não ganhasse.

No entanto, a CUT justifica essa posição dizendo que tal vai acontecer inevitavelmente porque um Governo como o de Collor vai continuar a prejudicar os trabalhadores, através do pagamento da dívida externa, de uma política interna de recessão e de não elevação dos salários.

Mas a CUT precisa dar tempo ao tempo, ou seja, não pode iniciar um surto grevista, antes que Collor tome qualquer medida. É durante esse «estado de graça» que o novo Presidente deverá agir, tomando medidas (mesmo que sejam de carácter demagógico e pouco eficaz) que tornem impopulares as greves quando estas surgirem.

**Corte nos gastos públicos**

Entre essas medidas populistas algumas já estão traçadas e enquadram-se perfeitamente no estilo do «caçador de marajás». Cortar os gastos públicos, mandando para a rua os funcionários que acumulam ordenados por cargos que não desempenham, diminuir para metade o número de ministérios, vender as mansões do ministros em Brasília e os seus carros oficiais.

Medidas capazes de impressionar muito bem um povo que vive, na sua maioria, abaixo dos limites da pobreza. Foi, aliás, este sector da população que elegeu Collor e que poderá dar ao PRN uma posição mais confortável no Congresso, a partir de Outubro. Mas para além deste aspecto moral, é provável que a redução dos gastos públicos tenha uma dimensão económica real, já que é a

# Crónica de um Presidente inesperado

Os brasileiros esperaram trinta anos para poder eleger democraticamente o seu Presidente da República, mas quando o fizeram, no passado 17 de Dezembro, foi à sua maneira, ou seja surpreendendo tudo e todos. De facto há um ano atrás, Collor de Mello, era apenas «uma hipótese risível», segundo o seu próprio irmão, e as tradicionais lideranças políticas brasileiras, de direita ou de esquerda, não levavam a sério o então jovem governador do pequeno Estado nordestino de Alagoas.

Para quem está de fora, a luta pelo poder politico assume por vezes uma dimensão romanesca. A ascensão de Collor tem aspectos que nenhum escritor de «best-sellers» ou argumentista de filme de sucesso desprezaria. Não falta nada: ambição, intrigas, a vitória sobre as adversidades, cenários glamurosos e , sobretudo, um jovem herói.

**Lição de «marketing»**

No entanto, nada aconteceu por acaso na carreira deste verdadeiro «yuppie» da política brasileira, cuja campanha ficará como exemplo para quem quiser alcançar um lugar ao sol no Poder, como uma lição de bem utilizar o «marketing» e a televisão.

Não é exagero afirmar que se Collor foi eleito, à televisão o deve. Foram os tempos de antena no início da campanha, em Fevereiro do ano passado, que o lançaram de um momento para outro do quase anonimato para a liderança das sondagens. Em Maio, a superpoderosa Rede Globo, consagrava o fenómeno (aliás a família de Collor é dona de uma estação de TV em Alagoas, subsidiária da Globo), pondo os seus serviços noticiosos a «funcionar» para o jovem candidato. Nessa altura os seus adversários chegaram a temer a maioria absoluta logo na primeira volta. No fim, quando começou a descer perigosamente perante a subida de Lula, o último debate televisivo, a três dias da segunda volta, consolidou a sua vitória com Collor a vencer claramente o seu adversário, muito menos à vontade em frente às câmaras.

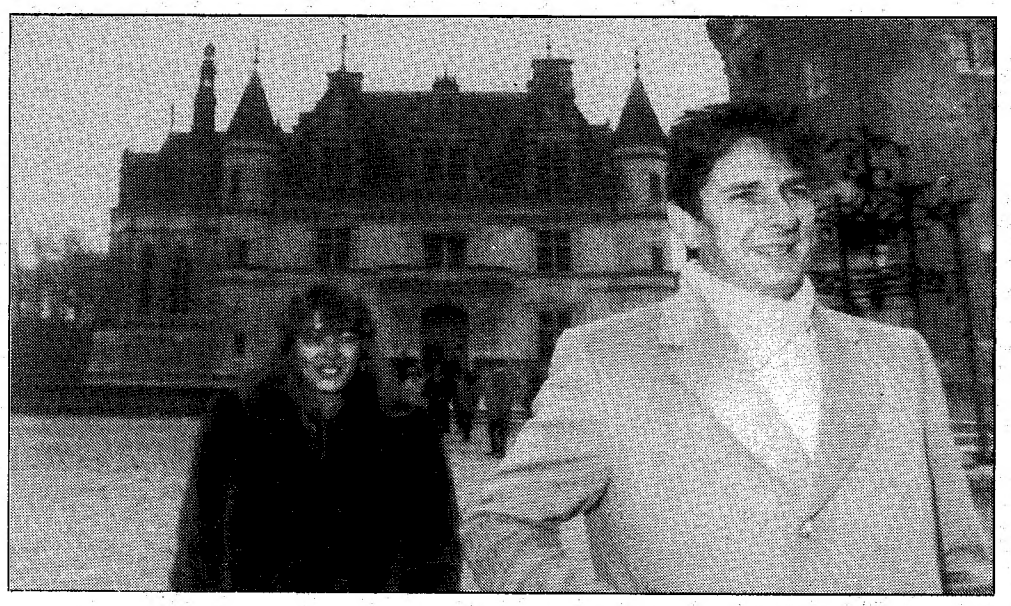
Numa simplificação algo grosseira e bastante moralista a esquerda brasileira imediatamente rotulou Collor como «O Candidato da Direita», acusando-o de ser uma mera invenção dos média (com a odiada Globo à cabeça), uma espécie de «menino bonito» manobrado pelos sectores mais atrasados da sociedade brasileira, um «boneco oco» escolhido apenas pelas suas facilidades audiovisuais. Era como se Ronald Reagan tivesse conseguido surgir no Brasil, quarenta anos mais novo...

**Há um ano atrás ninguém considerava Collor de Mello um candidato «a sério». Hoje ele tem o Brasil nas mãos**

Para ajudar, Fernando Affonso Collor de Mello tem o tipo de biografia que provoca calafrios a qualquer intelectual de esquerda da classe média brasileira que se preze. Nasceu em «berço de ouro», descendente pelo lado paterno de uma tradicional família de latifundiários alagoanos, tendo o seu pai, Arnon de Mello, garantido um lugar no Senado, quer durante o período democrático, quer durante os Governos militares.

O senador Arnon foi o principal responsável pelo início da carreira política do filho, então com 29 anos, quando conseguiu que o Governo do general João Baptista Figueiredo o nomeasse presidente da Câmara de Maceió, capital do Estado de Alagoas, em 1979. Para o jovem Collor foi a entrada na idade da razão, depois de uma juventude de «menino rico», com namoros, festas, viagens, no «dolce far niente» a que poucos brasileiros têm acesso, apenas interrompido por um curso de Economia com muito pouco brilhantismo e uma vaga posição na administração dos negócios da família.

Em 1976 todas as colunas sociais anunciavam o seu casamento com Lilibeth Monteiro de Carvalho, a rica



**Na semana passada, Collor de Mello e a sua mulher, Rosane, visitavam um castelo no vale do Loire, em França. Os dez dias de férias luxuosas só foram interrompidas por uma reunião, em Roma, com assessores económicos**

inflação (que neste momento ameaça transformar-se em hiperinflação) a principal responsável pelos problemas dos brasileiros. Atingiu os 52 por cento ao mês, em Dezembro, numa taxa anual de cerca de 1600 por cento. Collor já afirmou que no dia 16 de Março começa imediatamente a combatê-la. Não há muitos economistas no Brasil que pensem que é possível reduzir a inflação sem diminuir o gigantesco déficit interno, hoje em dia muito mais preocupante do que a dívida externa de 120 milhões de dólares. Esta, embora continue a ser a maior do mundo, pode ser controlada desde que se consiga uma baixa das taxas de juros, coisa com que até os banqueiros internacionais credores do Brasil parecem estar de acordo.

**A dívida interna**

Para financiar a sua divída interna, o Governo brasileiro tem emitido títulos postos no mercado a taxas de juro que chegam a atingir os 3 por cento ao dia. Isto não só alimenta uma espiral inflacionária que parece não ter fim, como desvia os investimentos do sector produtivo para a especulação financeira.

A principal assessora económica do novo Presidente, Zélia Cardoso de Melo, prometeu que a inflação iria baixar para três por cento ao mês num prazo de 18 mêses. Esta declarção fazia prever um combate gradual à inflação, sem os choques do passado ( muitas vezes implicando até na mudança de moeda), de triste lembrança no Brasil. Foram os Planos Cruzado, Bresser, Verão, Cruzado II, todos promovendo o congelamento de preços e salários, que provocavam a falta de mercadorias nas lojas e um estoiro na inflação quando finalmente falhavam.

A Argentina experimentou este tipo de solução depois da eleição de Carlos Meném para a presidência da república há seis mêses.

Nos últimos dias a inflação voltou à Argentina ainda com mais força, levando o pânico aos assessores de Collor, que promoveram sucessivas reuniões entre os principais economistas do Brasil, para analisarem aquilo que tinha corrido mal no segundo maior país da América do Sul, cuja economia tem muitas semelhanças com a brasileira.

**Collor interrompe férias**

O próprio Collor teve que interromper as suas luxuosas férias de dez dias, para chamar a Roma, onde se encontrava, Zélia Cardoso de Melo e um jovem economista de 35 anos, Daniel Dantas, que de um momento para o outro viu subir vertiginosamente as suas chances de se tornar o ministro do sector.

Parece que o tratamento de choque à inflação continua previsto mas agora complementado com outras medidas (mais efectivas que o simples despedimento de funcionários públicos), tais como uma reforma fiscal.

A diminuição do déficit interno também se faz através de um aumento das receitas e é natural que Collor não só eleve os impostos, como regularize as contas fiscais de muitas empresas devedoras. As privatizações podem ser outra fonte de receitas, embora necessitem do aval do Congresso.

Collor continua a manter segredo sobre quem serão os futuros ministros, já se sabendo que dificilmente serão do restrito grupo de assessores que o conduziram à vitória nas urnas. Eles vão manter as mesmas funções de assessoria, mas as pastas ministeriais, como o próprio Collor já informou, são para a «composição política».

Se Daniel Dantas for confirmado no cargo, poderá dar o tom ao Executivo de Collor, ou seja, caras novas ou pouco comprometidas com os Governo anteriores, com posições moderadas e bem preparados tecnicamente.

Se a necessidade da «composição» for posta acima de tudo, indo buscar políticos desacreditados para os ministérios, o caminho para a mudança de que o Brasil precisa, poderá ser muito mais sinuoso, aumentando ainda mais as dificuldades que à partida Collor terá que enfrentar.

**Duarte Calvão**

---

herdeira de um dos maiores conglomerados económicos brasileiros, o Grupo Monteiro Aranha. Divorciaram-se em 1982, com dois filhos, tendo, no entanto, ficado amigos. Tal amizade justifica em parte que o Monteiro Aranha tenha sido um dos apoiantes financeiros da candidatura de Collor, desde a primeira hora.

**A briga com Sarney**

Terminado o mandato em Maceió, Collor de Mello candidata-se em 1983 a deputado federal por Alagoas, filiado ao partido que sustentava a ditadura, o PDS. É eleito com 400 mil votos, número recorde no Estado. Na Câmara de Deputados, assume duas posições contraditórias: em 1984, contrariando as indicações do seu partido, vota a favor das eleições directas para Presidente e, um ano depois, apoia o candidato desse mesmo partido, Paulo Maluf, que irá ser o padrinho do seu segundo casamento com Rosane Malta, também ela oriunda de uma tradicional família alagoana.

Com a derrota de Maluf, vencido por Tancredo Neves, muda de lado passando-se para o vitorioso PMDB, o maior partido de oposição à ditadura militar. Carregado pela onda de popularidade do início do Governo Sarney, quando ainda se acreditava no Plano Cruzado, é eleito governador de Alagoas, em 1986. É então que Collor de Mello se torna numa figura conhecida nacionalmente, ganhando a alcunha de «caçador de marajás». Estes marajás eram funcionários públicos estaduais que acumulavam ordenados por empregos fictícios. Collor «caçou-os» numa briga que ficou como exemplo da corrupção descarada da máquina administrativa no Brasil inteiro. Nessa briga, que envolveu recursos judiciais, pressões políticas e manobras várias, não recebeu o apoio do Governo central, criando atritos com um Sarney já em nítida queda de popularidade.

A ruptura completa com o Presidente deu-se quando este último pediu o apoio aos Governadores do PMDB para prolongar o seu mandato por mais um ano. Dos 22, Collor foi o único a responder negativamente.

Ao que parece, foi numa visita oficial a Pequim que surgiu a ideia de se tornar candidato à presidência, durante um jantar com os seus assessores mais próximos, os deputados Renan Calheiros e Cleto Falcão e o jornalista Cláudio Humberto Rosa e Silva, na altura quase desconhecidos. Hoje eles são os «homens do Presidente», vindo se a juntar ao grupo o embaixador Marcos Coimbra, cunhado de Collor, o seu filho Marco António Coimbra, um cientista político doutorado pela Universidade de Manchester que à frente de um instituto de sondagens, o Vox Populi, estudou as reacções do eleitorado à imagem e às propostas do candidato, a economista Zélia Cardoso de Melo e o irmão mais velho, o publicitário Leopoldo Collor de Mello.

Collor procurou então um espaço para a sua candidatura dentro PMDB. Porém a ideia foi recebida com frieza e o os barões do partido mandaram dar-lhe o recado de que, quando muito, poderia ter ambições em concorrer a vice-presidente. O Governador de Alagoas decide então sondar o Partido Social Democrata Brasileiro (PSDB), uma dissidência de esquerda do PMDB que arrastou para fora do partido os melhores quadros intelectuais e importantes líderes como o senador Mário Covas.

Aliás, antes do jantar de Pequim, Collor apoiava Covas para a presidência e só a demora do senador em assumir-se como candidato o levou a procurar outras «aventuras». No PSDB também ninguém se interessou muito em conversar com o candidato a candidato e Collor acabou por procurar a minúsculo Partido da Juventude, que transformaria mais tarde no PRN - Partido Renovador Nacional.

Como curiosidade diga-se que os partidos que desprezaram Collor - PMDB e PSDB - conseguiram respectivamente quatro e dez por cento para os seus candidatos, Ulisses Guimarães e Mário Covas. Os dois juntos tiveram metade dos votos que Collor obteve na primeira volta. Sorte de principiante...

**D.C.**

---

**COMENTÁRIO**

# Exercício de esperança

Fala-se sempre do Brasil como uma incógnita em estado de salvação possível pelo exercício da esperança. Assim já foi e assim permanece no tempo presente. Depois do quadro das últimas semanas, entre os episódios mais ou menos picarescos da campanha presidencial, descobrimos que os cidadãos escolheram o novo, o diferente, desgostados pelo fracasso dos anos da abertura, transformados em democracia desejada. Eles repudiaram alianças políticas de conveniência, unidos na convicção de que o país precisa de evoluir em mudanças profundas, no espírito da nova Constituição, que em Outubro lhes foi marca para um tempo diferente, a partir de agora.

Collor de Mello recebe da maioria um aval de confiança e, apesar das reservas de muitos, prevalece o crédito à sua palavra de que vai conciliar o diferente, para a possível salvação de todos. Até hoje, não têm resultado no Brasil os programas de campanha, mas uma vez que é o país impossível de definir através de articulações lógicas de raciocínio, há que permanecer ainda em estado de esperança. Houve no mundo inteiro, ultimamente, uma atenção maior à realidade do país. Soubemos a dívida interna e os credores internacionais, a filosofia da Igreja, a questão da Amazónia, os conflitos sociais, a ordenação civil das favelas e a onda de sequestros. Sem falar dos anseios das classes médias, dos discursos dos cabos eleitorais e dos campeonatos de «surf» no Rio de Janeiro.

Muitos registos para a múltipla e indefinível face do país, e para o mistério em que permanece a Brasilidade. Mistura, sim, de três sangues na sensualidade do ar, do corpo e dos sabores, da música e do convívio. Vivência extremada de vida e morte, a euforia dos grandes momentos, a tragédia das dores absolutas, fronteira invisível de medo que no ritmo do quotidiano dá uma velocidade alucinante a todas as coisas. Sentido de todo o infinito improviso, a começar com o café da manhã de cada dia, acompanhado pela notícia do jornal, com a indignação, a surpresa ou o fantástico estampados a cada linha do acontecer.

Portugal e o Brasil, quer a gente queira, quer não, continuam longe. Divididos pelo drama dos aviões esgotados, o fuso horário diferente, a estação dos correios, a escassez de comunicação, para além do que se diz em discurso formal, oficioso, de ocasião. E mais, com o Oceano pelo meio, a língua escrita que nos separa, o gesto em desacerto. Chegam-me notícias de lá, as pessoas vivem em contentamento, «driblando» o salário mínimo de 50 dólares mensais, ao gosto do Terceiro Mundo, e da inflação de talvez 60 por cento ao mês, prevista pelos entendidos. Temos de falar destas e outras coisas, reinventando um sistema de mala postal directa, para dizer aqui e lá o que acontece nos quotidianos à nossa volta. Por escrever, lembro o meu amigo Alfredo Grieco, que uma vez no Rio me disse: « É que entre Portugal e o Brasil sempre houve uma História Trágico-Marítima».

Leonor Xavier

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
**Joaquim Manso** (1921/1956)
**Norberto Lopes** (1956/1967)
**António Ruella Ramos** (1967/1989)

Chefe de Redacção
**Acácio Barradas**
Chefes de redacção-adjuntos:
**José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal
**João Paulo de Oliveira**
Coordenadores de Secção:
**Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão**

Redactor-paginador
**António Ribeiro Ferreira**

Redacção e reportagem fotográfica:
**Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa ,Rui Nunes e Rui Pacheco**

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
**Ribeiro da Silva** (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
**José António Carvalho, Jorge Santos, Nuno Teixeira e Óscar Figueiredo**

Secretária de Direcção
**Maria Eduarda Soutelio**
Secretaria de Redacção:
**José Agostinho** (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
**Luísa Valadas**

Gestor de Informática
**Luís Canteiro**

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

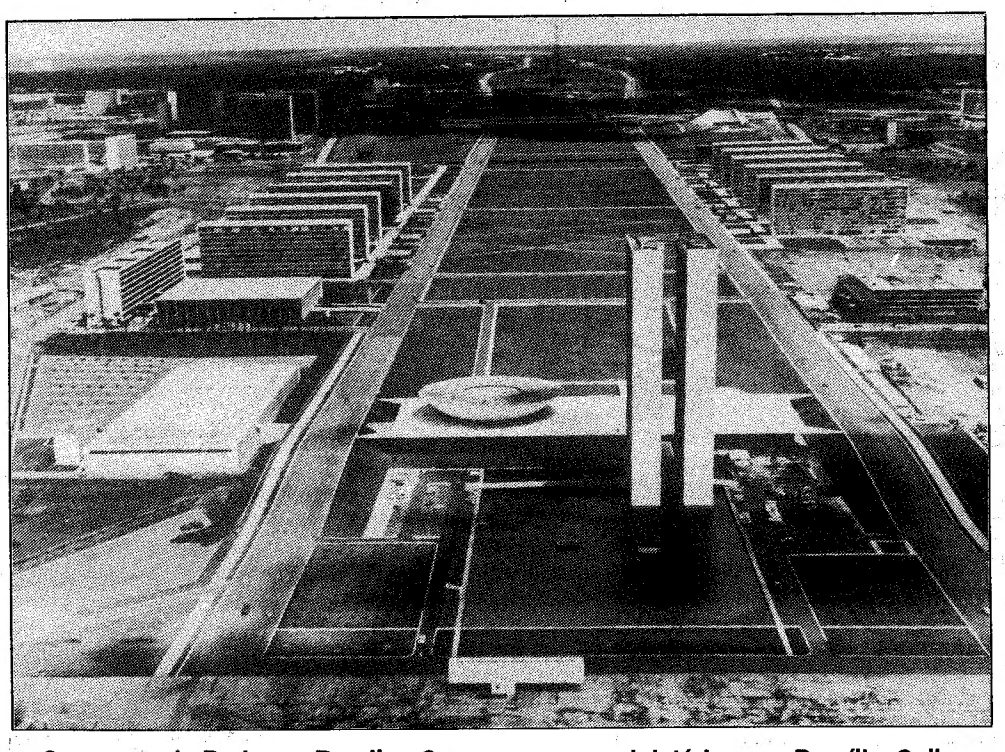
GRANDE ANGULAR

# O Verão da desesperança

**Da nossa correspondente no Rio de Janeiro**

De repente, outro Verão carioca: um dia a gente abre a janela e percebe que há uma coisa diferente no ar, excitação, febre sem relação direta com o calor que marcam os termómetros. E aí a gente sai para a rua e descobre que mais uma vez a cidade se prepara para obedecer colectivamente ao sinal impreciso e indecifrável dos tempos, à ordem tácita e primeva que vem com o Sol, e define os rituais mais visíveis desta tribo (cari-oca) paradoxalmente sofisticada e urbana.

As praias ficam cheias, as cigarras cantam (onde estavam?), os bares não fecham, as roupas nos despem, o asfalto derrete. Há palavras de ordem que não são ditas, mas que ditam, apesar disso, um comportamento urgente e uniforme. Na redação do Caderno B do «Jornal do Brasil», espécie de órgão oficial da orla marítima, as antenas ficam inquietas, e tentam captar as subtis variações que dão a cada Verão a sua característica particular - a sua moda e a sua musa, o pedaço de praia que ficou chique e o que caiu em desgraça, virando reduto de turistas, fadados a viver sempre o Verão do ano passado. O rádio e a televisão não têm, aparentemente, outro assunto - até emissoras paulistas, como a TVS, deslocam equipes inteiras para o Rio para registar o fenomeno.



**O coraçao do Poder no Brasil: o Congresso e os ministérios, em Brasília. Collor pretende o apoio do primeiro e reduzir os outros a metade**

Esta atenção não é um exercício de trivialidade, mas uma busca de sintonia com os elementos fundamentais da cidade que ainda é a capital emocional do país e que, afinal, sobrevive por pura mitologia. A história do Rio se confunde com a história dos seus verões: como esquecer o de 1968, em que a praia de Ipanema se levantou todinha e aplaudiu, de pé extasiada, ao pôr-do-sol mais bonito da temporada? Ou o de 1987, mais conhecido como o «Verão da lata» - em que milhares de latas de maconha, lançadas ao mar pela tripulação do navio «Solana Star» (que fugia da polícia), vieram gentilmente dar às praias, numa versão psicodélica da multiplicação dos peixes?

Mal e mal começado, o Verão 90 tem tudo para se tornar inesquecível mas pelo avesso da felicidade. Este é, desde já, o Verão da ressaca política, aquele que sepultou de vez o mito do brasileiro cordial. Seria preciso toda uma esquadra de «Solana Stars» para apagar do coração de tantos cariocas a amargura de uma campanha presidencial sórdida, que jogou irmão contra irmão, e que revelou, em inesperada e dolorosa amplitude, o aterrorizante potencial fascista da esquerda - a nossa esquerda! - aquela parcela da população que por «esquerda» definiríamos há tão pouco tempo.

Quem vem de quase trinta anos militares, e que ainda não esqueceu a truculência de que é capaz a direita, sentiu (sente) na alma a estéril suspeita de que o ser humano talvez seja mesmo um animal inviável.

Mas - sem desespero, por favor - *sursum corda!* É possível que a mágica carioca funcione de novo, e que a ferida dessa triste constatação já esteja cicatrizada aí pelo carnaval: milagres acontecem. Mais difícil vai ser chegar ao carnaval, com o presidente ineleito José Sarney compondo poemas na Praia do Calhau, e o presidente eleito Fernando Collor voando mundo. A bordo do espantoso Verão de 1990, o Brasil vive a situação rigorosamente inédita de, tendo dois presidentes, não ter nenhum.

**Cora Ronai**

# Portugal e Brasil, dois países separados por consoantes mudas

«Os lisboetas podem perder as ilusões. Não vai ser a sua pronúncia que vai dominar a língua portuguesa», afirma o prof. António Houaiss. Hoje, este linguista brasileiro considera-se «um céptico» quanto ao futuro do projecto de Acordo Ortográfico que, em Maio de 1986, assinou com os seus colegas portugueses «ali ao lado», ou seja, no centenário edifício da Academia Brasileira de Letras, no centro do Rio de Janeiro, vizinho do moderno prédio do Centro de Cultura Brasileiro, onde conversamos com ele.

Houaiss assegurou praticamente sózinho as posições do Português do Brasil nesse encontro com a delegação portuguesa chefiada pelo presidente da Academia das Ciências de Lisboa, Jacinto Nunes, que incluia cinco linguistas: Lindley Cintra, Maria de Lourdes Belchior, Malaca Casteleiro, Fernando Cristovão, Helena Rocha Pereira e Américo da Costa Ramalho.

Para o académico brasileiro foram, são e, provavelmente continuarão a ser as consoantes mudas as principais responsáveis pelo desacordo entre Portugal e Brasil. Um desacordo que, segundo Houaiss, continuará a fazer com que «a quinta ou sexta língua mais falada no mundo tenha a inconveniente característica de possuir duas grafias».

Quanto às outras duas propostas polémicas do projecto, a supressão dos acentos nas proparoxítonas (exdrúxulas) e o emprego do hífen, Houaiss não hesita em classificá-las de «irrelevantes» (embora defenda que as confusões que, segundo os críticos, essas supressões iriam causar, só fossem possíveis em «textos forjados»), perante a importância da questão das consoantes mudas. Aliás um ante-projecto da Academia das Ciências de Lisboa apresentado no ano passado já consagrava essa solução mais consensual. Mesmo assim a Comissão Nacional da Língua Portuguesa, organismo criado pelo Governo após a controversa tentativa de acordo, deu parecer desfavorável ao anteprojecto, depois de ter consultado associações de «utentes privilegiados», como professores, escritores, jornalistas, etc

**Conferência de Imprensa, em Lisboa, contra o Acordo Ortográfico, com a presença de Borges de Macedo, Vasco Graça Moura, Vilaverde Cabral e Miguel Esteves Cardoso, entre outros. Um «ponto de honra» do nacionalismo português**

### Vaidades e melindres lisboetas

O linguista brasileiro responsabiliza a «vaidade e melindres regionais dos lisboetas» e uma «concepção do século XIX, considerando que fora de Portugal só se fala «pretoguês», por esta rejeição radical, que transformou as consoantes mudas num «ponto de honra do nacionalismo português». Como exemplo «do infinito ridículo» desta postura, Houaiss cita a análise de Vasco Graça Moura, segundo a qual por detrás deste acordo estaria a ambição brasileira de conquistar a Portugal a influência sobre as ex-colónias africanas.

«É claro que este tipo de posições deixa os brasileiros muito tristes, porque embora augurando que Portugal se vai transformar numa grande potência, acham que o Brasil também tem algumas hipóteses» - comenta ironicamente António Houaiss. O que é facto é que «não se vai aumentar a confusão no já extremamente deficiente sistema de ensino brasileiro, com a adopção das consoantes mudas».Logo, o «divórcio» parece inevitável não só para o «céptico» Houaiss, mas também «para todos, portugueses e brasileiros, que defendem a Língua como um bem comum e não como propriedade de alguns iluminados».

Concluindo, o académico brasileiro deixa um aviso aos adversários do Acordo: «A curto prazo a inflexibilidade em não alterar a ortografia pode parecer uma glória nacional, mas a longo será muito prejudicial que uma das línguas mais faladas do mundo seja escrita de duas maneiras diferentes».

**D.C.**

FORUM

# O ARCO DE SANTANA

O dr. Pedro Santana Lopes, novo secretário de Estado da Cultura, declarou a um semanário o seguinte:

– Sou sempre chamado nas alturas difíceis!

Há, nesta frase difícil, algumas facilidades.

Que é, por exemplo, o ficar a saber-se que, quando as alturas não são difíceis, não chamam o dr. Pedro Santana Lopes.

Que, quando as alturas são fáceis, chamam outros.

Havendo, porém, nesta frase fácil, algumas dificuldades.

Desde logo, a questão de se saber para quem são difíceis as alturas, quando chamam o dr. Pedro Santana Lopes.

E a questão de se saber se as alturas, quando chamam o dr. Pedro Santana Lopes, sendo difíceis, se tornam fáceis.

Isto eventualmente porque, tornando-se fáceis as alturas, por ter sido chamado o dr. Pedro Santana Lopes, o dr. Pedro Santana Lopes deixa de ser necessário.

Foi assim quando o chefe do Governo chamou o dr. Pedro Santana Lopes, pela primeira vez.

Sendo, para o chefe do Governo, porque chamou o dr. Pedro Santana Lopes, uma altura difícil, parece que, a brevíssimo trecho, o chefe do Governo verificou ser mais fácil, para o Governo, e sobretudo para ele, chefe de Governo, suspender a chamada do dr. Pedro Santana Lopes.

Foi, de algum modo, assim no Parlamento Europeu.

Prevendo o chefe do Governo que o Parlamento Europeu poderia experimentar uma altura mais difícil que o Governo português, decidiu o chefe do Governo participar nessa dificuldade chamando o dr. Pedro Santana Lopes a Estrasburgo. Ora, verificando-se que, apesar da participação do dr. Pedro Santana Lopes, não se confirmou que o Parlamento Europeu experimentasse uma altura particularmente difícil, embora o Governo português experimentasse, ele sim, justamente na ausência do dr. Pedro Santana Lopes, uma altura notoriamente mais fácil.

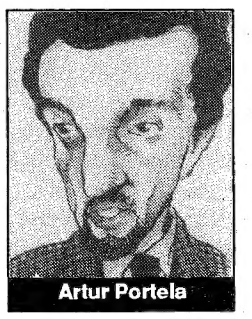
Foi assim, de algum modo, no Sporting Clube de Portugal.

A altura era difícil. Mas, sendo, no Sporting Clube de Portugal, todas as alturas difíceis, não chamaram o dr. Pedro Santana Lopes, porque, havendo o risco de, chamando-o, se criar uma altura ainda mais difícil, se considerou preferível chamar outro, chamando-se o dr. Pedro Santana Lopes só quando ocorresse, no Sporting Clube de Portugal, o verdadeiramente difícil, que é ser fácil, a altura.

Na PEI, foi assim, de algum modo.

Chamaram o dr. Pedro Santana Lopes na previsão de que a altura havia de se tornar difícil. Tornando-se, com ele, a altura fortemente difícil, o dr. Pedro Santana Lopes saiu na expectativa de que a altura se tornasse ainda mais difícil, para voltar a entrar. Afirma-se, porém, que a PEI está a fazer um esforço colossal no sentido de que as coisas não se tornem mais difíceis. Por um lado, porque, tornando-se as coisas mais difíceis, corre-se o risco de que se tornem insustentáveis. Por outro lado porque, tornando-se insustentáveis, corre-se o risco de se chamar o dr. Pedro Santana Lopes.

Está, de facto, de tal forma arreigada, neste País, a ideia de que, quando as alturas são difíceis, há sempre alguém que chama o dr. Pedro Santana Lopes, que o sector político, o sector empresarial e o sector desportivo estão violentamente empenhados em se manterem, por maiores dificuldades que encontrem, em alturas fáceis.



Artur Portela

O próprio chefe do Governo, que sabe o que está em causa, porque, geralmente, é ele que chama, ou não chama, o dr. Pedro Santana Lopes – sendo esse, dizse, um dos problemas, e não dos menores, do dr. Pedro Santana Lopes – chamou o dr. Pedro Santana Lopes, que é sempre chamado nas alturas difíceis, só depois de ter chamado o eng. Carlos Brito e o dr. Manuel Pereira, que são geralmente tidos como homens a chamar sempre em alturas fáceis.

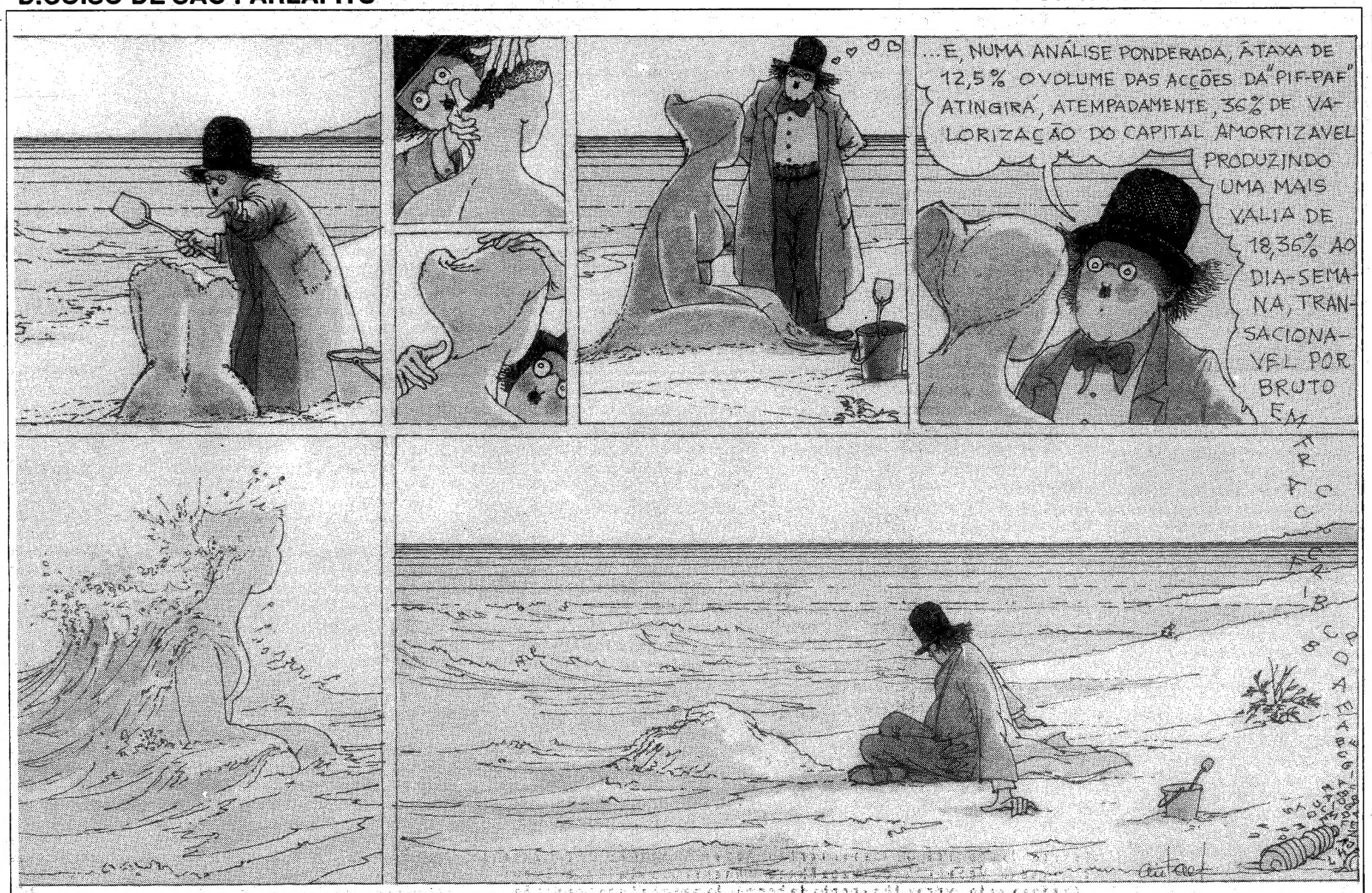
Ficando-se sem se saber se, para o chefe do Governo, a altura é predominantemente fácil, por ter chamado o eng. Carlos Brito e o dr. Manuel Pereira, ou é predominantemente difícil, por ter chamado o dr. Pedro Santana Lopes.

E se, para ele, chefe do Governo, a altura é predominantemente fácil, apesar de ter chamado o dr. Pedro Santana Lopes, ou se é predominantemente difícil, apesar de ter chamado o eng. Carlos Brito e o dr. Manuel Pereira.

Por tudo isto, há, talvez, uma última questão a colocar e que é a seguinte – o dr. Pedro Santana Lopes, além de ser chamado nas alturas difíceis, que é que sabe fazer?

## "D.COISO DE SÃO PARLAPITO"

## Cartoon de António Alfredo



## CARTAS NA MESA

### Auto- estrada Lisboa-Porto

A BRISA, Auto-Estradas de Portugal, S.A., dirigiu ao nosso director, assinada pelo chefe de serviço das Relações Exteriores e Publicidade, a seguinte carta:

«No jornal 'Diário de Lisboa' que V. Exa. dirige, foi, no passado dia 26 de Dezembro, publicado um artigo encimado pelo seguinte texto: 'Auto-estrada LISBOA-PORTO: obras começaram há trinta anos'.

É louvável o interesse do vosso jornal pelo tema das auto-estradas e na nossa qualidade de concessionária pela construção, conservação e exploração da actual rede, é-nos grato registar esse interesse.

Verificando-se, porém, no texto do referido artigo, algumas incorrecções, permita-nos que leve ao vosso conhecimento os elementos exactos de forma a esclarecer o redactor do artigo.

Na verdade, refere o texto em questão que os sublanços que ligarão Torres Novas a Fátima e Fátima a Leiria terão o início das obras no segundo semestre de 1991. De facto, não é essa a realidade pois, a construção daqueles troços já começou e a data referida pelo redactor está prevista sim para a conclusão das obras e abertura ao tráfego e não para início da construção.

Igualmente carece de rectificação a referência que no texto em questão se faz, no que respeita à data prevista para a ligação directa por auto-estrada entre Lisboa e o Porto.

Na verdade, o contrato actual prevê que no 2.º semestre de 1992 seja possível fazer-se a ligação directa por auto-estrada entre as duas cidades. Contudo, foram tomadas medidas, já em curso, para a antecipação daquele prazo.

Finalmente, no último parágrafo do artigo, diz-se que os sublanços entre 'Leiria/Pombal e Pombal/Condeixa serão postos a concurso a curto prazo'.

De facto, não é assim, pois à data da publicação daquele artigo (26 de Dezembro de 1989) já a adjudicação da construção daqueles sublanços havia sido efectuada em cerimónia pública, ocorrida no Governo Civil de Coimbra em 27 de Novembro/89.»

# A COMIDA É MAIS IMPORTANTE DO QUE A POLÍTICA!

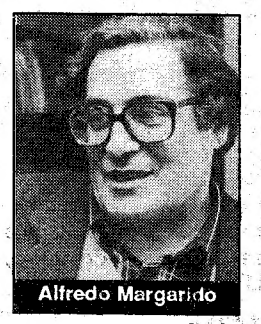
Estamos em meses _ Dezembro e Janeiro _ em que se come e bebe à tripa-forra. A expressão portuguesa é certamente a mais bela da Europa, uma vez que se diz claramente que, nos dias correntes do ano, a tripa não está livre, quer dizer que está «prisioneira» das insuficiências do dia a dia. Umas poucas vezes por ano as famílias, os grupos, as sociedades, podem inscrever-se nos consumos deliberadamente ostentatórios e a tripa liberta-se, como os escravos. Forros estas, forras aquelas.

Não há, nas línguas europeias, nenhuma fórmula que contenha uma lição social e sociológica tão profunda, traduzindo de resto a insuficiência alimentar que dominou a sociedade portuguesa, tal como caracterizava as sociedades europeias. Eram poucas as vezes em que se podia comer à tripa-forra, pelo que se compreende o fausto que serve de moldura a estas operações rituais e ritualizadas. Comer não é nunca uma operação simples, e estes dias de mercearias, grandes superfícies, restaurantes, pastelarias cheios de compradores, servem para sair do ramerrão culinário.

Deite-se um olhar mais sistemático a estas operações ostentatórias que servem para fornecer o seu carácter profundo às cerimónias rituais; dos casamentos aos baptizados e vice-versa, e há-de verificar-se que o que cria o laço mais profundo entre os grupos não reside no político, como pretendia ainda Aristóteles, que queria que o homem fosse essencialmente um «animal político». O que os associa, o que lhes permite uma identificação profunda, é a maneira de comer. Diz-me o que comes, dir-te-ei a que civilização, ou a que grupo pertences.

Quando, no estrangeiro, na emigração ou no exílio, os portugueses se querem encontrar e participar no mesmo fundo comum, a cozinha ajuda-os a cumprir essa tarefa ritual: a bacalhauzada ainda hoje pode servir de ponto de referência e de encontro. Ou o cozido com todos. Ou ainda, e mais modestamente o caldo verde. Graças à cozinha, graças ao prazer do palato, graças ao conforto do estômago, os portugueses podem reconhecer-se, seja qual for a sua escolha política. A cozinha caracteriza-se precisamente pelo seu carácter transpolítico, e o prazer dos monárquicos _ parece que ainda sobrevivem, estes fósseis do político! _ não pode ser diferente do experimentado pelos anarquistas _ desgraçadamente em via de redução sensível.

O mesmo se pode verificar em relação a outros grupos, por exemplo os nossos amigos brasileiros, tão telenovelizados: quando os brasileiros decidem encontrar-se como grupo que são, escolherão certamente uma das variantes da feijoada, com feijão preto, à carioca, ou com feijão tropeiro, à mineira. Mas num como no outro caso, o que predomina é o sentimento nacional, que não se detém nas fronteiras dos colloristas ou dos lulistas, para criar os neologismos capazes de designar os adeptos dos candidatos recentes à Presidência da República brasileira.



Alfredo Margarido

De quando em vez esquece-se que o homem, condenado tanta vez ao pão seco, sempre sonhou com os melhores condutos. Talvez esta palavra comece a cair em desuso, mas ela serve para indicar «aquilo que se come habitualmente com o pão». Quer dizer que a fórmula que nos diz que «nem só de pão vive o homem», pode ser interpretada de várias maneiras. Decidiu-se que queria ela manifestar a pulsão metafísica do homem, o seu apetite de transcendência, quando não de divino. Deixem-me que corte cerce estas maneiras espirituais de considerar a questão.

A fórmula quer simplesmente manifestar o profundo apetite do homem pelas coisas comestíveis, que tantas vezes lhe escapam, voando, correndo, nadando. O engenho do homem começou por se exercer no único lugar que lhe permitia sobreviver, manifestando a sua superioridade perante os concorrentes: colhendo, esmagando, cosendo, assando as plantas. Perseguindo os animais, antes de os domesticar, sempre com o mesmo objectivo: comê-los, claro, após os ter utilizado no trabalho. Mas toda e qualquer relação do homem com a Natureza, deve levar a esta operação singular e indispensável: reconhecer o que é bom, comê-lo em seguida.

**Diz-me o que comes, dir-te-ei a que civilização, ou a que grupo pertences**

Não sei se foi Claude Lévi-Strauss que escreveu algures que aquilo que é bom para ser pensado, é bom para ser comido. A fórmula é envolvente, porque nos explica que tudo, nas nossas civilizações, passa pelo apetite e pela boca. Pois não é ainda verdade que, como tantos outros povos, somos oralmente antropofágicos: quem não ouviu os homens dizer que fulano «comeu a miúda»? Tão verdade é que aquilo que não passa pela cozinha e pela boca não possui uma existência profunda. Daí que os povos se autonomizem, em primeiríssimo lugar, não por via da política, como ainda se teima em pensar, mas pela única construção possível: a da cozinha.

Se quisermos ainda prolongar esta reflexão, podemos verificar que a evolução da cozinha depende de uma modificação constante das relações do homem com a Natureza e com as técnicas. As modificações das relações com as plantas, a sua domesticação, só podem explicar-se em função das questões de gosto. Ao modificar constantemente a lógica do paladar, o homem foi forçado a alterar as técnicas da produção agrícola, o que lhe permitiu alterar as formas da cozinha. E enquanto os oleiros não inventaram as panelas, como elaborar os olhos que tornam tão profundamente untuosas as coisas deste mundo?

Por outro lado, à medida que as técnicas da cozinha se reelaboram, foi necessário refinar as maneiras de estar à mesa. Não vou alargar-me sobre este aspecto, embora tratando-se de práticas que caracterizam as populações: só há muitos poucos séculos aprendemos a estar à mesa como nos lembram tanto Erasmo como Norbert Elias. O meu objectivo é evocar a maneira como cada grupo organiza a sua panóplia culinária, que se constrói devido a um duplo movimento; invenção interna, que cria a autonomia, e rejeição daquilo que os outros comem: já se reparou que recusamos comer cuscus há séculos, se bem que tivéssemos sido o primeiro grupo europeu a encontrar esta preparação culinária na costa ocidental africana e os primeiros a escrever a palavra, como lembra Raymond Arveiler?

Cada grupo organiza uma espécie de espírito nacional culinário, cujas fronteiras são tão definidas e tão resistentes como as políticas. Mais ainda, as fronteiras políticas não conseguem nunca dissolver a importância das fronteiras culinárias: os húngaros que hoje habitam a Roménia não se transferiram para a polenta e continuam fiéis ao gulache. E sempre que um húngaro romenizado por Yalta se instala à mesa, diante do seu gulache doméstico, desmente, graças à cozinha, graças ao palato, a sua falsa condição de romeno.

O que me leva a anunciar esta verdade simples, que todavia tem sido cuidadosamente escamoteada: o que cria, em primeiríssimo lugar, a consciência nacional não é de modo algum a elaboração política, mas a invenção da cozinha. Os homens que decidem criar as estruturas políticas, são aqueles que começaram por inventar um território, não o da nacionalidade, mas o da agricultura, naturalmente associada à cozinha. As operações ostentatórias, que permitem ou autorizam que se coma à tripa-forra, são indispensáveis à reconciliação dos indivíduos, consigo próprios, com a família, com a comunidade, com a nação.

Os americanos, que não possuem a mesma relação com a aldeia, ou a região que os europeus, inventaram a «fast-food», com todas as variantes macdnalizadas que se possam imaginar. Trata-se, como é evidente, de uma não-sozinha, que mais não faz do que reflectir as condições difíceis em que se operou a colonização da América do Norte (Estados Unidos, acrescentados pelo Canadá). Mas semelhante operação constitui uma profunda desvalorização dos elementos culturais europeus e talvez tenham razão os que procuram opor um dique a esta operação descaracterizadora.

Talvez não seja possível manter uma resistência eficaz face a esta vaga, pela razão simples de que a nossa cozinha tradicional se organizou para reforçar a dominação da mulher pelo homem: quem senão as mulheres, passou uma parte da sua existência diante do fogareiro, da lareira, do fogão, para multiplicar os petiscos que servem de suporte à consciência nacional? Ora o que se verifica hoje é que as mulheres rejeitam essa dominação, em proveito da sua liberdade _ com a qual não podemos deixar de estar de acordo _ mas em desproveito da nossa própria substância cultural.

# POLÍTICA

## «Laranjinhas» criticam remodelação do governo

*Pedro Passos Coelho está bem colocado para substituir Carlos Coelho na liderança da JSD*

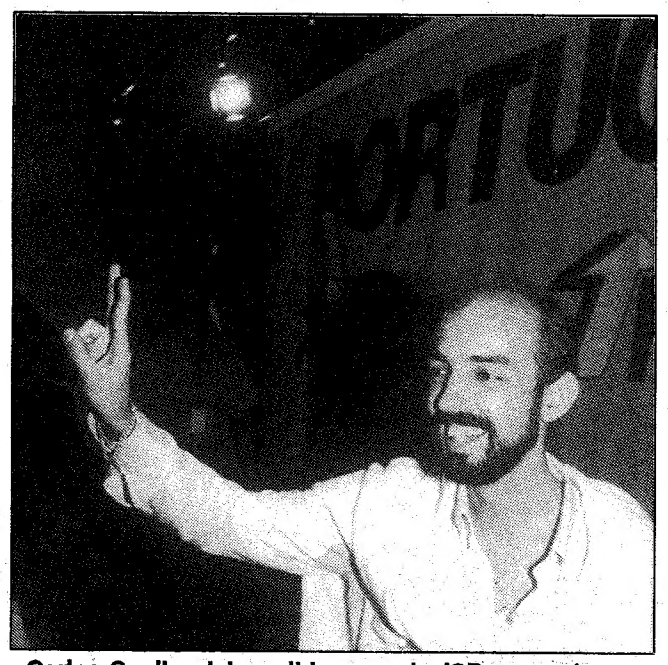
A Juventude Social Democrata manifestou alguma «reserva» relativamente ao modo como a remodelação governativa foi apresentada ao país. Na opinião dos jovens social-democratas, esta forma de revigorar o elenco do Executivo «poderá não ter contribuído favoravelmente para o estabelecimento de uma imagem de confiança e amadurecimento».

Porém, a JSD afirma que vai «esperar responsavelmente, mas com propósito de exigência continuada e com permanente e construtivo espírito de crítica que o novo Governo saiba vir a corresponder às expectativas nacionais».

Reunida no fim-de-semana em Conselho Nacional aquela estrutura juvenil do PSD decidiu , por unanimidade, antecipar o seu congresso nacional para os dias 9,10 e 11 de Março.

Carlos Coelho, o líder cessante da JSD, considerou que com esta decisão aquela estrutura «começa 1990 fazendo a todos os social-democratas o convite à renovação e rejuvenescimento». No seu entender, o facto de agora abandonar a liderança da Juventude Social-Democrata insere-se também nesse sentimento de reonovação.

Quanto a quem poderá vir a ser o seu sucessor, o actual



**Carlos Coelho deixa a liderança da JSD mas vai para "vice" do Grupo Parlamentar do PSD**

presidente da JSD afirmou que não quer sair a bem com todos, e considerou que «ainda é cedo para falar» das suas preferências. Não obstante, Pedro Passos Coelho é o nome com mais hipóteses para substituir o actual líder da JSD.

No decorrer dos trabalhos foi igualmente decidido, por unanimidade, aceitar o regulamento de participação da JSD no congresso nacional do partido, a realizar em Abril e no qual os jovens social-democras apresentarão uma moção de estratégia.

A propósito da situação interna do partido, a JSD considerou que se deverão «criar condições necessárias para que todos e em especial aqueles que constituem uma referência importante do PSD se possam aplicar com redobrada confiança na reconstrução da sua unidade».

De acordo com Carlos Coelho, «não pode deixar de caber directamente ao líder do PSD a iniciativa e a tarefa de construir esta unidade», no entanto, Coelho sublinhou ao DL que a partir de agora aquela estrutura deverá assumir também uma estratégia própria de afirmação.

**1990 é ano de luta para a JCP**

A direcção nacional da Juventude Comunista Portuguesa, JCP, considerou estarem reunidas as condições para que «1990 seja um ano de acção e luta da juventude portuguesa». Reunida também durante o fim-de-semana, a JCP abordou aspectos relacionados com o movimento juvenil português e com a sua própria actividade.

Segundo Amélia Pardal, do secretariado daquela estrutura , a situação social da juventude «sofreu um agravamento siginificativo», patente no «aumento de preços de bens e serviços de primeira necessidade, na «fortíssima taxa de desemprego juvenil», e na «situação gerada pela nefasta lei de acesso ao ensino superior».

Nesta reunião da direcção nacional da JCP foram definidas linhas de orientação para 1990, sobressaindo a luta contra o racismo e o ressurgimento de grupos neo-nazis, bem como o reforço da intervenção e organização daquela estrutura juvenil.

## UGT apoia reeleição de Soares

A UGT «apelou» a Mário Soares para que aceite recandidatar-se a novo mandato presidencial. Esta primeira posição pública de apoio à reeleição do Presidente da República foi divulgada por Torres Couto, no final de um encontro do executivo daquela central sindical, e vai ser ratificada no Conselho Nacional marcado para os dias 27 e 28.

Os dirigentes da UGT justificam o seu apoio à recandidatura afirmando que isso corresponde à vontade esmagadora dos trabalhadores portugueses que «nele vêem o garante da unidade nacional e do respeito escrupuloso pelo funcionamento democrático das instituições». Durante esta reunião foi também aprovadas bases de negociação sindical, como se refere na página 17.

**Mário Soares**

## PRD numa encruzilhada

*O futuro dos renovadores (dissolução ou reestruturação) foi adiado para o próximo Conselho Nacional*

Deputados e autarcas do Partido Renovador Democrático terão uma palavra a dizer quanto ao futuro da organização, no próximo Conselho Nacional a convocar pela Comissão Directiva.

Aquele órgão reuniu-se sábado, em Lisboa, mas não tomou uma decisão de fundo. Adiou a questão - reestruturação do partido para as próximas eleições legislativas ou a sua dissolução imediata - para a próxima reunião, a convocar pela Comissão Directiva dentro de três semanas. É muito provável, contudo, que uma decisão de tão grande importância só venha a ser tomada na próxima Convenção, a marcar pelo Conselho Nacional.

Na reunião devia estar em causa, apenas, uma eventual remodelação dos órgãos dirigentes do partido e a mudança sa sua estratégia eleitoral, já com os olhos postos na legislativa de 1991. O debate foi mais vivo e mais longe do que alguns previam, sendo posta claramente a questão do PRD se manter, ou não, como partido. Diversos observadores tinham-na, aliás, já equacionado.

A convocação de um novo Conselho Nacional, admitida por esses mesmos analistas ao longo da semana que passou, traçará o futuro dos renovadores democratas, que cometera, vários erros nos últimos tempos, os quais se reflectiram nos próprios resultados eleitorais. Hermínio Martinho afirmou antes da reunião de sábado aos jornalistas, que o desaire se ficara dever ao facto do partido ter «trabalhado pouco e nalguns casos mal».

Nem todos são do mesmo parecer, razão por que neste Conselho Nacional se defrontaram várias posições. Mas foram as de António Feu e Hermínio Martinho, este apoiado pelo secretário-geral, Pedro Canavarro, e Marques Júnior, entre outros, as mais aplaudidas. Enquanto este último propôs o adiamento sobre o futuro do partido para o próximo Conselho Nacional, Pedro Canavarro admitiu que Martinho «pode não ser substituído, mas ter que mudar a sua actuação». Feu sustenta que o partido deve «mudar de caras, renovar-se». Também o responsável autárquico defendeu a manutenção de Martinho como líder do PRD e a sua colocação entre o PS e o PSD.

Que o PRD não pode continuar como está, foi o único ponto que suscitou consenso nesta reunião. Ivo Pinho admitiu, em conversa com os jornalistas, que nisso todos estão de acordo. O mesmo não se verifica quanto às alterações a introduzir, em que se perfilam três hipóteses, desde a dissolução à reestruturação. Os defensores desta última posição entendem que só as eleições de 1991 deverão forneces indicações precisas quanto à definição do futuro do partido.

Marques Mendes foi um dos conselheiros nacionais que defendeu a disssolução do PRD, Albano Gouveia considera que o PRD deve ser pólo aglutinador dos pequenos partidos, e Manuel Castelão que se crie um grupo de trabalho que proponha medidas de reestruturação.

O PRD elegeu apenas duas centenas de autarcas nos cem concelhos em que concorreu só, ou aliado ao PS, ao PSD ou à CDU.

## B R E V E S

### Cunhal nega crise no PCP

O PCP «não está em crise» e continua a ser um partido coeso, disse Álvaro Cunhal à televisão espanhola. «Somos um Partido Comunista e continuaremos a sê-lo, somos marxistas-leninistas e assim continuaremos», afirmou Cunhal em declarações que a TVE inseriu numa reportagem sobre a reunião do Instituto de Estudos Sociais (INES) e que são as únicas até agora conhecidas do dirigente comunista sobre a reunião realizada no Forum Picoas, que noticiamos noutro local.

### Militares debatem «criação de confiança»

Soares Carneiro participa, em Viena, num seminário sobre doutrina militar, integrado nas conversações sobre medidas criadoras de confiança (CSBM, na sigla inglesa). O seminário, que decorre até 5 de Fevereiro, reune altos responsáveis militares dos países signatários da acta final de Helsínquia. Pretende-se com com estas conversações contribuir para um aumento de confiança, através de «troca de ideias sobre as capacidades miliatess e o seu uso».

### Câmaras do Porto coordenam acções

Os doze presidentes de Câmara eleitos pelas listas socialistas no distrito do Porto reunem-se hoje para coordenar acções tendentes a ordenar e desenvolver a área metrolitana. Recorde-se que, antes das eleições, os candidatos socialistas desta região tinham assinado um acordo de cooperação, com vista a uma política concertada, no caso de serem eleitos.

### Autarcas agredidos em Alcochete

Os eleitos do Partido Socialista à Assembleia Municipal de Alcochete foram agredidos e insultados quando tentavam tomar posse dos cargos para que foram escolhidos, refere um comunicado do PS. Segundo Luís Neves, da Federação Distrital do PS de Setúbal, os incidentes foram desencadeados por elementos que pareciam ter sido contratados para o efeito, enquanto os quatro membros da CDU que constituem a mesa da assembleia são acusados de «passividade e conivência» com tais distúrbios.

### Socialistas açorianos querem remodelação

A remodelação do Governo Regional dos Açores «não pode ser escamoteada pelo PSD», afirmou Martins Goulart, numa conferência de Imprensa realizada em Ponta Delgada. O líder dos socialistas açorianos lembrou o resultado das eleições autárquicas, favorável ao seu partido, e defendeu um novo elenco governativo, formado por «pessoas responsáveis e competentes», que renunciem ao clientelismo e a «qualquer tipo de descriminação». De referir que a Comissão Política do PS/Açores se reune, no dia 27, para preparar o VI Congresso.

# Grevista de fome continua preso

O estado de saúde de José Ramos dos Santos, o detido do caso FUP/FP-25, que se encontra em greve da fome há 35 dias foi considerado «estacionário», segundo fonte hospitalar. É óbvio que se trata de uma apreciação relativa, uma vez que um preso nestas circunstâncias vê a sua situação agravada cada dia que passa.

Entretanto, o DL contactou o Tribunal de Instrução Criminal de Évora, à conta do qual se encontra pendente o processo de Ramos dos Santos, apurando que o juíz Rijo Ferreira ainda não se debruçou sobre o caso, com vista à sua resolução.

Recorde-se que aí deu entrada um requerimento para a sua libertação, baseado no seu estado de saúde. O processo, considerado por fontes judicais «particularmente secreto», poderá ser reapreciado hoje de tarde por aquele juíz, que esta manhã esteve ocupado com um julgamento inadiável.

*Admite Durão Barroso*

# Savimbi poderá ser recebido por membros do Governo

A hipótese de algum membro do Governo se avistar com Jonas Savimbi durante a sua visita a Portugal (que esteve prevista para este mês e veio a ser adiada) foi admitida pelo secretário de Estado da Cooperação e Negócios Estrangeiros em entrevista concedida ao programa «Grande Auditório», promovido pela Rádio Renascença.

Durão Barroso

Durão Barroso ressalvou que, se tal acontecer, será informalmente, não negando que o Governo tenha mantido contactos com aquele movimento angolano, que de resto nunca hostilizou. «Não podemos identificar-nos com os interesses do MPLA ou da UNITA», salientou.

Para o secretário de Estado da Cooperação é essencial desenvolver as perspectivas de cooperação, «seja qual for o regime em Angola ou nos países africanos de expresão portuguesa».

«O importante é a manutenção das boas relações de Portugal com as suas ex-colónias», acentuou.

Aquele governante sublinhou ainda que a relação Portugal-Angola se situa ao nível de Estado a Estado, e com o Governo angolano reconhecido internacionalmente. «Portugal não hostiliza a UNITA e é neutro em relação ao conflito interno, pois mais importante do que termos um papel determinante no processo de paz em Angola, são os nossos interesses», disse Durão Barroso.

A estratégia do Governo português em África foi a questão de fundo da entrevista concedida por Durão Barroso, que falou tambémsobre Moçambique. Em relação a este último país, o secretário de Estado da cooperação admitiu que o brigadeiro Raul Domingos (número dois da Renamo), esteve em Lisboa, e que altos funcionários portugueses se avistaram com o líder de tal movimento.

«O Governo português aprecia a intervenção de Mobutu como mediador do conflito angolano, mas verificam-se algumas contradições», observou Durão Barroso.

I Série
N.º 12
Dia 15 de Janeiro

**DIÁRIO DA REPÚBLICA**

## SUMÁRIO

### Ministério das Finanças e do Emprego e da Segurança Social

**Portaria n.º 31/90:**
Altera o quadro de pessoal do Centro Regional de Segurança Social de Vila Real

### Ministério dos Negócios Estrangeiros

**Declaração:**
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 309 728 contos

### Ministério do Comércio e Turismo

**Declaração:**
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 41 243 contos

### Região Autónoma dos Açores

### Assembleia Legislativa Regional

**Decreto Legislativo Regional n.º 1/90/A:**
Estabelece as adaptações do estatuto do pessoal dirigente da função pública indispensável às especificidades da administração regional autónoma dos Açores

**POLÍTICA**

*Cavaco nos Estados Unidos*

# Novo «élan» nas relações bilaterais e ênfase na política africana

**Do nosso enviado especial**

Cavaco foi aos Estados Unidos decidido a inaugurar uma nova fase nas relações bilaterais com o nosso «aliado preferencial»: pintou a nossa economia de cores garridas, campo aberto ao investimento estrangeiro. Mas a sua viagem coincidiu com o anúncio, pela Administração americana, de uma acentuada redução do orçamento de defesa, que poderá afectar Portugal.

Em compensação, jogou uma forte «cartada» africana, ao assumir-se como porta-voz dos países de expressão portuguesa, no desejo de um maior envolvimento dos EUA na ultrapassagem dos conflitos angolano e moçambicano.

**Cavaco com Cuellar: Timor, tema quente, não assumiu a importância que merece no quadro de uma visita em que valores mais altos se levantaram**

**Relações bilaterais: novo «élan»**

Na sua segunda deslocação oficial aos Estados Unidos desde que exerce as funções de primeiro-ministro, Cavaco Silva quis eliminar a ideia de cada viagem de um político português à grande potência se faz de mão estendida. «Vender» cara a utilização da base das Lajes deixa de ser o objectivo central do Governo português.

Logo nas suas primeiras intervenções em terra americana, o chefe do Executivo deu o «mote»: Portugal não quer esgotar nas questões de segurança e defesa as relações bilaterais com os Estados Unidos.

Neste perspectiva, Cavaco Silva «ofereceu» aos americanos uma economia em que o sector público está a caminho de perder a hegemonia. Uma economia de salários baixos e preços concorrenciais. Uma economia a integrar em breve no Mercado Interno, que o poder económico americano ainda não conhece bem.

Para fazer passar a mensagem, usou, além dos oficiais, «canais paralelos». Em Nova Iorque, a comitiva almoçou com membros do poderoso Business Council for International Understanding, presidido por Richard Tucker, o «homem forte» da Mobil. Estiveram presentes alguns dos mais importantes homens de negócios americanos, ligados a multinacionais como a Colgate, Ford, Pfizer, Chase Bank e Citibank.

A AIP deu também o seu contributo para a concretização da nova estratégia, ao assinar protocolos de cooperação com a Associação Internacional para o Desenvolvimento e a Câmara de Comércio Luso-Americana. Não são ainda senão um «rastilho» para relações económicas mais aprofundadas, mas valem por isso.

A esta aposta portuguesa de alargar os contactos bilaterais a outros domínios não será certamente alheio o propósito americano de reduzir o seu orçamento para a defesa. Ainda não tinha Cavaco Silva chegado a Washington e já um porta-voz da Casa Branca dava o recado: a decisão pode afectar programas de apoio a países aliados, entre os quais Portugal.

Grande parte dos jornalistas presentes admitiu que esta redução do apoio poderia estar relacionada com o episódio da compra dos helicópteros. Eurico de Melo, num dos seus últimos actos como ministro da Defesa, não deu seguimento a um negócio já avançado com os Estados Unidos de compra de cinco aparelhos Kaman no valor de 92 milhões de contos por apenas 25 milhões, optando pelos helicópteros ingleses Lynx, fabricados pela Westland.

A este propósito, houve quem, da comitiva, afirmasse que «a Imprensa comeu a versão americana». Porém, a verdade é que jamais foi explicada a portuguesa. Não basta fundamentar a opção em razões técnicas - a preferência dos destinatários, a Armada, pelos Lynx. E não vale a pena insistir na soberania nacional, ao abrigo da qual o negócio se legitima....

Seja como fôr, o risco de Portugal ver dimimuidos os níveis de assistência militar permanece. Cavaco recebeu do secretário da Defesa, a confirmação de que os EUA vão reduzir em 35 biliões o orçamento para a defesa. Mas terá também ouvido de Cheney a garantia de que a Administração não tomará a iniciativa de propôr cortes para o nosso País.

A questão passará agora ao Congresso, última instância decisória. Mota Amaral está já a tentar ganhar tempo: encontrou-se como o senador democrata Clayborne Pell, presidente da Comissão de Relações Externas, com quem abordou a questão da «sua» base das Lajes. Não se trata de fazer «lobbie», mas quase...

**Política externa: Angola na agenda**

O papel de Portugal - e dos Estados Unidos - no processo de pacificação das antigas colónias na África Austral constituiu outro importante tema em análise. Cavaco, que deseja que o nosso Paíos mantenha uma postura «discreta», assumiu-se como porta-voz dos países de expressão portuguesa, dando com isso também a entender que deseja uma solução aceitável pelos «Cinco».

Angola, neste contexto, esteve na ordem do dia. O primeiro-ministro pediu a Bush um maior envolvimento dos Estados Unidos, que salvaguarde uma postura neutral. Lida à letra, a mensagem significa: ajude ao diálogo entre as partes, distanciando-se da UNITA.

O Governo de José Eduardo dos Santos recorreu assim a Portugal para encetar uma aproximação aos EUA, que criticaram duramente a movimentação militar. Em pano de fundo, um convite de congressistas americanos para uma visita a Washington, em relação à qual a Administração não tomou ainda qualquer decisão.

E Portugal, que acção estará reservada à nossa diplomacia naquele quadrante? Não pondo em causa a mediação de Mobutu, uma espécie de «mínimo denominador comum», aceite pelas várias partes à falta de «melhor solução», o Governo não parece desejar uma atitude mais interveniente.

Cavaco não se cansou de afirmar que Portugal está em melhores condições para actuar na paz do que em situação de conflito. Se é provável, assim, que os EUA possam «entrar» mais a sério no processo de paz, a Portugal fica reservado um papel na reconstrução dos países que tão bem conhece.

É neste quadro que deve ser entendido o adiamento da visita de Jonas Savimbi a Portugal. Durante a visita, o primeiro-ministro chegou a afirmar que o Governo nada sabia em relação ao visto para o líder da UNITA, no dia seguinte à primeira data prevista para a sua deslocação ao nosso País.

**Paulo Martins**

# BESCL - EM CONTACTO DIRECTO CONSIGO

ALMANCIL
CALDAS DE S. JORGE
CARAPINHEIRA • SALIR
CHARNECA DA CAPARICA
BOBADELA • S. LUIS (FARO)
BALTAR•PAREDE•LOURES
BARCELOS • ODIVELAS
MADEIRA / OFFSHORE
AMADORA / QUELUZ

Em **1989** fomos mais longe no nosso desejo de chegar cada vez mais perto de si: **14 novos e modernos Balcões** vieram aumentar o número de Agências em todo o País, num total de 156 e 9 Postos de Câmbios. Dinamizámos a nossa experiência. Queremos, cada vez mais estar sempre em contacto directo consigo.

## BANCO ESPIRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

*O Seu Banco de Sempre*

POLÍTICA

*Num jantar de solidariedade, confraternização e protesto*

# Militares reunidos em força

«Coesão» e «camaradagem» foram palavras de ordem nas paredes do jantar de confraternização dos antigos alunos da Academia Militar e os milhares de quadros das Forças Armadas que acorreram demonstraram, pelo número, que a sociedade castrense cerra fileiras contra uma política governamental considerada lesiva da dignidade dos oficiais.

«Do meu curso estamos todos», dizia alto e bom som um dos presentes, sintetizando afinal o espírito da reunião, aglutinando os oficiais segundo os bons tempos em que frequentaram a Academia, as comissões em África ou pretéritas relações de subordinação, política à parte. Idades e simpatias ideológicas não contaram para o campeonato de abraços com grandes palmadas nas costas e constatações jocosas sobre tamanhos de barrigas e calvícies em progresso.

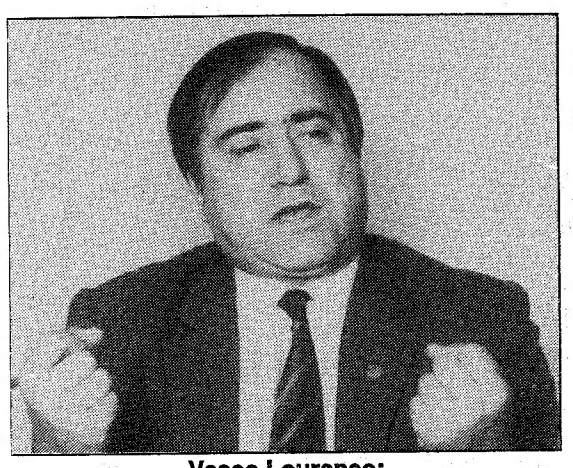
A velocidade com que os convivas lançaram uma ofensiva fulminante sobre os bolos serviu para acrescentar a doçura do reencontro com «estas paredes que dizem tanto a todos nós», como vários disseram ao repórter do DL, convidado repetidas vezes a servir-se por oficiais que passavam palavra sobre a sua condição de jornalista e a cautela que era necessário ter com a língua. Antes do jantar, havia o receio de fenómenos semelhantes aos que ocorrem quando se encontram os antigos alunos de liceus e estabelecimentos congéneres: uma garotice à imagem e semelhança das de outros tempos.

Mas o próprio facto de ter sido desligada a aparelhagem de difusão sonora sustinha ímpetos oratórios.

As palavras de ordem «solidariedade e coesão» tinham dado a tónica ao discurso proferido, de manhã, pelo anfitrião, o general Almeida Bruno, Director da Academia Militar, quando se dirigiu ao corpo de alunos formado na parada

Francisco Paraíso

**Firmino Miguel foi a mais importante figura da hierarquia militar presente na reunião**



**Vasco Lourenço: «Na Associação 25 de Abril a luta é diferente»**

## Capitães de Abril ficam com as asas cortadas

Vasco Lourenço solicitou a passagem em 1986, quinze anos antes antes do tempo que a lei prevê para o efeito. Se fosse hoje, por força do diploma do Governo que alarga o prazo, para manter Soares Carneiro como chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, aquele «capitão de Abril» tê-lo-ia feito vinte anos antes. Vasco Lourenço procederia do mesmo modo que há cerca de cinco anos, por não ter, então, condições para intensificar a luta em defes dos seus ideais.

Receia, contudo, que a decisão de alargar o prazo de passagem à reserva venha a prejudicar os oficiais que há mais de quinze anos foram - com ele e como ele e muitos outros - corpo e alma da Revolução de Abril, como disse ao DL.

«Com esse alargamento, com as limitações que estão a ser impostas, receamos que os militares de Abril venham a ter uma carreira cortada, não passando de tenente-coronel, o que é um escândalo de todo o tamanho. Aliás, nós, hoje, quando um dos militares de Abril, ou outro que defende posições democráticas, passa a fieira, ficamos com grandes razões para nos congratularmos. É que essa fieira funciona como razão para não subirem aos mais altos postos», diz Vasco Lourenço.

Não é fácil a missão de um militar de Abril na tropa. Foi por isso, foi porque «as dificuldades existentes nas Forças Armadas em relação aos militares democráticos serem muitas», que Vasco Lourenço antecipou bastante a passagem à reserva.

«Não tinha condições para lutar mais, para defender os meus ideias. Aqui, na Associação 25 de Abril, a luta é diferente. Não baixei os braços, nunca os baixarei», afirma.

O presidente da Associação 25 de Abril queixa-se de que esta instituição não recebe qualquer apoio das entidades responsáveis e é vista com «maus olhos».

Isso não a impede de acompanhar o desenrolar e evolução do fenómeno castrense e de expender opiniões sobre situações bem concretas.

Por exemplo, a de se manifèrstar contra a forma como o novo ministro da Defesa foi nomeado, lamentando que «os responsáveis militares não tenham tomado posição», acentua.

Vasco Lourenco deixou a tropa activa em 1986, por razões na ocasião devidamente publicitadas. Lembra-as hoje ao DL: «Já não tinha condições para lutar pelos meus ideais. Cansado e desiludido, saí. Continuou, contudo, a lutar, mas noutro terreno», sublinha.

A vivência que tinha em termos pessoais, profissionais e militares era muita, quando decidiu abandonar as Forças Armadas. Para um homem ambicioso, se ele o fosse, pouco tinha a acrescentar à sua brilhante folha de serviços: havia sido membro do Movimento das Forças Armadas, governador militar de Lisboa e conselheiro da Revolução, com carácter permanente.

Ao deixar o Conselho da Revolução, por força da sua extinção e substituição pela Comissão Constitucional, numa fase de transição para a estabilização do sistema democrático, Vasco Lourenço não hesitou em reassumir funções operacionais como qualquer outro major, que então era, apesar do seu notável percurso político: um militar graduado em general que chefiou a chefiar a Região Militar de Lisboa num momento quente da vida portuguesa.

**JR**

# Costa Martins deverá voltar em breve à Força Aérea

O major Costa Martins é caso único nas Forças Armadas Portuguesas: foi duas vezes «demitido» da Força Aérea pelo chefe do Estado-Maior da respectiva arma, no período que precedeu e se seguiu ao 25 de Novembro. Artífice desta singeleza: Morais e Silva, hoje integrado na delegação portuguesa na NATO.

O caricato da história, para além do «carácter persecutório» que aquele piloto lhe atribui, é o facto de entre uma e outra expulsão não ter sido readmitido na Força Aérea.

Há quinze anos afastado das fileiras da FAP, o major Costa Martins sobreviveu, por ser filho único e os pais terem bens, de que entretanto se desfizeram para o ajudar. De outro modo «não sei o que me teria sucedido, a mim e á minha família», disse ao DL.

Nem mesmo recorrendo a Kafka, um cidadão comum encontra explicação ou percebe como é possível tratar assim um «capitão de Abril».

Costa Martins traçou-nos um quadro aligeirado de todo o processo, que envolve, na lista dos acusados, além de Morais e Silva, o general Lemos Ferreira, o capitão Tomás Rosa, que lhe sucedeu como ministro do Trabalho e o consultor jurídico da Força Aérea.

Moveu a todos eles processos-crime que espera ver subirem em breve à barra do tribunal.

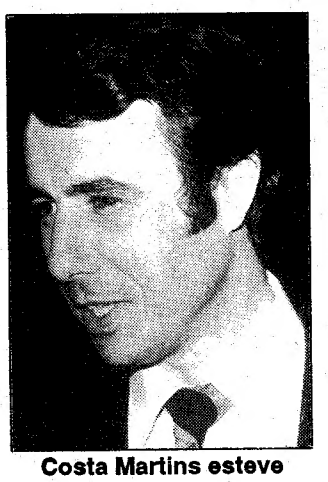
Além disso, exige uma indemnização ao Estado, por via da situação que lhe criaram: quinze anos sem vencimento, nem assistência, nem pensão, nem nada, apesar de haver descontado durante vinte anos - entre 1956 e 1975 - para os serviços sociais das Forças Armadas, como nos disse.

«Sou o único militar que se encontra na minha situação, que não foi, de facto, demitido das Forças Armadas e que quer regressar ao activo e não o deixam», assegurou-nos Costa Martins. Há cerca de dois meses viu essa pretensão objecto de um acórdão favorável do Supremo Tribunal Administrativo. Só ainda não foi cumprido porque o consultor jurídico da Força Aérea (o advogado Emanuel Farinha Martins) interpôs recurso.

«Não, não se trata de ser ou não reintegrado, porque eu, em boa verdade, nunca fui demitido, nem poderia ser, apesar de todas as manobras que contra mim arquitectaram», lamenta o segundo ministro de Trabalho após o 25 de Abril.

### Sem direito à amnistia

Costa Martins acusa Morais e Silva e Tomás Rosa numa primeira fase, a que junta Lemos Ferreira na segunda, de o terem mantido afastado da Força Aérea. Ao ex-chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas imputa o facto de não lhe ter aplicado a Lei de Amnistia, de que interpôs recurso primeiro para o Supremo Tribunal Administrativo (que se considerou incompetente para apreciar o caso), depois para o Supremo Tribunal Administrativo.



**Costa Martins esteve 15 anos sem receber vencimento**

Ao passar em revista o seu caso, Costa Martins acentua as perseguições de Morais e Silva, ao facto de estar agregado ao Estado-Maior General das Forças Armadas e daquele o ter convidado a regressar à Força Aérea, armando-lhe uma cilada pouco antes do 25 de Novembro de 1975: deu-lhe uma guia de marcha para se apresentar a uma reunião do Copcon, vindo depois - por ocasião do 25 de Novembro - a espalhar a atoarda de que «era um dos responsáveis» pelo «golpe». «Tenho documentos comprovativos disso», garantiu.

Morais e Silva e outros foram ao ponto de o acusar de estar a organizar uma marcha dos trabalhadores da Lisnave sobre Lisboa, no dia 25 de Novembro de 1975. «Estava em casa quando ouvi isso na televisão, e telefonei logo ao Presidente da República (Costa Gomes), a repudiar a invenção», dissenos.

### Oferecida passagem à reserva

O seu rosário de amarguras político-militares levá-lo-ia a sair do País em Janeiro de 1976, depois de ter escapado, por mais de uma vez, às buscas que, sem mandato, fizeram à sua residência, diz.

Depois do 25 de Novembro sentiu crescer a insegurança à sua volta e foi-se embora.

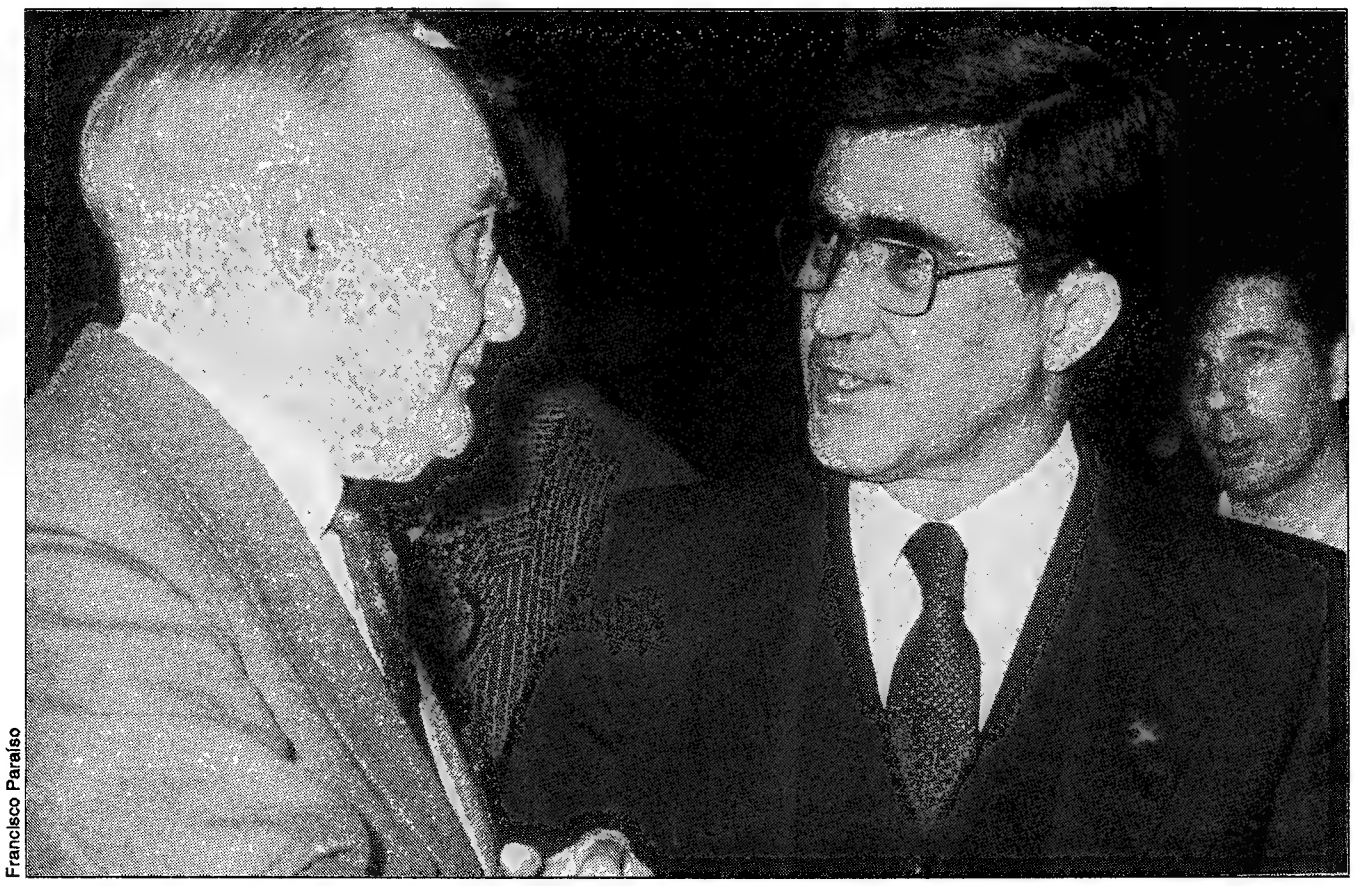
Ainda em Portugal, foi por vários «localizado» em Madrid, Paris e Argélia.

«Fizeram-me uma perseguição sem qualquer suporte ou justificação, e depois vieram com o dia de salário para a Nação», lembra, a propósito de Morais e Castro e Tomás Rosa.

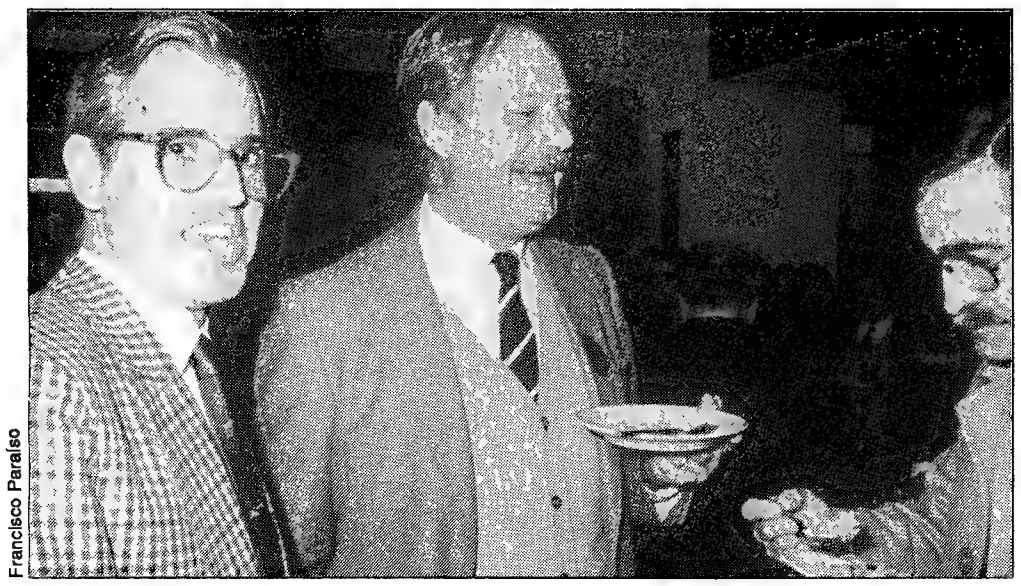
Recorda que em 10 de Dezembro de 1975 o Chefe de Estado-Maior da FAP distribuiu uma nota proibindo-o de entrar em todas as unidades do ramo vindo, cerca de três meses depois, a acusá-lo de deserção, demitindo-o de novo em 21 de Junho de 1976, mas com data de 24 de Abril, para subtrair o caso à nova Constituição.

Ao que atrás fica dito acrescenta - «na esperança de a curto prazo voltar à Força Aérea» - que um dia, depois das peripécias que aqui se contam, lhe perguntaram se queria passar à reserva como major. Recusou.

**Júlio Rodrigues**



Francisco Paraíso



Francisco Paraíso

Do marechal António Spínola (em cima) ao major Tomé, todos pareciam extremamente contentes.

Oficial-general com melhor folha de serviços, Pezarat Correia não foi promovido

*Passou à reserva dez anos antes do tempo*

# Pezarat Correia: negaram-lhe a promoção a general

Hugo dos Santos, actual comandante da Guarda Fiscal, Amílcar Morgado, hoje comandante-geral da PSP, e Sousa Lucena, governador militar de Lisboa, estavam, em Maio de 1986, na lista dos brigadeiros candidatos a general de três estrelas, como Pezarat Correia. Foram promovidos àquele posto, Pezarat Correia não.

Pouco depois da decisão, inicialmente tomada pelo chefe do Estado-Maior do Exército (general Salazar Braga) ouvido o Conselho do Exército, antes portanto do Conselho de Chefes de Arma e de toda a hierarquia subsequente até ao Conselho Superior de Defesa Nacional (ao qual presidia Ramalho Eanes) se pronunciarem, o brigadeiro Pezarat Correia requereu a sua passagem à reserva.

Isso aconteceu em Julho do mesmo ano. Desde então, aquele brigadeiro remeteu-se ao mais profundo dos silêncios quanto à questão castrense e ao seu caso pessoal. Abre hoje uma excepção, realçando o requerimento que fez a Salazar Braga para passar à reserva.

A peça, um autêntico libelo acusatório sobre alegadas injustiças e perseguições castrenses desenvolvidas em alguns meios contra os militares do 25 de Abril, causou brado e correu o País. A Comunicação Social dela se fez eco com destaque. O despacho do então chefe do Estado-Maior do Exército não foi menos contundente. Subitamente, a polémica em torno deste caso estendeu-se ao seio das Forças Armadas, apaixonando a opinião pública, ainda mal curada do «caso Garcia dos Santos».

Pezarat Correia insisitiu na contestação ao despacho do chefe de Estado-Maior do Exército. Ele era, de resto, dos quatro candidatos às três vagas a general de três estrelas, o oficial-general com melhor folha de serviços, reconhecida por todos os seus superiores. Responsável pelo Exército e seu supremo representante nos tradicionais exercícios «Oríon» que tinham o campo de Santa Margarida e perímetro militar envolvente como palco da experiência anual e teste à capacidade de resposta das Forças Armadas no terreno, nada fazia prever a sua preterição em favor daqueles concorrentes e seus companheiros de cruzada.

Pezarat Correia não foi promovido e, uma vez mais, a bipolarização teórica das Forças Armadas se posicionou. Solicitou, por isso, a sua passagem à reserva, o que foi atendido. «Por ter considerado que estava a ser objecto de medidas persecutórias, pois não descortinei outras, decidi passar à reserva.

Todos estarão de acordo comigo ao admitir que não fui promovido por estar intimamente ligado ao processo do 25 de Abril. Não podia proceder de outro modo que não fosse deixar as Forças Armadas», afirma.

Em defesa da sua atitude que há mais de três anos e meio tomou, desvinculando-se do activo das Forças Armadas, acentua que não lhe foram dadas explicações sobre os critérios que pesaram e fundamentaram a promoção de Hugo dos Santos, Amílcar Morgado e Sousa Lucena em detrimento da sua candidatura. Diz não estar arrependido e que, se o mesmo quadro se perfilasse agora perante ele, agiria do mesmo modo. «A isso me obrigava a minha dignidade, como na ocasião salientei, por não tolerar medidas persecutórias contra um militar de Abril», acrescenta. Aliás, sobre estes costuma dizer que «têm «sido mais que desprezados: têm sido marginalizados, injuriados e agredidos na sua vida profissional».

**JR**

# Ninguém promove o capitão

Os advogados do capitão Álvaro Henrique Dias Fernandes podem em breve recorrer a instâncias internacionais, caso continuem a ser ignoradas normas legais em cujos termos o referido oficial de Infantaria já deveria ter sido promovido a major e a tenente-coronel. Famoso desde o envio de um lote de armas de Beirolas para a Polícia Militar, o capitão Fernandes foi ilibado no processo do desvio de espingardas G-3, dado que se tratava de um assunto estritamente político. Daí que o então Governador Militar de Lisboa tivesse mandado arquivar o processo, na parte lhe dizia respeito, em Janeiro de 1987.

O caso do capitão Fernandes e das «armas em boas mãos» está ainda longe de chegar ao epílogo, quinze anos passados sobre o período agitado que o catapultou para as primeiras páginas dos jornais.

Entre o 25 de Abril de 74 e o 25 de Novembro de 75, o capitão Fernandes foi o oficial de segurança e informações da Junta de Salvação Nacional, na Cova da Moura, e do COPCON, no Alto do Duque, tendo sido sobretudo responsável pelo pelouro da informação política. No dia 26 de Novembro de 1975, a sua fotografia e uma montagem com barba apareceram na televisão para, a par da indicação da sua morada, acompanharem um apelo público à sua captura. Populares em fúria cercaram a sua residência com o fim manifesto de o tratarem de forma pouco cordata e, temendo a execução sumária, o visado fugiu para França, onde obteve o estatuto de refugiado ao abrigo da convenção de 1951 das Nações Unidas. Foi a primeira concessão de tal estatuto desde 25 de Abril. A ameaça de linchamento terá contribuído para a decisão do Alto Comissariado da ONU, bem como para o facto de, em Portugal, nunca ter sido pronunciado por deserção.

**Sem nota de culpa**

De regresso a Portugal, em Setembro de 1978, o capitão Fernandes foi detido nos fortes da Trafaria e de Caxias durante seis meses, tendo sido libertado porque não tinha contra ele sido formulada qualquer nota de culpa. Em Janeiro do ano seguinte, quando ainda se encontrava na prisão, um despacho do Chefe do Estado-Maior do Exército ordenou o seu «abate ao efectivo» do Quadro Permanente, passou-o ao Quadro de Complemento e à situação de disponibilidade, retroactivamente, desde 26 de Dezembro de 1975. Em três palavras: expulsou-o das fileiras. Na ausência de nota de culpa ou sentença justificativa de tal medida, o Supremo Tribunal Militar proferiu um Acórdão que anulou aquele despacho administrativo, em Julho de 1982, e ditou a sua reintegração no serviço activo desde a data da expulsão. A reentrada ao serviço deu-se dois meses depois, abrindo em seguida outro processo, desta vez tendo como objectivo o pagamento de vencimentos em atraso e como alvo o Supremo Tribunal Administrativo. O STA considerou extemporâneo o recurso apresentado e obrigou o recorrente a pagar as custas do processo, 120 contos, apesar de ter conhecimento do processamento dos descontos do capitão Fernandes para a Caixa Geral de Aposentações, referentes ao período em que não recebeu vencimentos.

**A caminho do «Guiness»**

Se bem que no 25 de Novembro de 1975 possuísse todas as condições para ser promovido a major, salvo o seu nome figurar no primeiro terço da escala definida pelas diuturnidades, o facto de estar em primeiro lugar na dita escala, quando reintegrado, não ditou qualquer subida na hierarquia.

À data, o Estado-Maior do Exército alegou a ausência das fileiras durante sete anos e a falta de qualidades intelectuais, morais e profissionais para a promoção.

O tempo passou, conseguiu obter louvores, especializou-se em informática, nomeadamente na troca de informações militares no interior da Aliança Atlântica (*Nato Data Exchange* ) e acabou por ver proposta a promoção a major pela Direcção da Arma de Infantaria, depois de ouvido o Conselho da Arma, que nesse sentido se pronunciou por unanimidade.

Um novo recurso para o Supremo Tribunal Militar sobre a não promoção de 1984 acabaria por passar para o Supremo Tribunal Administrativo, na sequência da publicação da nova Lei Orgânica.

Salvo se de novo for alegada a extemporaneidade de cada recurso, o provimento da pretensão do capitão Fernandes é quase certo, averbando em seu favor o próprio parecer do Ministério Público.

Mas segundo os defensores do capitão que se prepara para entrar no «Guiness» pelo tempo de permanência no mesmo posto, é à própria hierarquia das Forças Armadas que compete repor a legalidade.

**João Isidro**

POLÍTICA

# INES: um debate com paredes de vidro

*A primeira reunião do Instituto de Estudos Sociais reuniu centenas de pessoas no Forum Picoas, na sua maioria gente conhecida no PCP pelas suas posições críticas. Mas o DL encontrou também socialistas e ouviu o convite feito aos ortodoxos comunistas*

O Forum Picoas, no sábado à tarde, registou um corropio de gente a entrar e a sair da sala onde estava a decorrer a primeira reunião do INES (Instituto de Estudos Sociais).

Por lá passaram mais de 700 pessoas, na sua maioria intelectuais de esquerda próximos do PCP, mas também militantes do PS como Edmundo Pedro, Armando Bacelar, Fernando Loureiro, presente na mesa da Assembleia, e o dirigente do PSR, Francisco Louçã.

Os organizadores da reunião estavam visivelmente satisfeitos com o elevado número de participantes e com o aumento das fichas de adesão.

«O mais difícil foi ultrapassado. Era preciso convencer as pessoas a assinar o documento de constituição do INES, porque há muita gente que ainda tem receio de subscrever a criação do Instituto».

Na primeira reunião estava agendado a discussão dos estatutos e a criação de uma comissão instaladora, mas segundo José Luis Judas, porta-voz do núcleo de fundadores, «o número de adesões ao prejecto retirou representatividade real ao pequeno grupo de pessoas que iniciaram o processo».

Em nome de uma maior democraticidade e transparência foi decidido criar grupos de trabalho destinados a elaborar os estatutos, organizar a revista, fazer um estudo sobre o financiamento e preparar a primeira iniciativa. Jorge Lemos, Raimundo Narciso e Fernando Loureiro reunem-se hoje para discutirem juntamente com outros participantes o tema do primeiro debate.

Na próxima assembleia constituinte, prevista para o final de Fevereiro, serão aprovados os Estatutos e o regulamento eleitoral para escolher a direcção do INES. É provavel que a eleição se processe no próprio dia da assembleia constituinte, mas tudo depende do avanço do trabalho até ao dia 20 do próximo mês.

A constituição da mesa que presidiu à primeira reunião do Instituto de Estudos Sociais obedeceu a critérios de representatividade das diversas tendências existentes do INES, representação de regiões do País onde o movimento está mais avançado e a participação de alguns membros fundadores.

Zita Seabra, apesar de se encontar na mesa não usou da palavra nem foi escolhida como *pivot* de qualquer dos grupos de trabalho. O DL soube junto de membros do INES que o comportamento da ex-militante comunista gerou descontentamento entre os críticos mais moderados, que consideram a atitude de Zita prejudicial aos objectivos do Instituto. Aliás, os nomes que integram a coordenação dos grupos de trabalho têm todos a particularidade de gerar consensos.

José Tavares

**Vital Moreira e José Saramago num momento de boa disposição, não partilhado por outros membros do INES**

### Gerir as diferenças

José Luis Judas, mandatado pelos fundadores do Instituto para apresentar o texto definidor dos princípios do INES, colocou três problemas de fundo: criar uma organização sem «dirigismos e hegemonias», recusar oportunismos políticos e a tentação de transformar o INES num «consultório de psiquiatria política para solucionar insatisfações, descontentamentos ou traumas adquiridos na militância partidária» e , por último, rejeitar liminarmente a intenção de formar um partido político.O sindicalista disse, a este propósito ,que «partidos já tem a esquerda que baste, pontos de diálogo e debate é que não».

Todos os participantes manifestaram uma atitude de alerta contra a prática, « infelizmente ainda não banida da vida política, de excluir quem, no exercício do direito de opinião, ouse discordar ou pôr em causa *os status* existentes».

Questionados pelo DL sobre os riscos da organização se tornar, a médio prazo, castradora da consciência cívica, alguns dos fundadores do INES salientaram que a intenção é criar uma «estrutura mínima, apenas necessária para pôr em prática as iniciativas».

Orlando de Carvalho, director da Faculdade de Direito de Coimbra, revelou grande desconfiança em relação a qualquer tipo de organização, alegando que «raramente são inócuas e quem controla a organização controla o poder». Na qualidade de coordenador do grupo que vai elaborar os estatutos, juntamente com José Magalhães e Barros Moura, o docente defendeu a criação de um documento-base «flexível, que garanta a democraticidade e a autonomia».

### Um debate sem fronteiras

As preocupações com a liberdade de cada cidadão participar no INES, «sem muros nem barreiras», estão relacionadas com o segundo ponto apresentado por José Luis Judas, segundo o qual o Instituto tem por objectivo fazer o debate dos problemas de toda a esquerda, gerindo consensos e diversidades. Em suma, « um projecto tão ambicioso que quase 16 anos após o 25 de Abril, em condições de liberdade política e cívica, não foi possível ainda concretizar».

Desta forma, o sindicalista da CGTP recusava acusações feitas pelo seu partido no sentido de o INES se tornar numa espécie de «federação de tendências do PCP». Por outro lado, este princípio constitui um desafio à participação dos militantes do Partido Socialista e de cidadãos independentes que se identificam com os pensamentos de esquerda.

Membros da direcção do Partido Socialista contactados pelo "Diário de Lisboa" demonstraram curiosidade pelo evoluir do processo de criação do INES, admitiram a possibilidade de alguns militantes participarem nos debates- «são livres de o fazer enquanto cidadãos»- mas ao mesmo tempo revelaram alguma desconfiança quanto às intenções do Instituto. Afinal os objectivos definidos pelo INES retiram ao Partido Socialista um espaço que há muito vêm reivindicando: a liderança do debate entre a esquerda portuguesa.

A direcção do PCP, depois de uma atitude de rejeição do Instituto, com algumas ameaças à mistura, remeteu-se para um estatuto de observador. Mas à cautela afastaram João Labescat das funções que ocupava na Assembleia da República, depois deste ter assinado o documento para a criação do INES. Este afastamento, apesar de não ter ocupado as primeiras páginas dos jornais, gerou um movimento de solidariedade que tornou o ambiente no grupo parlamentar do PCP ainda mais difícil.

José Magalhães foi o autor de uma das expressões mais aplaudidas da reunião do INES. «É preciso quebrar a relação conjugal com os partidos políticos. Para eles, estar com o INES é cometer adultério». O deputado comunista tem uma filosofia mais desportista. «É como participar no decatlo. Uma prova funciona como treino para o desafio seguinte».

**M.J.R.**

## José Luis Judas: «É preciso desdramatizar»

José Luis Judas foi nas últimas semanas um «arquitecto de consensos», o que lhe deu uma posição de apoio inquestionável por parte de todas as tendências existentes no INES. Questionado sobre uma eventual liderança do Instituto, o sindicalista respondeu:

-Reconheço que fiz esse papel. Mas agora com o elevado número de adesões já não é necessário. Nesta fase de arranque era importante encontrar uma plataforma de entendimento como a que permitiu elaborar os princípios do Instituto de Estudos Sociais, evitando o resvalar, perigoso, para as apetências político-partidárias de cada um.

*-A posição equidistante que manteve até agora foi deliberada para desempenhar um papel de liderança?*

-Não.

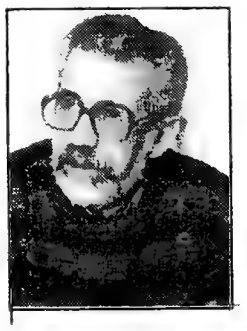
*-Acha possível deixar o «partido à porta» no INES?*

-É dificil. Mas tem de ser feito um esforço para ultrapassar traumas. O INES está aberto a todos os cidadãos.

## Manuel Lopes: «É bom saber que a esquerda discute»

*-Está aqui a representar a CGTP?*

-Estou aqui a representar-me a mim próprio. A minha adesão é a de um cidadão que se interessa pelo fenómeno social e político. É bom sinal saber que a esquerda se está a questionar, que está viva.



Estes debates são importantes para discutir problemas que se relacionam com os todos os trabalhadores. Além disso é uma fonte de debate sobre os problemas dos comunistas, socialistas e sociais-democratas.

Os partidos políticos podem tirar do INES os ensinamentos que entenderem.

## Fernando Loureiro: «Os interesses da esquerda devem estar acima dos interesses partidários»

*-A que se deve a participação tão pequena de membros do Partido Socialista?*

-A adesão dos militantes do meu partido a este projecto pode ser um pouco demorada devido a uma série de mal entendidos sobre os objectivos do INES. Admito que certos militantes defendam a tese de que agora, com a crise do comunismo, o PS seja o espaço privilegiado do diálogo com a esquerda e, por isso, estão à espera que os independentes se vão inscrever no PS».

A reflexão e os debates promovidos pelo INES não inviabilizam nem impedem outro tipo de debates que o Partido Socialista venha a realizar. Quanto mais melhor.

*-Há no seu partido quem receie perder a liderança da esquerda?*

-O egoismo partidário é sempre redutor. Mas a direcção do meu partido é inteligente e sabe que os interesses da esquerda sobrepõem-se aos interesses partidários.

# INTERNACIONAL

# Azerbaijão à beira da guerra civil

*Regressado da Lituânia, Gorbachev viu-se a braços com incidentes no Azerbaijão, que já causaram 30 mortos e continuam a agravar-se*

O Presidente Mikhail Gorbachev, de regresso a Moscovo, após uma visita de três dias à Lituânia, viu-se este fim-de-semana confrontado com nova onda secessionista na Transcaucásia, que ameaça transformar-se em guerra civil. A rádio Moscovo, citando fontes não identificadas, disse que pelo menos 30 pessoas, todas elas de nacionalidade arménia, foram sábado e domingo mortas em Baku, a capital do Azerbaijão, no mais recente de uma série de incidentes nas repúblicas soviéticas.

Outras dezenas de pessoas das nacionalidades arménia e azerbaijani foram mortas ou ficaram feridas em incidentes registados nas regiões de Shaumyanovsk e Khanlar, da República do Azerbaijão, perto de Nagorno-Karabakh.

Segundo a rádio Moscovo, os incidentes começaram quando dois azerbaijanis foram a uma casa arménia ao meio dia de sábado e pediram à família que deixasse a cidade. Os arménios tinham um machado e os azerbaijanis foram feridos, morrendo um deles no hospital.

A notícia sobre o que se passara parece ter inflamado a multidão, que decidiu crirar um "conselho de segurança nacional" para protecção dos azerbaijanis, disse um portavoz do movimento Frente Popular do Azerbaijão (FPA).

**Situação fora de controlo**

A agência noticiosa oficial soviética Tass revelou que a situação em várias bairros de Baku estava ontem fora de controlo, apesar a presença de tropas enviadas de Moscovo pelo Ministério do Interior.

A televisão soviética, por seu turno, disse que a situação é "extremamente grave" nas regiões de Shaumyanovsk e Khanlar, onde se concentraram vários milhares de extremistas azerbaijanis armados, e adiantou que continuam a chegar à zona activistas arménios armados.

A televisão referiu ainda que se desconhece o paradeiro dos arménios feitos reféns por azerbaijanis, nomeadamente toda a liderança do Partido Comunista e do Governo locais de Shaumyanovsk.

Quatro soldados das forças do Ministério Soviético do Interior foram dados como desaparecidos, enquanto um outro foi morto, ainda segundo a televisão soviética.

Em Manashid, dois helicópteros militares com tropas do Ministério do Interior foram repelidos com fogo de artilharia e um deles foi atingido.

Autoestradas e caminhos-de-ferro para Nagorno-Karabakh estão bloqueadas, assim como o aeroporto de Kirovabad, impedindo a chegada à região de alimentos e combustível.

Em Kirovabad, estão bloqueadas no aeroporto as unidades do Ministério do Interior que chegaram à região para substituir os efectivos militares de Nagorno-Karabakh.

**Centenas de arménios protestam em Moscovo pelo massacre de condidãos seus por extremistas azerbaijanis em Bazu, capital do Azerbaijão**

Em Yerevan, a capital, mais de quinhentas mil pessoas concentraram-se na praça central da cidade numa manifestação organizada pela Frente Popular.

Os manifestantes acusaram Moscovo de tapar os olhos ao "banho de sangue" e de não ter enviado tropas a tempo para proteger as vidas arménias.

A população de Yerevan recebeu com indignação a chegada à cidade de uma comissão do Partido Comunista soviético enviada pelo Kremlin para tentar amenizar a situação.

Gorbachev, durante a sua visita a Vilnius, não terá conseguido persuadir os lituanos de que o melhor para o seu interesse seria permacerem ligados à União Soviética.

Não obstante a sua grande capacidade de diálogo, o encontro do líder soviético com os líderes do PC lituano foi inconclusivo.

Nas ruas, mais de 200 mil pessoas exigiram a independência da Lituânia, numa manifestação pacífica e bem organizada, em contraste com os violentos acontecimentos na Transcaucásia.

Gorbachev ofereceu aos lituanos a liberdade de definirem a sua política económica e cultural, sem se desligarem da federação.

Disse que as reformas da *perestroika* colocaram na ordem do dia vários problemas que já se encontravam latentes.

O líder soviético, que aceitou a existência de um multipartidarismo na república, convidou os lituanos a reflectirem sobre a sua posição, fazendo-lhes ver que a separação seria funesta, na medida em que as reformas de Moscovo, atacadas pelos conservadores, precisam de apoiantes.

**Redacção DL/Lusa/ Reuter**

## Milhares exigiram fim do comunismo na Mongólia

Vários milhares de pessoas manifestaram-se ontem na República Popular da Mongólia, exigindo o fim do regime comunista no país - anunciou a agência noticiosa alemã democrática ADN.

Um grupo da oposição, a Federação Democrática da Mongólia, exigiu que seja posto termo ao monopólio de poder do partido comunista, segundo infornação da ADN, datada de Ulan-Bator, a capital da Mongólia.

Os manifestantes apelaram para o derrube de uma estátua de Estaline colocada em frente à biblioteca estatal da cidade e exigiram que o antigo líder Yumzhagin Tsedenbal regresse ao país para ser julgado.

Tsendenbal foi afastado do poder èm 1984 e vive actualmente em Moscovo.

Não houve qualquer tentativa aparente do Governo para dissolver a manifestação, que surgiu apenas um mês após a formação da Federação Democrática da Mongólia, adiantou a agência alemã democrática.

A Mongólia, com pouco mais quatro milhões de habitantes e uma superfície de 1.531.000 quilómetros quadrados, está situada entre a União Soviética e a China e possui o segundo mais antigo sistema comunista do mundo, a seguir ao de Moscovo.

Ulan-Bator, a capital, com 1.300.000 habitantes, é o principal centro do país.

A revolução cultural chinesa e os seus excessos romperam as poucas simpatias que os mongóis ainda tinham pelos chineses.

Um pacto militar assinado na década de quarenta transformou aquele país asiático num satélite da URSS.

**Redacção DL/Lusa/ Reuter**

*A convite do Patriarcado de Moscovo*

# Missão do Vaticano visita a Ucrânia

Uma delegação do Vaticano, chefiada pelo cardeal John Willebrands, encontra-se, hoje, em Lvov, cidade da Ucrânia Ocidental e sede da Igreja Uniata, para debater os problemas dos católicos ucranianos, cuja igreja foi proibida por Estaline e nem sempre puderam contar com a simpatia da Igreja Ortodoxa Russa.

A visita desta delegação da Santa Sé realiza-se, no entanto, a convite do Patriarcado de Moscovo.

O cardeal Willebrands teve já um encontro com o arcebispo Cirilo de Smolensk, director do departamento de relações exteriores do Patriarcado moscovita.

Esta visita decorre do encontro, em Novembro passado, entre Gorbachev e João Paulo II, durante o qual foram debatidas as possibilidades de resolver a questão dos uniatas da Ucrânia, mantidos até agora, oficialmente, na ilegalidade embora pratiquem o seu rito.

A Igreja Uniata conta com cerca de cinco milhões de fiéis, tendo sido forçada a unir-se à Igreja Ortodoxa Russa em 1946 e sendo, depois, vítima de várias perseguições.

Há poucas semanas, o arcebispo Cirilo de Smolenk acusou grupos de uniatas de perseguirem padres e fiéis ortodoxos na Ucrânia, usando até a violência. Posteriormente, a Igreja Ortodoxa Russa pronunciou-se a favor da legalização da Igreja Uniata.

**Lusa**

# Cuellar procura na URSS paz para o Afeganistão

O Secretário-Geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar, teve hoje um encontro, em Moscovo, com o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Shevardnadze, sendo entre ambos discutido o plano de paz da ONU para o Afeganistão.

Cuellar considera que sem uma nova fórmula será improvável que cessem os combates entre a guerrilha afegã e o regime de Kabul, dirigido por Najibullah. Isto porque, se é verdade que os rebeldes se recusam a negociar com Kabul, também não é menos verdade que não conseguiram derrotar militarmente o regime comunista do Afeganistão.

O plano de paz de Cuellar contempla, de acordo com o «New York Times», na sua edição de ontem, a unificação de todos os grupos rebeldes numa comissão que negociaria a formação de um Governo de coligação com o regime de Najibullah.

**Reservas de Moscovo e de Washington**

Essa unificação da oposição no Afeganistão incluiria outros grupos para além das sete facções dos rebeldes sunitas.

Seriam, assim, também englobados os chefes militares da resistência afegã, representantes dos xiitas afegãos que vivem no Irão e partidários do desposto rei afegão Mohamed Zahir Shah, actualmente exilado em Roma.

Esta nova aliança da oposição afegã criaria, segundo o plano de Cuellar, um conselho formado por cerca de cem representantes, o qual mandataria dez dos seus membros para negociar um acordo político com as autoridades de Kabul.

Moscovo não se opôs à iniciativa da ONU mas absteve-se, até agora, de dar o seu apoio.

Por seu lado, os EUA, que ainda não perderam a esperança de ver os rebeldes vencer o regime comunista de Kabul, não concordam com o plano de Cuellar mas também não o rejeitaram por forma explícita.

**Lusa**

*Com "o consentimento dos vizinhos"*

# SPD leste-alemão quer reunificação

O Partido Social Democrata da Alemanha Democrática (SPD) aprovou uma declaração a favor da reunificação alemã, no âmbito de um processo de integração europeia e se houver consentimento de todos os Estados vizinhos.

No seu primeiro congresso, o SPD prometeu ainda vencer os comunistas nas eleições livres de Maio e depois formar um Governo de coligação com outros grupos da oposição.

O partido, varrido do mapa político do lado oriental da Alemanha em 1946, ressurge agora com o seu nome tradicional, após quatro décadas, e espera reaver dos comunistas tanto os seus fundos confiscados como os seus antigos apoiantes.

"Queremos a reunificação da Alemanha apenas com o consentimento de todos os nossos vizinhos", afirma uma resolução aprovada unanimemente pelos 440 delegados presentes no congresso.

"As suas fronteiras são invioláveis", acrescenta, referindo-se à Polónia e Checoslováquia, países que possuem territórios outrora ocupados pela Alemanha.

**Hans Vogel**

Em primeiro lugar, os sociais democratas propõem a criação de uma união económica e monetária entre as duas Alemanhas, defendendo que a reunificação apenas ocorrerá no âmbito do processo de democratização e de crescimento económico da Europa. O chefe do Partido Social Democrata da Alemanha Federal, Hans Jochen Vogel, um dos vários membros do seu partido a participar no congresso, afirmou: "Uma Alemanha social-democrata seria um bom vizinho".

**Extrema direita movimenta-se**

O Partido Republicano da RFA, de extrema direita, também adoptou ontem um novo programa mais radical que proclama uma Alemanha unida, tendo Berlim como capital.

"Alemanha, pátria unida", foi a principal palavra de ordem dos 1.100 delegados presentes no congresso nacional de dois dias, que decorreu em Rosenheim.

Os republicanos exigiram que se proíba a entrada de mais imigrantes no país, a rápida expulsão de delinquentes estrangeiros e a penalização judicial do aborto.

O Partido Republicano, que obteve 7,1 por cento dos votos alemães federais nas eleições europeias de 1989, tem ainda como objectivo ingressar quanto antes no Parlamento federal de Bona e na Câmara Popular de Berlim Leste.

O presidente deste partido de direita radical, Franz Schoenhuber, de 66 anos, antigo soldado das Wafen-SS, declarou que o potencial dos republicanos na Alemanha de Leste é superior ao da Alemanha Federal.

**Helmut Kohl em Berlim**

Entretanto o chanceler alemão federal, Helmut Kohl, realizou ontem uma visita privada de poucas horas a Berlim, com o objectivo de observar a vida na parte oriental da cidade, informou em Bona o porta-voz governamental.

Kohl, que entrou na zona oriental de Berlim pela porta da Invalidenstrasse (rua dos Inválidos) e regressou também por ela, não manteve desta vez conversações políticas com dirigentes alemães de Leste.

De visita a Berlim encontra-se também uma delegação de destacados executivos e empresários e ainda altos funcionários do Ministério da Economia da RFA. Ambos os lados de Berlim foram ainda palco de cerimónias em homenagem aos dirigentes socialistas Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, assassinados em 1919.

**Redacção DL/Lusa**

*A luta do MPLA contra a Unita*

# Luanda não confirma suspensão da ofensiva

Segundo um funcionário da Presidência da República, em Luanda, contactado esta manhã pelo «DL» e que pediu o anonimato, o Governo de Luanda «não irá pronunciar-se sobre a suspensão ou não» da ofensiva das sua tropas contras as posições da UNITA no Sul do país.

Este facto poderá ser interpretado, segundo alguns observadores em Lisboa, como uma consequência lógica do não reconhecimento oficial por parte do Governo de Angola da recente ofensiva das suas tropas contra Mavinga, considerada uma «zona tampão» para o acesso ao quartel-general da UNITA na Jamba.

Entretanto, Secretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos, Herman Cohen, afirmou numa conferência de Imprensa realizada no sábado passado, em Washington, que o ataque das tropas governamentais angolanas resultou numa «derrota militar no terreno»

De qualquer das formas, as atenções sobre a evolução do conflito angolano centram-se agora na realização da próxima cimeira dos oito chefes de Estado africanos, de onde deverão sair as linhas mestras sobre um posssível cessar-fogo no país.

Resta ainda saber qual o papel que o Presidente zairense irá ter, de facto, na mediação do conflito. Uma questão assente para a maioria dos observadores: Mobutu Sese Seko parece condenado a ser uma figura mais decorativa em futuras negociações MPLA-UNITA, com outros países a desempenharem o verdadeiro papel de medianeiros.

Sabe-se também que nem os EUA nem a URSS veriam com maus olhos a participação efectiva do rei Hassan II, de Marrocos, na procura de uma solução para o conflito (ver pág. 8).

**Nova proposta de Luanda?**

A cimeira dos oito chefes de Estados africanos deverá realizar-se na segunda quinzena deste mês, informaram fontes oficiais angolanas à agência Lusa.

Segundo as mesmas informações, o Governo de Angola encontra-se agora apostado numa assinatura efectiva do cessar-fogo com os rebeldes da UNITA, pelo que Luanda irá apresentar uma nova plataforma de entendimento, diferente à divulgada no discurso de Ano Novo por Eduardo dos Santos, para desbloquear o impasse verificado no processo de paz.

A nova plataforma de paz, cujos pormenores ainda se desconhecem, baseia-se essencialmente, segundo a agência Lusa, num «enriquecimento dos acordos de Gbadolite».

Esta e outras questões estarão certamente no centro dos debates do Comité Central que se reuniu hoje em Luanda e que irá prolongar-se até ao dia 20 do corrente mês.

As actividades desenvolvidas pelo MPLA, desde Junho a Novembro do ano passado, a situação político-militar e o estado da economia dominam a agenda do Comité Central, que deverá ainda estudar as teses apresentadas para discussão, no Terceiro Congresso do MPLA-PT, em Dezembro, sobre as estratégias do partido para o próximo quinquénio.

**Redacção «DL»**

*Tragédia na «Flying» exige maior segurança*

# Casas nocturnas de Saragoça deverão ser inspeccionadas

As autoridades de Saragoça poderão determinar uma verificação de todas as casas nocturnas da cidade, na sequência do incêndio que na madrugada de sábado passado provocou a morte de 43 pessoas na discoteca «Flying». A hípótese foi esta manhã admitida ao «DL», pelos serviços de Imprensa da Câmara local, que afirmou continuar a desconhecer a causa do sinistro, embora um curto-circuito por sobrecarga da instalação elétrica seja a mais provável.

A discoteca tinha sido encerrada devido ao não cumprimento de normas de segurança, não possuindo as saídas de emergência previstas pela rigorosa lei espanhola, adoptada após diversas tragédias em casas nocturnas, a mais grave das quais foi um incêndio na «Alcalá - 20», em Madrid, que em 1983 provocou mais de 80 mortos. Em Saragoça eram particularmente duras em virtude da destruição pelo fogo do Hotel Corona, que vitimou mortalmente mais de 40 pessoas em 1979.

**Os cadáveres das vítimas do incêndio foram colocados no lado de fora da discoteca, enquanto os bombeiros efectuavam operações de rescaldo**

**Mortes instantâneas**

No entanto, as saídas de emergência (cuja instalação permitiu a reabertura da «Flying») não foram determinantes na extensão da tragédia, já que a maioria das vítimas morreu devido à intoxicação do monóxido de carbono libertado pela combustão de diverso material inflamável no interior da discoteca. Muitas delas nem se aperceberam do que estava a acontecer, tendo morrido ainda sentadas nas mesas. Os aparelhos de ar condicionado ajudaram à rápida propagação do mortífero gás, não tendo havido tempo para alcançar as saídas de emergência, cuja localização, aliás, se tornou muito difícil devido à escuridão em que mergulhou a discoteca quando o alarme foi dado.

Existem vários rumores de que juntamente com o monóxido de carbono um outro gás mais letal teria provocado as mortes quase instantâneas. Um composto de cianeto (semelhante ao usado pelos nazis nas execuções nas câmaras de gás), libertado pelo abundante material plástico, é a hipótese mais referida.

Do Governo Civil informaram-nos que não havia ainda uma estimativa exacta sobre o número de pessoas que tinham morrido intoxicadas, estando à espera da autópsia que «se realizará esta tarde». Porém, segundo a mesma fonte, «os bombeiros não levaram mais de 20 minutos a apagar o fogo», não sendo portanto muito provável que haja um grande número de vítimas mortas por queimaduras.

Segundo o Gabinete de Imprensa da Câmara Municipal de Saragoça, «a tragédia poderia ter sido ainda maior se a "Flying" estivesse completamente cheia (normal num sábado à noite) e não apenas com meia sala,ou seja, pouco mais de cem pessoas». Aos 43 mortos do incêndio não se devem acrescentar muitas outras vítimas, já que apenas um frequentador da discoteca se encontra hospitalizado em estado grave.

**Redacção «DL»/Lusa**

ana

aeroportos e navegação aérea, e.p.

# PRÉ-AVISO DE GREVE PARA 19, 20 E 21 DE JANEIRO ENTREGUE PELO SINDICATO DOS CONTROLADORES DE TRÁFEGO AÉREO

# INFORMAÇÃO AO PÚBLICO

O Conselho de Gerência da ANA, E.P. - AEROPORTOS E NAVEGAÇÃO AÉREA, lamenta ter de informar a existência do risco de mais uma paralização em Portugal do transporte aéreo, por 72 horas consecutivas, abrangendo os dias 19, 20 e 21 de Janeiro, por força de um pré-aviso de greve entregue em 12 de Janeiro pelos Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo.

Dada a gravidade potencial da situação criada e que não é da responsabilidade da Empresa, importa dar a conhecer publicamente as razões da ameaça de greve acima referida.

Na sequência de um pré-aviso de greve respeitante aos passados dias 07 e 08 de Janeiro, apresentado pelos Sindicatos acima referidos, a greve acabou por ser desconvocada, tendo a ANA, E.P. apresentado a proposta de um aumento de 12% para 1990 e aceite discutir a questão das horas extraordinárias, bem como um possível aumento adicional até 2% relativamente a algumas remunerações operacionais consideradas pelos Sindicatos como estando desactualizadas em alguns sectores de operação.

No âmbito das horas extraordinárias, deverá esclarecer-se publicamente que no decurso de 1989 os Controladores de Tráfego Aéreo receberam cerca de 72.000 contos correspondentes a aproximadamente 33.000 horas de trabalho extraordinário, porquanto, embora esteja previsto no Acordo de Empresa que se obrigam ao cumprimento semanal de 35 horas de trabalho normal, por arranjo dos horários de trabalho e folgas intercalares, não tem sido possível conseguir que trabalhem mais do que 28 horas por semana em regime. normal. Assim, têm sido consideradas como horas extraordinárias e pagas como tal todos os períodos de trabalho para além do valor atrás referido, ou seja, o limite das 35 horas de trabalho normal por semana acaba por ser apenas um quantitativo teórico que, por força da prática seguida até agora, se transforma em 28 horas semanais.

Pretendem os Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo que, em adição ao aumento salarial geral de 12%, proposto pela ANA, E.P. e por eles aceite, fosse incorporado no seu vencimento o valor de mais cerca de 105.000 contos que resultaria do total das horas extraordinárias recebidas em 1989, na ordem dos 72.000 contos, acrescido de uma sobrevalorização para 1990 de modo a perfazer os 105.000 contos. Como contrapartida, os Sindicatos assumiriam o compromisso da não cobrança de horas extraordinárias entre as 28 e as 32 horas semanais, período aliás constando no Acordo de Empresa como estando dentro do limite das 35 horas de trabalho normal semanal.

Apesar do inusitado da situação, que é pagar-se como trabalho extraordinário o que à partida e contratualmente figura como sendo trabalho normal, a ANA, E.P. acedeu considerar a sugestão dos Sindicatos quanto à revisão das horas extraordinárias. Todavia, contrapôs em alternativa não aceitar a inclusão do montante respeitante às horas extraordinárias e aumentar os vencimentos de 12% para 12,5%, percentagem equivalente a aumentos para 1990 entre os 47 e os 63 contos por mês relativamente à grande maioria dos Controladores de Tráfego Aéreo que já receberam no ano de 1989 entre 4.500 e 6.000 contos.

Os Sindicatos não aceitaram a proposta da Empresa, apesar do seu elevado valor absoluto e da circunstância de estar bem acima da taxa de inflação prevista para 1990.

Será, igualmente, de fazer notar publicamente que desde 1985, os Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo, recorrendo ao uso do que assumem ser um monopólio na sua área profissional, têm vindo a exigir e a obter notórios aumentos de massa salarial sempre superior às taxas de inflação, com especial relevo logo em 1985 em que alcançaram um aumento médio de 41% contra uma taxa de inflação de 19,3%.

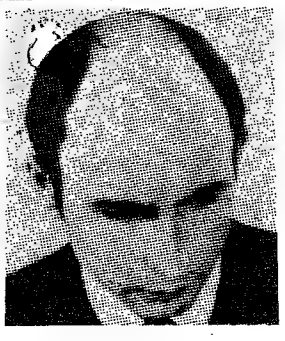
É por demais evidente que uma tal escalada não poderá prosseguir por razões de justiça social e por colocar em causa os objectivos nacionais que justificam a existência da ANA, E.P. como serviço público visando a concretização progressiva de melhores e mais modernos aeroportos, de mais ajudas rádio à navegação aérea e de um melhorado serviço de comunicações e de controle de tráfego aéreo.

É, portanto, irrealista pretender-se que se dê cobertura a imposições económica e socialmente injustificadas. Dever-se-á salientar que os acréscimos de remunerações oferecidos pela ANA, E.P. representam já 1.3 a 1.8 vezes o salário mínimo nacional, o que eleva para 5.050 a 6.750 contos as remunerações anuais para a grande maioria dos Controladores de Tráfego Aéreo.

Aliás, no decurso das negociações já efectuadas, os Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo ainda não justificaram porque é que pretendem aumentos salariais mensais médios bastante superiores aos já oferecidos pela ANA, E.P.

De qualquer modo, a Empresa continua a manter a sua disponibilidade completa e sem reservas para considerar todas as reivindicações razoáveis que lhe venham a ser apresentadas pelos Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo.

O CONSELHO DE GERÊNCIA



# ESTÁ CALVO?

Restituímos o cabelo perdido e resolvemos o problema da calvície por novo processo científico, sem prender postiços ao seu cabelo, nem fazer reajustes periódicos. O nosso sistema garante uma eficaz protecção contra as intempéries, óptima apresentação e aspecto jovem!

Demonstrações sem compromisso na

**CASA DINABEL**

**Rua Morais Soares, 82, 2.º F** **1900 LISBOA** **Tel. 83 44 34**



**COSTUREIRAS PROFISSIONAIS**

PARA LUGAR DE FUTURO
* ORDENADO ACIMA DA MÉDIA *
TEL.: 67 87 58



**SANTOS & NASCIMENTO**
**AV. DA LIBERDADE, 177-LISBOA**
**SALDOS**
**PRONTO-A-VESTIR**
FATOS * CAMISAS * CALÇAS * BLUSÕES *
MALHAS * CASACOS * ETC.


## PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 80 799, para: «PROCESSO PARA PREPARAÇÃO DE DERIVADOS DO ÁCIDO AMINO-EBURNANO-CARBOXÍLICO E DE COMPOSIÇÕES FARMACÊUTICAS QUE OS CONTÊM.»

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º - Esq.º
1000 LISBOA
Telefs. 651339-654613-692815

## PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 80 798, para: «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE DERIVADOS DO ÁCIDO APOVINCAMÍNICO SUBSTITUÍDOS NAS POSIÇÕES 9 OU 11.»

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º - Esq.º
1000 LISBOA
Telefs. 651339-654613-692815

S. R.

**MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA**
**SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA**
**DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA**
**DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA**

## ÉDITOS

Arquivo 688-A Processo 1/64

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, EP, Direcção Operacional Distribuição Sul a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kv, ST 30-9-43, com 475 metros, do apoio n.º 190 da linha ST 30-9 Alcácer — Santiago, ao PT de Jorge Pereira, na freguesia e concelho de Grândola, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE GRÂNDOLA durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 2 de Janeiro de 1990.

***João Manuel F.C. Garcia***
Director de Serviços

S. R.

**MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA**
**SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA**
**DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA**
**DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA**

## ÉDITOS

Arquivo 688-A Processo 1/63

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, EP, Direcção Operacional Distribuição Almada a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kv, LI 30-322-1-1, do apoio n.º 20 da linha LI 30-322-1, Azeitão, ao PT da Rodoviária Nacional, freguesia de S. Simão, concelho de Setúbal, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE SETÚBAL durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 3 de Janeiro de 1990.

***João Manuel F.C. Garcia***
Director de Serviços

## PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 80 870, para: «PROCESSO PARA PREPARAÇÃO DE DERIVADOS DE 1-ARIL-5H-2,3-BENZODIAZEPINA»

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º - Esq.º
1000 LISBOA
Telefs. 651339-654613-692815

## PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 70 992 «PROCESSO DE PREPARAÇÃO DE DERIVADOS DE GLICINAMIDA».

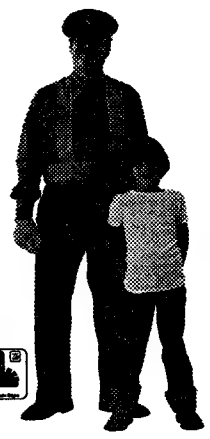
Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º - Esq.º
1000 LISBOA
Telefs. 651339-654613-692815

## PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção n.º 80 800, para: «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE DERIVADOS DO ÁCIDO NITRO-APOVINCAMÍNIO E DE COMPOSIÇÕES FARMACÊUTICAS QUE OS CONTÉM.»

Trata: CLARKE, MODET & C.ª, LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201 - 3.º - Esq.º
1000 LISBOA
Telefs. 651339-654613-692815


CML



uma cidade limpa



**EMERGÊNCIA**

**O primeiro gesto é seu**



**EM PRIMEIRA MÃO**

CONHECER
REFLECTIR
TER OPINIÃO

O QUE SE PENSA
E O QUE SE PASSA NA
**UNIÃO SOVIÉTICA**

- PERESTROIKA — Variante Bielorussa
- Ecologia — Salvar o Volga, berço da Rússia
- Deputado, jovem, competente, acessível

**À VENDA O NÚMERO DE JANEIRO**

**vida SOVIÉTICA**
**A SUA REVISTA MENSAL**

À CDL — Central Distribuidora Livreira
Av.ª Santos Dumont, 57 - 2.º — 1000 LISBOA
Tels. 73 22 75 - 76 11 31

**Decidi assinar a revista «VIDA SOVIÉTICA» — Preço de capa — 80$00**
**• 1 ano — 600$00 • 2 anos — 800$00 • 3 anos — 1000$00**

Para o que envio, cheque ☐ Vale de Correio ☐
no valor de _____
NOME _____
MORADA _____
_____ TEL: _____
CÓD. POSTAL [ ] [ ]

DL


**TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VILA FRANCA DE XIRA**

**ANÚNCIO**

**Pr.º 102/79 — 2.ª Secção**
**1.º Juízo**

FAZ-SE SABER, que pela 2.ª Secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial da Comarca de Vila Franca de Xira, nos autos de execução ordinária n.º 102/79, em que é exequente Fassio, Lda., e executados CARLOS MANUEL CORREIA DA SILVA CARDOSO, residente na Quinta do Cerrado em Arruda dos Vinhos e outros, há-de ser posto em praça, pela 1.ª vez, neste Tribunal, no dia 1 de Fevereiro de 1990, pelas 14 horas, e pelo valor indicado para pagamento da quantia exequenda no montante de 771 811$00 e demais custas acrescidas até final, existindo créditos reclamados pela Caixa de Previdência e Abono de Família do Comércio do Distrito de Lisboa, Instituição de Previdência,no montante de 595 041$00 e pelo Ministério Público no montante de 290 000$00.

**BEM A VENDER**

O direito e acção à herança que o executado Carlos Manuel Correia da Silva Cardoso, detém por morte de seus pais, Fernando Guerra Cardoso e Maria Inês Falcão de Miranda Correia da Silva Cardoso, pelo valor de 3 000 000$00.

Vila Franca de Xira, 5 de Janeiro de 1990

**A Juiz de Direito**

***Maria Onélia Vicente Madaleno***

**O Escrivão Adjunto**

***José Maria Certainho Salgueiro***

**«DL» 15/1/90 — 1.ª Pub.**

**TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOURES**

**ANÚNCIO**

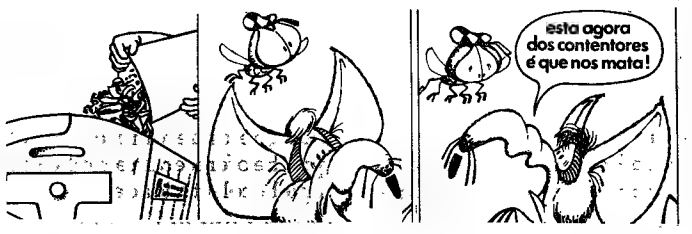
FAZ-SE saber que, na ACÇÃO ESPECIAL DE DESPEJO, registada sob o n.º 600/89, pendente na 1.ª SECÇÃO — 1.º JUÍZO desta Comarca, que os AUTORES: — PALMIRA MARIA DUNÕES BATISTA PARRA e Marido, e, JUDITE DUNÕES NUNES, todos residentes na Rua Museu Tauromáquico, n.º 4 — Pinheiro de Loures — LOURES, movem contra os RÉUS: — «Z. BETTENCOURT DA SILVA, LDA.», com última sede conhecida na Rua Cais do Tojo, 52-54, Lisboa e **Outros,** foi designado o dia 24 —(VINTE E QUATRO) de JANEIRO de 1990, pelas 14 (CATORZE) HORAS, para a realização da TENTATIVA DE CONCILIAÇÃO nos termos do art.º 972.º, al. a) do Código de Processo Civil, pelo que a Ré é CITADA, editalmente, para comparecer pessoalmente neste Juízo, naquele dia e hora, ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir, a fim de se proceder à aludida tentativa de conciliação nos autos acima mencionados, que à citanda e a Outros são movidos pelos fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra à disposição da mesma na Secretaria deste Tribunal.

É ainda CITADA para, no caso de não comparecer ou de não se obter acordo, contestar a Acção no prazo de 10 (DEZ DIAS) a contar daquela data, finda a dilação de 30 (TRINTA DIAS), sob pena de ser condenada no pedido, podendo deduzir, em reconvenção, o pedido de benfeitorias e indemnizações a que se julgue com direito, não sendo motivo de adiamento a falta de alguma ou ambas as partes, incorrendo o faltoso em multa.

Loures, 04 de Janeiro de 1990.

O JUIZ DE DIREITO,
**Rui Hilário Maurício**
O ESCRIVÃO-ADJUNTO,
**Carlos Almeida**

**«DL» 15/1/90 — 1.ª Pub**



QUOTIDIANO

# Executivos da UGT discutem assuntos genéricos

*Enquanto os «chefes» pensam na recandidatura de Mário Soares, os sindicatos dos transportes entram em luta e recordam-lhes responsabilidades*

Apoiar a luta dos sindicatos portugueses pelo reforço da negociação colectiva, apelar a Mário Soares para que se recandidate a um novo mandato a Presidente da República e recusar a criação de uma «frente comum» com as confederações patronais contra o Governo foram algumas das decisões da reunião do Secretariado Executivo da UGT, que este fim-de-semana reuniu em Sesimbra, numa altura em que os conflitos no sector dos transportes voltam a estar na ordem do dia. O apoio à recandidatura do Presidente da República será apresentado para votação ao Conselho Geral da central sindical, com data marcada para os dias 27 e 28 deste mês, reunião que tem como ponto da ordem de trabalhos mais polémico a discussão da estratégia da negociação colectiva da UGT, e onde se espera a clarificação do «caso SITRA».

A agenda do mais importante encontro entre congressos tem como primeiro ponto a aprovação do Orçamento da central para 1990, seguindo-se a «análise da situação política sindical - enquadramento da contratação colectiva». Para os sindicalistas do Sindicato dos Transportes Rodoviários e Afins será aqui que poderá ser integrado o seu caso, bem como todos os conflitos - embora menos agudos - que a central tem tido neste âmbito. Mas um reparo é desde já feito: um assunto como este tem apenas agendada hora e meia de discussão, tempo considerado «manifestamente insuficiente», segundo afirmou ao «DL» um sindicalista daquela estrutura.

Neste segundo ponto, várias alíneas estão marcadas: a apresentação do relatório do secretário-geral e do relatório sobre «contratação colectiva no âmbito da UGT». Política reivindicativa, reinvindicações imediatas e globais para biénio 1990/92 e a informação sobre a Carta Social Europeia e o programa de acção na Europa completam a ordem de trabalhos.

A reunião de dois dias do Secretariado Executivo da UGT em Sesimbra, que «levou a cabo uma profunda reflexão sobre a situação político-sindical, designadamente nas áreas económica, social e política», segundo o comunicado final, definiu a «estratégia prioritária» da central para a próxima década, sobretudo o desenvolvimento de acções que possibilitem o nivelamento dos salários e condições sociais dos trabalhadores portugueses pela média comunitária.

Aquele órgão deixou clara a sua indisponibilidade para «negociar qualquer acordo tripartido que se confine à definição de objectivos de inflação prevista e de política salarial» - tentando assim evitar erros passados - exigindo do Governo e das confederações patronais disponibilidade para a negociação de um «amplo acordo social».

Nesse sentido, a UGT deixou explicito que recusa «qualquer reunião com as confederações patronais que tenha como objectivos criar uma 'frente comum' contra o Governo», desmentindo assim uma notícia publicada no «Expresso» de sábado. Sobre esse assunto, o próprio Torres Couto afirmou que a central que dirige define e leva a efeito as «guerras» que achar por bem desencadear.

Não foi no entanto negada a possibilidade de encontro bipartidos que visem «objectivos e contributos positivos para a superação dos problemas graves, insuficiências e obstáculos que afectam a estrutura produtiva portuguesa».

As decisões saídas da reunião do Secretário Executivo da UGT são vistas por alguns dos sindicalistas das suas estrtuturas como «tímidas», uma vez que a situação negocial nas empresas se vêm agravando e novas greves estão já agendadas, pelo que consideram que a central não teve em atenção a conflitualidade laboral latente.

Os maquinistas da CP - representados por um sindicato independente - iniciam ao meio dia de amanhã um conjunto que greves parciais que se prolongará até às 24 horas do dia 26.

Segundo afirmou ao «DL» Alberto Lopes, da direcção do Sindicato dos Maquinistas, a greve afectará bastante a circulação de comboios, uma vez que cada um daqueles profissionais paralisará nas 4 primeiras horas do seu turno. A estrutura espera uma grande adesão dos seus associados, apesar das «cartas intimidatórias» que o Conselho de Gerência enviou para a residência de cada maquinista. Nessas missivas, segundo aquele sindicalista, os responsáveis da empresa pedem aos maquinistas que «reflitam, porque o sindicato poderá ter errado» com esta medida, tanto mais que a gerência, após os acordos negociados com outras estruturas, já não tem disponibilidade financeira para miores aumentos e que apenas poderá fazer pequenas alterações no regulamento de carreiras.

**Elsa Andrade**

## Vacinas antigripe relançadas no mercado

Uma encomenda de mais de 50 mil unidades da vacina Influvan S, que se destina a combater o vírus da gripe, encomendada pela Quimifar e vinda da Holanda, chega esta tarde ao aeroporto da Portela e será posta à venda amanhã nas farmácias.

No sábado, esta empresa recebeu uma encomenda de 43 mil unidades, da mesma vacina, que tinha sido encomendada de urgência à Grã-Bretanha, e que começaram a ser distribuídas, durante amanhã, pelas farmácias do país.

Com o surto de gripe que tem afectado Portugal foram já vendidas, nos últimos dois meses, cerca de 275 mil vacinas antigripe.

Tal facto, fez esgotar, na sexta-feira passada, os três tipos de vacinas (Influvan S, Istivac e Inflexal), nos armazéns distribuidores. A situação está a ser resolvida com estas encomendas urgentes.

Um elemento da Quimifar disse ao «DL» que se fosse necessário há mais uma encomenda preparada na Holanda, também de 50 mil unidades, para desembarcar em Portugal amanhã ou quarta-feira.

## Fundação Gulbenkian concede 350 mil contos

A Fundação Gulbenkian concedeu importantes subsídios, no valor global de 322.500 contos, a quinze dos principais estabelecimentos hospitalares do País.

Esta iniciativa insere-se na política prosseguida pela Fundação «de contribuir para a melhoria das condições, possibilidade de diagóstico e tratamento nos hospitais portugueses».

Segundo um comunicado da Gulbenkian os subsídios para aquisição de unidades de ultrassonografia computadorizada têm em vista a introdução de novas modalidades de ecografia, como é o caso da endoscópica, a divulgação da ecografia pré-operatória e o aperfeiçoamento das modalidades existentes, de maneira a garantir que e medicina nacional acompanhe a evolução tecnológica registada no mundo desenvolvido.

Além destes donativos, a Fundação concedeu ainda um outro no valor de 30 mil contos à Maternidade Dr. Alfredo da Costa, em Lisboa, para aquisição de um mamógrafo, de um bisturi lasser e de um ecógrafo indispensáveis ao diagnóstico precoce e tratamento eficaz de muitas doenças, designadamente de foro oncológico.

*Cerimónias em série*

## Nuno Abecasis inaugura aterro do Vale do Forno

Foi esta manhã inaugurado pelo presidente cessante da Câmara Municipal de Lisboa, Kruz Abecasis, o aterro sanitário do Vale do Forno, junto à Calçada de Carriche. A cerimónia constitui um elo da série de inaugurações que o presidente da edilidade tem vindo a realizar em vésperas da sua substituição, prevista para segunda ou terça-feira da próxima semana.

Com um custo de 400 mil contos, o aterro é o destino final dos inertes produzidos na estação de tratamentos de resíduos sólidos de Beirolas, estando já a funcionar há alguns meses.

A obra assegura, através da deposição ordenada, compactação e cobertura diária, um correcto destino final dos resídios, sem cheiros, fumos e outros inconvenientes para as populações residentes nas proximidades.

O aterro foi construído tendo em atenção a protecção e defesa do solo, bem como a drenagem e tratamento de líquidos e gases originados pela decomposição dos detritos.

Entretanto, Kruz Abecassis foi homenageado sábado pela Sociedade Filarmónica Alunos do Apolo. O presidente em fim de mandato esteve na sede da associação, em Campo de Ourique, onde foi recebido pela direcção e numerosos sócios, que lhe ofereceram a réplica da batuta que o rei D. Carlos deu àquela colectividade.

As esculturas devem ser concebidas para colocação no exterior e utilizar o betão como material dominante, admitindo-se o recurso a outros materiais em termos meramente acessórios.

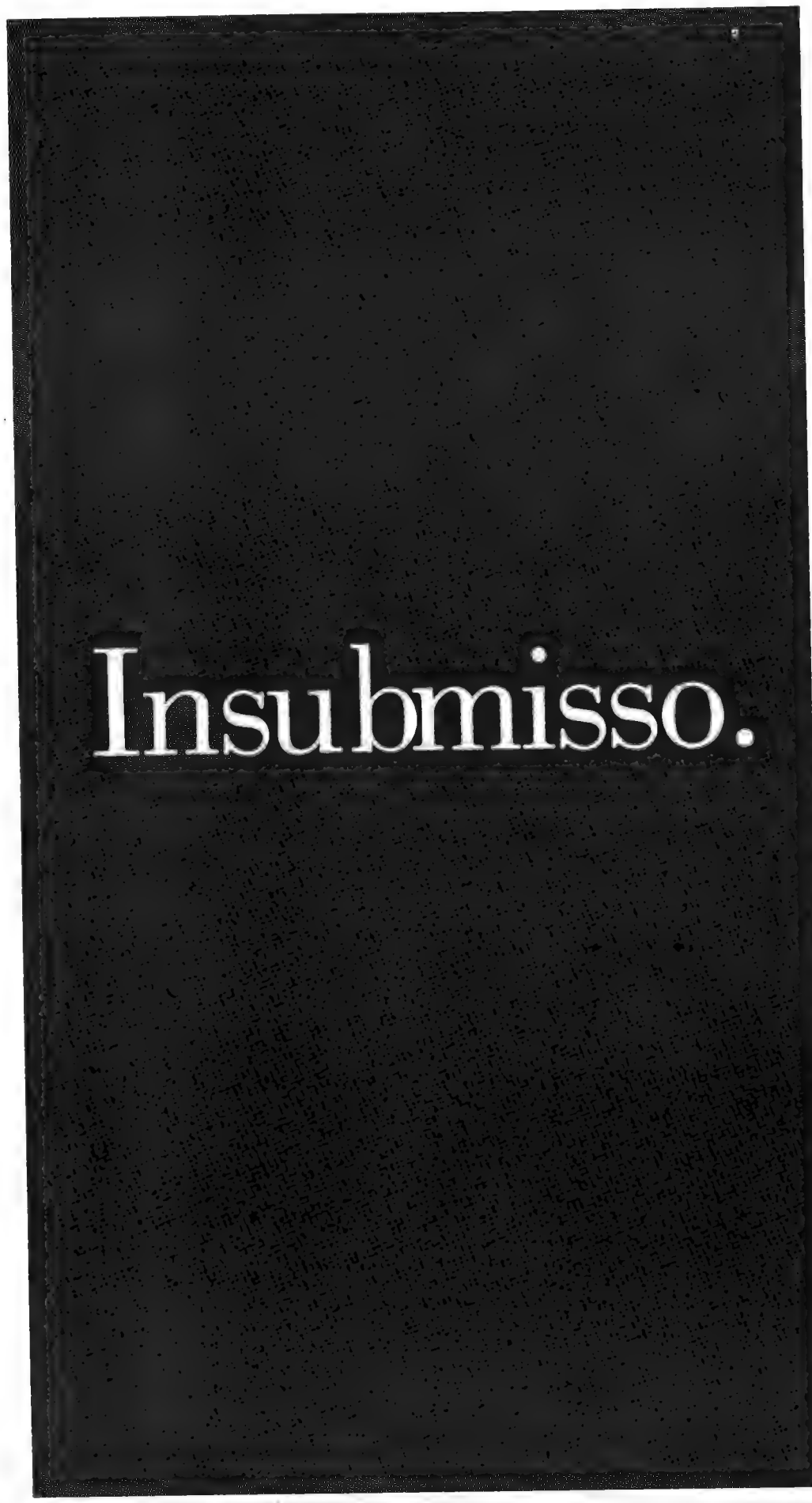
**Prémios instituídos:**
1.º classificado: 750.000$00
2.º classificado: 500.000$00
3.º classificado: 300.000$00

Recepção de projectos até 30 de Janeiro de 1990

Regulamento e esclarecimentos complementares – Serviços Municipais de Cultura da Câmara Municipal de Oeiras Tel. 4431500 (Ext. 222)

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
Largo Marquês de Pombal, 2780 OEIRAS

SECIL
COMPANHIA GERAL DE CAL E CIMENTO, S.A.
Av. Conselheiro Fernando de Sousa, 19, 18.º 1092 LISBOA CODEX




QUOTIDIANO

# Associação recupera jovens em ruptura

*Cursos de formação profissional vão ser ministrados na prevenção da marginalidade social. Para recomeçar, é preciso motivação e apoio*

Prevenir situações de marginalidade social e promover programas de inserção social e de formação profissional a indivíduos que se encontrem em situações de ruptura com o meio familiar e escolar é o objectivo da associação Recomeçar, agora formada.

Na nossa sociedade são cada vez mais frequentes casos de indivíduos cuja integração no meio em que vivem é difícil. Tão difícil que muitas vezes enveredam por caminhos diferentes daqueles socialmente considerados normais. A fuga é procurada na droga, no suicídio e noutros comportamentos considerados desviantes. A vontade de viver é então superada pela angústia, a desmotivação, a falta de interesse seja pelo que for.

Para salvar estes indivíduos, na sua maioria jovens, um punhado de especialista em diversas àreas, como a psicologia, advocacia, assistência social, formaram a associação Recomeçar, a qual irá contar com o apoio da Misericórdia e do Fundo Social Europeu.

O psicólogo João Salvado Ribeiro, um dos impulsionadores, disse ao DL que «para os jovens com comportamentos desviantes não basta ter um único gesto. É necessário motivá-los através de diversos cursos de formação profissional, da formulação de projectos e empenho na sua execução. É preciso dar-lhes todo o apoio que não tiveram até então».

A intervenção da Recomeçar integra três eixos fundamentais: uma formação profissional que possibilite o acesso ao mundo do trabalho, a (re)descoberta do interesse pelo que rodeia o indivíduo, como a relação com os outros, com as regras e com o tempo livre, e o acesso a um apoio jurídico gratuito.

Rui Vasco

**Para os jovens em ruptura com a família e a escola, não basta ter um único gesto. É preciso motivá-los a encontrarem o prazer de viver**

Para cumprir estes dois objectivos, a associação propõe, para além dos cursos de formação profissional, um enquadramento psicopedagógico dos referidos cursos, estratégias de inserção social e profissional, actividades locais de apoio à inserção familiar.

Quanto aos cursos de formação profissional, estes possuem três características: não devem exigir grande preparação anterior, não devem ser demorados (o prazo máximo estabelecido foi de seis meses) e devem ser pragmáticos.

A associação Recomeçar depara-se agora com um único problema: um local definitivo para poder desenvolver os seus objectivos. As áreas de formação estão dependentes disso, uma vez que o tipo de cursos a estipular depende das instalações. Para já no número 18 da rua dos Remédios à Lapa funciona como sede provisória.

Quanto às áreas de formação, a associação pretende abranger três campos específicos: construção civil, que englobará os cursos de electricidade, carpinteiro de limpos e canalização; a área artesanal, composta pelos cursos de olaria, culinária, costura e fotografia; e a área especializada, com os cursos de informática, secretariado, contabilidade, electrónica e artes gráficas.

Segundo João Salvado Ribeiro, «os critérios de selecção destes jovens terão em conta o empenhamento e a motivação, o relacionamento com os familiares, com os amigos, o tipo de relação que mantêm com o ambiente social que os rodeia, vida afectiva, interesses e ocupação de tempo. Todos estes pontos, e com certeza outros, terão de ser abordados numa entrevista individual que é obrigatória».

Como em qualquer curso de formação profissional, a avaliação é muito importante. Na associação Recomeçar os indivíduos serão avaliados sob dois parâmetros: a capacidade demonstrada de aquisição dos conhecimentos e da prática ministrada no curso e a evolução verificada ao longo deste, quanto à sua relação com o trabalho e com os outros.

Os primeiros cursos realizar-se-ão brevemente mas, segundo João Salvado Ribeiro, «ainda não foi marcada uma data concreta».

**Gisela Oliveira**

# Agricultores pensam em novas acções

Os agricultores algarvios, «insatisfeitos com a falta de respostas concretas por parte do Ministério da Agricultura», dizem que apesar de terem abandonado o aeroporto de Faro, quinta-feira passada, estão dispostos a pensar em novas acções.

Mateus Bolas, um dos elementos da Comissão de Defesa dos Agricultores do Algarve, disse ao «DL» que «os agricultores não estão nada contentes com as decisões do Governo e estudam amadurecidamente novas formas de luta. Oficialmente a manifestação terminou às 00 de quarta-feira, mas alguns agricultores quiseram ir até ao aeroporto de Faro reivindicar aquilo a que têm direito. A Comissão acedeu a essa solicitação, mas consciente de que isso seria um acto muito responsável».

A presença da polícia de choque, e o frio intenso que se fez sentir na madrugada de quinta-feira provocaram a desmobilização da concentração de agricultores e a suspensão das iniciativas conduzidas pela comissão, apesar do seu objectivo não ter sido alcançado.

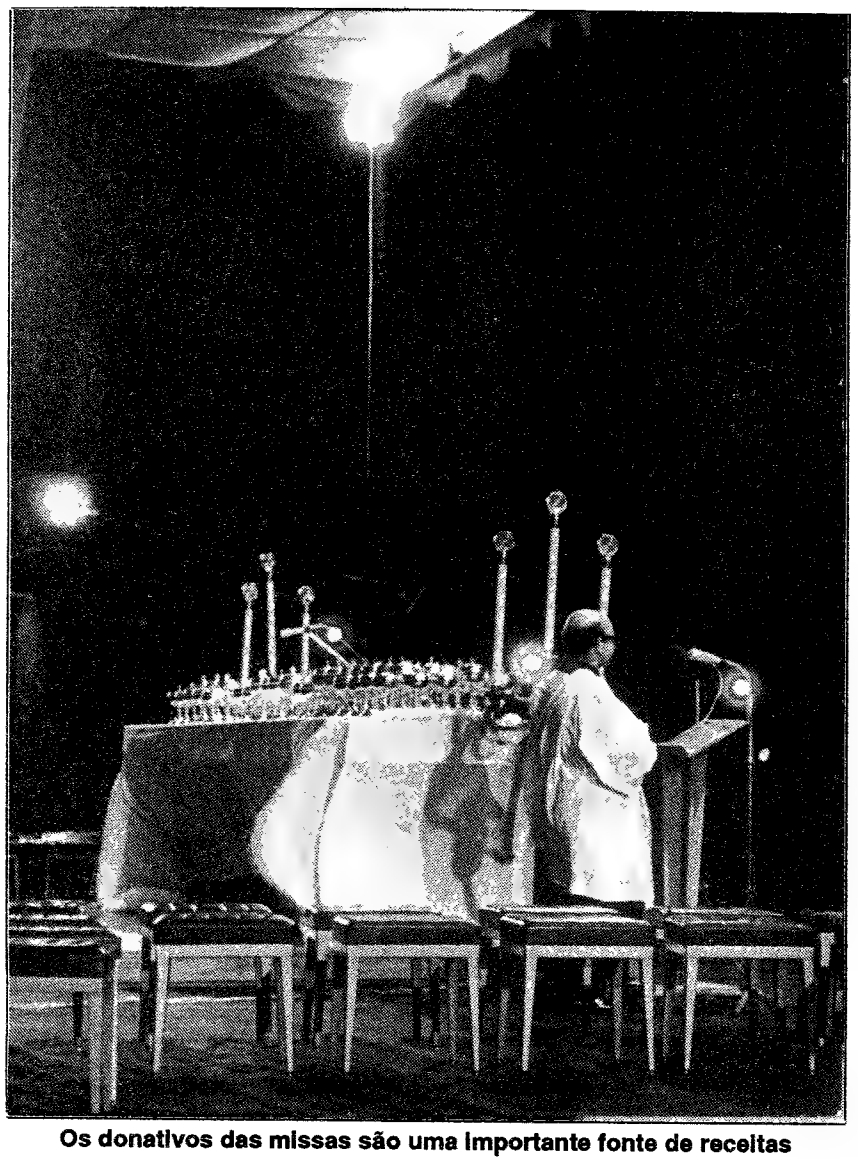
Entretanto, um comunicado emitido quinta-feira pelo Ministério da Agricultura anunciava que o decreto relativo à linha de crédito, a juros bonificados, fora promulgado nesse dia pelo Presidente da República.

Este crédio especial monta a cinco milhões de contos. O decreto foi publicado sexata-feira no «Diário da República» e prevê juros bonificados em 50 por cento nos dois primeiros anos, em 40 por cento no terceiro ano, em 30 por cento no quarto ano e em 20 por cento no quinto.

QUOTIDIANO

# Patriarca decide salários

*Os padres de Lisboa vão ter uma base remuneratória fixa. Esta será testada nos próximos cinco anos*



Os donativos das missas são uma importante fonte de receitas da paróquia

Os estatutos Económico e do Clero e do Fundo Paroquial vão ser promulgados na segunda-feira, da próxima semana, pelo Cardeal Patriarca. Estes decretos, abrangendo apenas o Patriarcado de Lisboa, prevêm a atribuição de um salário aos clérigos.

Cabe ao Conselho Presbiteral, que vai reunir nos primeiros dias de Julho, estudar o quantitativo base dos ordenados. Desta reunião sairá uma comissão para discutir, caso a caso, a situação financeira dos sacerdotes. O montante será diferente consoante as necessidades de cada um. Depende do Cardeal Patriarca a decisão final da verba a atribuir.

O modelo de salário fixo vai ser testado nos próximos cinco anos, podendo ir até oito anos. Estão abrangidos por este sistema os sacerdotes titulares e colaboradores das paróquias de Lisboa. As restantes dioceses têm autonomia para seguir, ou não, esta orientação, o que dependerá do resultado nas paróquias da capital. O novo regime, inédito em Portugal, é aplicado em muitos países europeus.

Esta despesa será suportado por cada paróquia, podendo apelar ao fundo diocesano, se os meios locais não forem suficientes. Para o efeito, vai ser criado um «fundo de compensação». Uma fonte do patriarcado adiantou que não haverá necessidade de recorrer a outros investimentos.

O Estatuto Económico tem a ver com um fundo paroquial comum a cada paróquia e com a repartição das despesas. A questão salarial parte de um projecto aprovado em Concelho Episcopal. Como salientou uma fonte do patriarcado, « pretende-se encontrar dentro da Igreja formas monetárias que correspondam a uma atribuição justa . Uma base para uma vida pobre, mas digna». O que sobrar, a cada sacerdote, será oferecido para um fundo comum das igrejas.

## Medicina domiciliária tem mais procura

O aumentoi do número de idosos das sociedades do final deste século e do incremento dos valores da humanização e da intimidade individual estão a expandir a procura da assistência médica domiciliária. Segundo Vítor Ramos, médico de família que participou mo primeiro simpósio nacional de assistência médica domiciliária, realizado no fim de semana, em Coimbra, este fenómeno está também associado à evolução do padrão das doenças, que geram «graves e prolongadas incapacidades».

»As famílias tendem a sediar-se mais no seu lar», considera aquele médico, acrescentando que, a par das condições das doenças, razões sociais e culturais, «assiste-se também a uma menor submissão ao sistema e a uma maior procura da autonomia por parte dos pacientes.

Na oerspectiva de Vítor Ramos, a partir de meados da década de 80 tem-se incrementado a procura do serviço médico ao domicílio privado, o que revela «uma incapacidade dos serviços públicos» em prestarem o serviço desejado.

«A forma organizativa do médico de família não satisfaz essa necessidade em que a realação do médico é mais com o Estado do que com a família», sublinha.

O presidente da Secção Regional da Ordem dos Médicos, Santana Maia, considera que nas sociedades tecnologicamente mais desenvolvidas tende a incrementar-se a assistência médica domiciliária pelo facto de ser reconhecidoque o apoio aos doentes «é mais adequado no seu ambiente do que através do isolamento social».

«Não se trata de um retorno ao antigo modelo», sublinha Santana Maia, realçando que a assistência hospitalarem grande escala tem continuidade nos países do Terceiro Mundo onde as condições sociais e de habitabilidade são deficientes.

Aquele dirigente da Ordem dos Médicos disse ser difícil ao serviço de saúde pública dar resposta a tal solicitação, embora considere que «globalmente o Estado retira ganhos daquele modelo por traduzir-se em economia hospitalar».

Santos Silva, membro da organização do simpósio, salientou que este tipo de assistência privilegia «um contacto mais íntimo entre o médico e o doente no seu ambiente familiar e resolve situações que não justificam a permanência em hospitais».

«O médico não é só o tratador do corpo do doente, é importante que lhe trate a alma e ao mesmo tempo que, na sua casa, se apercebe da sua situação económica e outras possibilidades de realizar o tipo de tratamento ministrado», sustenta.

CRÓNICA

*Desde há milénios, desde sempre, que entre o homem e o lobo se desenrola uma guerra de extermínio. Normalmente, o homem ganha, mas também há os homens que gostariam (ou imaginam) ser lobos: os licantropos*

# Delírio no Parque da Peneda-Gerês

Andam mal as coisas, ao que parece, pela Peneda-Gerês. Foram os fogos de Verão, é a reabertura (definitiva, diz-se) da fronteira internacional, é o lobo, asseguram os que não lhe querem vestir a pele.

Do incêndio já se disse o que havia a dizer: que destruiu hectares plantados de árvores que haviam levado meio milénio a crescer, que desesperos e incompreensões o haviam ateado, que os meios humanos e técnicos eram insuficientes para o combater, que muito tempo levará a recompor minimamente as coisas.

Fronteira permanentemente aberta na Portela do Homem era uma velha ideia de José Araújo, o reeleito presidente da Câmara de Terras de Bouro. Uma velha e estúpida ideia, acrescente-se. Fazer passar uma estrada internacional através de um parque nacional (o único existente em Portugal) não cabe na cabeça de ninguém e deve ser extremamente estimulante para as espécies da região, algumas, como se sabe, em vias de extinção.

Há muito tempo que o activo autarca lutava por aquela fronteira, o que o levou, numa primeira fase, a derrubar a autêntica «floresta» de marcos miliários romanos reunidos no extremo da *geira*.. Com a eficiência da técnica moderna, utilizando *bulldozers* e cadeias de ferro, que deixaram marcas irreparáveis nos derrubados testemunhos da maior via de ligação da Bracara Augusta com o resto do Império Romano.

E nunca alguém chegou a compreender a utilidade da abertura daquela fronteira. A Galiza,a norte do Gerês e até á majestosa Celanova, é um deserto. Aos emigrantes que regressam da Europa, a entrada mais lógica e mais fácil é pela fronteira de Verin-Chaves. Chegar a casa pela Portela do Homem representa mais uma centena de quilómetros e o recurso a estradas incomportáveis, praticamente medievais.

Enquanto secretário de Estado do Ambiente, Carlos Pimenta conseguiu evitar o descalabro proposto pelo autarca Araújo. Macário Correia não terá tido tal capacidade. Restanos esperar que o novo ministro do Ambiente, Fernando Real, ainda vá a tempo de remediar o autárquico disparate. É um homem do Norte. Saberá entender-se com o problema, espera-se.

Mais grave, mais grave, insurge-se o bracarense «Diário do Minho» numa das suas últimas edições, é o lobo. Ao que informam a Direcção-Geral das Florestas e os vários grupos ecologistas, Portugal não conta com mais de duas centenas de lobos. Um técnico daquela Direcção-Geral disse-me, mesmo, há meia dúzia de anos, que não haveria mais de umas três dezenas entre Valença e Vila Real de Santo António!...

O articulista minhoto é de outra opinião e de muito diferente contabilidade: duzentos lobos são, pelo menos, os que enxameiam o Gerês. Não é esse um texto antológico, como o de Camilo sobre o lobo na «Corja», mas informações não lhe faltam.

Fica-se, por exemplo, a saber que os lobos são tantos no Parque (e consequentemente tão esfomeados na razão directa da sua proporcionalidade) que nem provas deixam das suas nefandas actividades. Os moradores do Parque da Peneda-Gerês têm direito, oficialmente outorgardo, de serem compensados monetariamente pelo Estado pelos animais eventualmente depradados pelos lobos. Só que os lobos andam tão esfomeados que «até comem os chifres das cabras», deixando os pobres lavradores sem as «provas do crime» para servirem de recibo. Acrescenta que vai muito pouco para levarem total sumiço os chamados «cavalos selvagens» que costumam passear-se desde Junceda à Calcedónia. Lá pelo Verão haveria umas três dezenas e, agora, o articulista minhoto não conseguiu vislumbrar mais de uma escassa exacta meia dúzia.

De quem é a culpa ? Do Governo, evidentemente, que -- assegura o autor do texto que vimos citando, embora passando a palavra para terceiros -- anda a importar lobos da CEE para os «semear» no Gerês, no mal intencionado desejo de prejudicar os catorze mil habitantes do Parque, ainda que não se vislumbre bem com que subreptícios desejos.

Antevendo o que possa vir a acontecer, o articulista, de seu nome António Carvalho da Silva, pensa no pior: « Só falta que os lobos ataquem as pessoas, sobretudo agora que as espécies de lobos aumentam: lobos, lobisomens, lobos caninos, lobos em forma de fogo, lobos. Lobos de guerra fria e terrorismo». É licantropia a mais para as nossas capacidades. O Parque, é certo, precisa de muita coisa. Para começar, precisa de um homem que o ame, como o sabia fazer o eng. Lagrifa Fernandes, seu primeiro director, morto pela incompreensão dos homens e a incúria ( a incapacidade) do Governo de Lisboa. Precisa que o respeitem ( o lobo incluído), de uma forma como não é capaz de compreender o vitalício presidente da Câmara de Terras de Bouro, precisa de quem recupere (ou salve) os inúmeros vestígios pré e proto-históricos, a grande via romana Bracara-Astorga, de quem evite a degradação das suas *brandas* (habitações de Verão), ameaçadas pelo gosto desvirtuado de retornados emigrantes.

Precisa de que não se atreva alguém a escrever esta, aliás inverídica, afirmação: «Ainda cá temos duzentos lobos ? É preciso fazer mais caçadas!»

É preciso, sim, que alguém explique aos autarcas, aos habitantes locais e aos episódicos utentes o que é e para que serve um parque natural.

E salvá-lo. Que ainda se vai a tempo !

**Roby Amorim**

# Crise de valores, crise de transição

*Um sociólogo, J. M.Paquete de Oliveira, um economist*
*psiquiatra, Luisa Figueira, e um jurista, Rui Epifâni*
*sobre... a actualidade no plano do social. Contudo,*
*de surpresa. Aflige-me um bocado não ter um t*
*certo medo do risco». Pisando o risco, mas m*
*A maioria tinha como base a ausênci*
*dos comportamentos sociais; os*
*os skin-heads: modelo de imp*
*en*

Eurico Vasconcelos

**José Manuel Paquete de Oliveira**

**Luisa Figueira** - A crise ética, a que assistimos nesta sociedade, a insensatez de algumas afirmações da parte de políticos responsáveis que apareceram nos jornais e na televisão, e todos os mecanismos no plano social que isto desencadeou, foram os factos que mais me marcaram durante o ano de 1989. Interessa-me ver se no plano social houve ou não modificação das mentalidades das pessoas ou se estas assistiram simplesmente ao desenrolar dos acontecimentos através da imprensa, da televisão, das conversas de café e das anedotas.

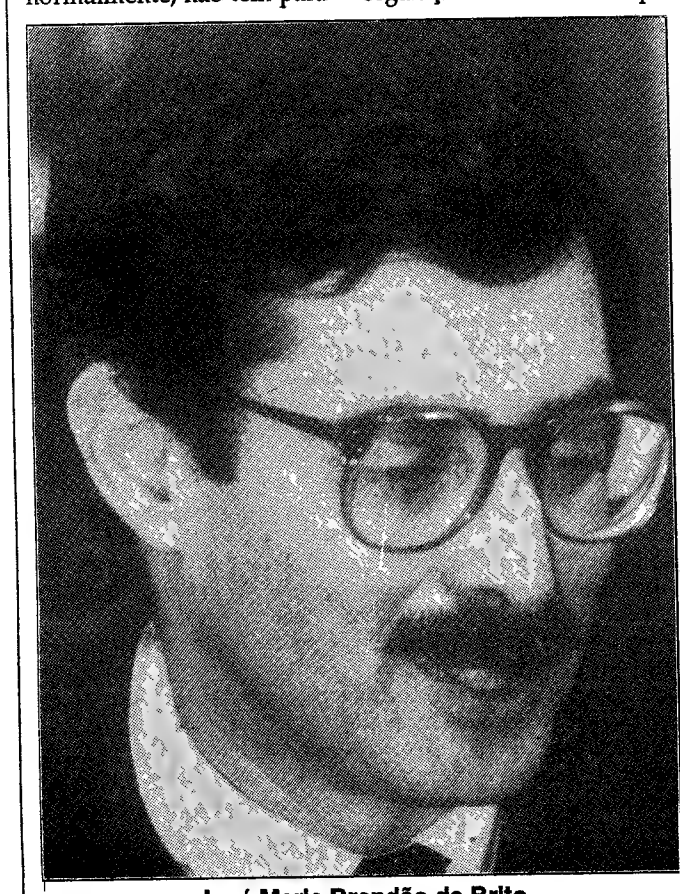
**J.M.Paquete de Oliveira** - De facto, a leitura dos jornais do ano passado pode levar a crer que a sociedade portuguesa é uma sociedade de corruptos.

**Rui Epifânio** - E um dos perigos, ou talvez, uma das consequências seria a de se criar uma mentalidade desculpabilizadora e nivelada por baixo do género: «se A e B são corruptos, porque é que eu não posso ou até não devo ser?»

**J.C.Dias Cordeiro** - Há uma crise de diálogo. É como se estivesse a haver uma dessacralização das coisas, do poder, da ordem, que faz com que a distinção entre o sagrado e o profano não exista, que haja uma banalização das coisas, que nada esteja acima das pessoas, um valor, um ideal democrático ou um mecanismo que auto-regule e dê uma ordem.

**M. Emília Brederode** - O que me aflige na abordagem destes casos é que há uma exigência em relação aos governantes que as pessoas, normalmente, não têm para consigo. Esta exigência é só em relação aos governantes ou a nós próprios?

**Luisa Figueira** - Todos estes acontecimentos levantaram um problema de valores na sociedade portuguesa, que não é só dos valores individuais nem só da relação individual com os próprios valores. A regulação social é diferente da regulação individual. Quando dizemos que nos podemos identificar e ficar tranquilos porque o ministro também não pagou os impostos, isto pode ser um fenómeno que surge individualmente, mas é diferente da regulação colectiva deste tipo de fenómeno? A questão do dinheiro é um novo valor da sociedade portuguesa. As pessoas tinham determinado tipo de regras que usavam socialmente para compensar aquilo que eram as fraudes do poder. Agora, nem acreditam na alternância do poder, usam as regras de outros regimes políticos e não se sabem relacionar com as novas regras democráticas. Achamos que os governantes estão ali e vão continuar. Tudo isto levanta, logicamente, uma crise de valores, não sei se se poderá chamar ética. Será mais uma crise da regulação colectiva da sociedade portuguesa e não apenas uma crise individual.



Eurico Vasconcelos

**José Maria Brandão de Brito**

**J.M.Paquete de Oliveira** - Nestes casos interessa ver porque não cai um dos ministros. Parece-me que qualquer outro Governo o faria, o que é interessante é ver porque na sociedade portuguesa isso não acontece. Tal facto remete-nos para o discurso sobre se o sistema está mesmo em crise. Para uma sociedade há poucos anos no regime democrático, é grave isto estar a acontecer. É sinal que alguma coisa não está bem e que necessita de ser reavaliada.

**M.Emília Brederode** - Há outra coisa que é saber até onde é que se vai. Por exemplo, nos Estados Unidos da América prevalece uma mistura constante entre a vida privada e a pública, e não sei se isso é bom. Dá-me a sensação de que quem acaba por ir para o poder será aquele menino hipócrita que sempre sonhou em ser presidente e que, portanto, pratica cada acto, cada gesto a pensar nisso. Não me dá garantia nenhuma de uma certa ética.

**Luisa Figueira** - Em Portugal não existem valores consensuais, o que acontece nos Estados Unidos da América, onde só por isso a opinião pública tem a força que tem. É este tipo de mentalidade colectiva e de consenso que nós ainda não adquirimos. Estamos muito naquela do «eles e nós». Para os portugueses, o Estado é uma coisa e nós outra.

**J.M.Brandão de Brito** - Há de facto uma crise, que se pode chamar ética, embora este não seja um termo consensual, mas eu penso que se trata mais de uma crise de transição, onde, por um lado, se inscreve a aprendizagem do sistema democrático e, por outro a crise de valores e um certo deslumbramento do poder. Por exemplo, o problema do Cadilhe não é o de ter requesitado a Guarda Fiscal para fazer a mudança, mas sim o facto de ele, como ministro das Finanças, ter manipulado os valores, os plafonds de intervalos de isenção da sisa de forma a que o andar dele ficasse isento. A questão não está nas pequenas trafulhices, mas sim em ele ter subido o limite de isenção da sisa para poder comprar o andar e, depois, baixá-lo para cinco mil contos. Também não me interessa o facto de o senhor se chamar Cadilhe, mas o de haver alguém com um poder que o cidadão comum não possui e abusar dele, utilizando-o em seu próprio favor. Discordo quando se diz que olhamos para o Cadilhe e para este Governo e que nos desculpabilizamos. É evidente que o fazemos, mas só até certo ponto. Apesar da crise de valores , há coisas que são inamovíveis e mutáveis a longo prazo. As pessoas pagam ao fisco por obrigação e porque procedem de acordo com alguns padrões morais que têm mais a ver com a cultura, com a mistura de que nós somos a corrupção é fruto de alguma deterioração e gera mais deterioração. Baixa sempre ou cai qualquer coisa. Nalguns casos cai o Governo e noutros não cai, mas cai a ética do cidadão, gerando-se uma sensação de impunidade.

*«Há uma crise de diálogo. É como se estivesse a haver uma dessacralização das coisas, do poder, da ordem, o que faz com que a distinção entre o sagrado e o profano não exista.»(JCDC)*

*«A questão do dinheiro é um novo valor da sociedade portuguesa.»(LF)*

**J.M.Paquete de Oliveira** - O Governo não muda porque não sente necessidade de mudar para continuar. Outro vector é: que sociedade é esta que não comporta a necessidade da mudança? E isto é

Eurico Vasconcelos

O gr

produto, do que com o regime. Todos estes problemas revelam a vulnerabilidade dos nossos governantes. Mostram-nos que também eles cometem deslizes, mais ou menos graves, e a sua vulnerabilidade a várias formas de corrupção, não só sob a forma de dinheiro, mas, também, moral. Há um certo laxismo, o que não significa que as pessoas não tenham espírito crítico. No fundo há fenómenos individuais que são sentidos pela generalidade das pessoas, mas que depois não encontram expressão na opinião pública, a qual apareceu, este ano, através dos jornais e digamos que, de alguma forma, exterior ao próprio público. O que é preocupante é que continua a não haver uma expressão colectiva, daí que o Governo actue de forma despudorada tal como nós assistimos.

**Rui Epifânio** - Retomo a posição anterior. Penso que qualquer que seja a sociedade que nos leva à tal crise de transição, um dos pontos chaves de qualquer sociedade. A grande dificuldade destas é definir, dentro das proximidades, as diferenças, o que é distinto. Sempre nos foi mais fácil marcar a fronteira face ao inimigo. Entre o mau e o bom faz-se bem a distinção. Tudo é mais difícil quando o que há para definir é a diferença dentro das proximidades, o próprio sistema tem dificuldade em sobrevalorizar as normas de regulação.

Eurico Vasconcelos

**Maria Emília Bredero**

J.C.
de o
tem a
dade
ment
hor q
vado
dade

*nomista, J. M. Brandão de Brito, uma técnica de educação, Maria Emília Brederode Santos, um psiquiatra, J. C. Dias Cordeiro, uma Epifânio, reuniram-se, uma noite, de Dezembro, num hotel de Lisboa. O «Diário de Lisboa» tinha convidado e o objectivo era falar ntudo, naquela noite, não havia um tema preparado. O pânico instalou-se. Houve mesmo quem afirmasse «A hipótese colhe-nos r um tema de base», mas alguém retorquiu «Essa ideia é ilusória porque o que nos dificulta os trabalhos ou a discussão é um mas muito contidamente, e mais conformados com o inevitável os convidados foram lançando alguns temas para discussão. usência de diálogo na sociedade portuguesa. Em associação livre, desfilaram: a greve dos médicos, a legitimidade s; os casos Taveira, Cadilhe, Beleza e Costa Freire; direito à privacidade, o deslumbramento do poder/dinheiro; le importação? desorganização no plano afectivo? desestruturação da sociedade?; e o racismo, (in)visível (?) em Portugal. O debate acabou por ser sobre a crise ética , crise de transição*

**O grupo de reflexão de temas sociais**

**J.C.Dias Cordeiro** - O facto de o Governo ficar impune tem a ver com uma autoridade que está a ser sabiamente exercida. Há um senhor que aparece como o salvador, que actua com autoridade, e em quem as pessoas se reconhecem. É através do reconhecimento desta autoridade que as coisas vão funcionando e que casos como o de Cadilhe se vão mantendo. Tudo isto tem mais a ver com a ameaça que é desconhecida. Vivemos uma grande desintegração nacional e é aí que os regimes autoritários aparecem.

**rederode Santos**

**Rui Epifânio** - Vivemos também numa sociedade em que algumas contradições podem ser preocupantes. Se por um lado se reclama um maior direito à diferença e à realização pessoal como corolário da liberdade individual e de um direito a um espaço próprio, por outro o Estado apetrecha-se em todos os sentidos, torna-se tentacular, e tende a não deixar em paz o cidadão sugerindo-lhe até que se «normalize» e (a)condicione aos valores propostos, os quais, na maior parte pobres.

**J.M.Paquete de Oliveira** - Não me aterroriza muito o pavor nacional, mas a debilidade. No contexto do espaço e da referência parece-me que a crise de valores também deve ser vista ao nível do discurso. É interessante ver como o discurso nacional faz um esforço por encontrar mitos catalizadores na sociedade e como tem dificuldade na sua colagem na opinião pública. Por exemplo: a comemoração dos descobrimentos com a realização do mundial de futebol de 1998.

*«Quem acaba por ir para o poder será aquele menino hipócrita que sempre sonhou em ser presidente(...)»(MEBS)*

**M.Emília Brederode** - Não tenho nada contra a expressão crise ética, a única coisa que tenho contra é em relação à banalização da indignação. O caso Cadilhe, e porque houve uma banalização da indignação, enfraqueceu. Diz-se que houve um abuso do poder e, sendo assim, acho que todos temos o direito de nos indignarmos, de julgarmos, que o Governo deve cair ou o que se quiser. Mas para a opinião, a indignação não foi essa, não foi com o abuso do poder, foi com o aproveitamento da lacuna da lei e com a utilização da Guarda Fiscal. A opinião pública ficou muito indignada com coisas sem grande importância, está bem que o aproveitamento da lacuna é discutível, mas as coisas que são da vida privada dos governantes, penso que não temos nada a ver com isso, como eles não têm nada a ver com a nossa. É difícil estabelecer as fronteiras, mas isto tem de se fazer e tem de ser respeitado, senão cai-se na tal banalização da indignação. Acabamos por andar todos muito indignados e quando acontecem casos destes já ninguém repara nisso. Isto também tem a ver com o jogarmos ou não com as regras democráticas e com a nossa concepção de Estado, que ainda é muito uma concepção de oposição. Não temos muito a ideia que o dinheiro dos impostos reverta a favor dos cidadãos. Temos mais a sensação que nos estão a levar e isto está ligado à tal ideia de Estado democrático, à qual ainda não nos habituámos.

*«A nossa relação e concepção de Estado, ainda é muito uma concepção de oposição.»(MEBS)*

**J.M.Paquete de Oliveira** - Há um problema de interacção dos cidadãos com as instituições. A discussão está em se a passagem de um sistema ditatorial para um democrático modificou a relação entre os cidadãos e as instituições e o que é preciso fazer para que esta funcione. É interessante ver como o próprio poder lida, o que nos leva a discutir o valor da transparência, no sentido da privacidade ou não. Cada vez mais o Estado, o sistema fiscal e os bancos sabem da nossa vida. É um valor novo que nos leva a questionar até que ponto se faz uso do conhecimento que se tem, por vias informáticas e telemáticas. Ou este valor passa e se torna um valor social para regular a interacção cidadão-Estado ou, então, estamos perante uma situação crítica que não impulsiona o suficiente ritmo para restaurar a regulação face aos novos mecanismos sociais.

*«O Estado é uma coisa e nós outra (...)»(LF)*

**J.M.Brandão de Brito** - Esta questão, a maneira como nos colocamos em relação ao Estado, tem a ver um pouco com o facto de nós, durante muito tempo, termos amadurecido a ideia de que estamos contra o Estado. Suponho que hoje, enquanto na maior parte dos países europeus o Estado resolveu alguns dos problemas essenciais, nós continuamos a indignar-nos, todos os dias, com as coisas pequenas, com os buracos e os transportes públicos. São estes pequenos problemas que ainda marcam o nosso quotidiano negativamente, daí que a nossa capacidade crítica e disponibilidade para pensar nos grandes problemas acabe por se apagar. Metemos todos os problemas no mesmo saco e perdemos o sentido da medida.

*«(...) continuamos a indignar-nos, todos os dias, com as coisas pequenas, com os buracos e os transportes públicos. (...) a nossa capacidade e disponibilidade para pensar nos grandes problemas acaba por se apagar.»(JMBB)*

**M.Emília Brederode** - Tenho um bocado de receio da sacralização da opinião pública, porque esta nem sempre tem razão.

**Luisa Figueira** - Quando eu falava em opinião pública era como exemplo de um dos tais mecanismos de regulação do plano social e não como a única opinião possível.

**J.M.Paquete de Oliveira** - Em Portugal a opinião pública aparece, normalmente, ligada à relação poder/media. Mas a opinião pública tem de ser muito mais do que a simples relação poder/media. Deve ser a relação efectiva entre o cidadão e o Estado. Por exemplo, em Inglaterra tem tal dimensão que o Governo chega a cair porque existe uma relação com o cidadão e não só com os media.

**Luisa Figueira** - Não sei se isto acontece por termos medo do totalitarismo e do monolitismo, o que penso ser uma herança do anterior regime. Quando falo em opinião pública é numa opinião diversificada e não monolítica, imposta ou com uma visão única das coisas. É na transposição da visão única para a diversificada que nós temos dificuldade. Pergunto: o que pensarão os jovens disto tudo, dos novos valores da sociedade?

*Continua na página seguinte*

Eurico Vasconcelos

**Luisa Figueira**

**CONCESSIONÁRIOS**

A.M.A. ®

Auto Monumental do Areeiro S.A.

Audi

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

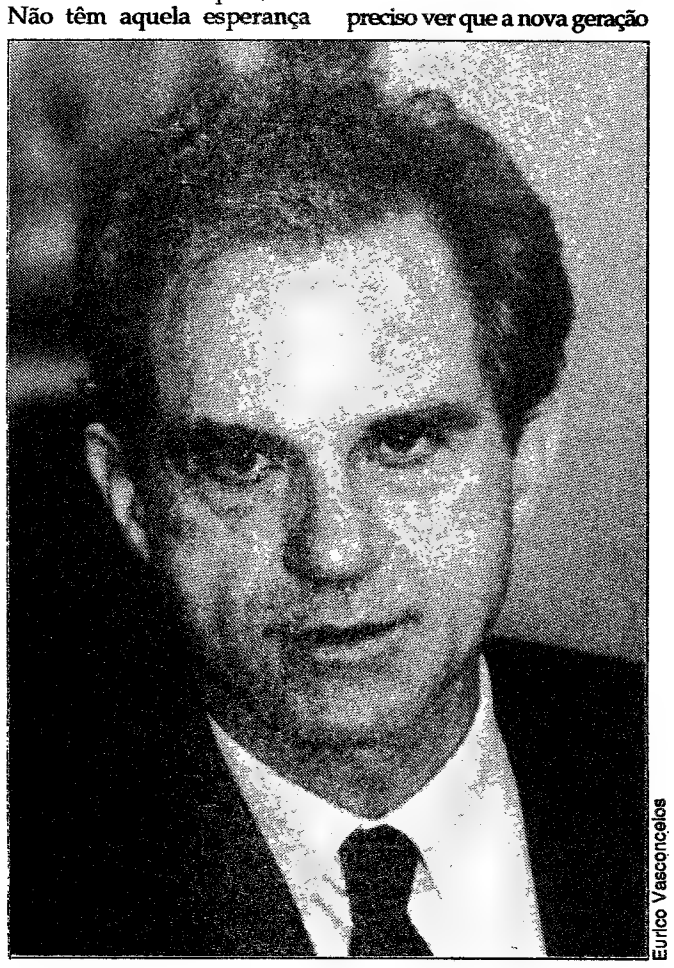
# Crise de valores, crise de transição

*Continuação da página anterior*

**Rui Epifânio** - Alguém disse recentemente que o problema da adolescência é o maior da sociedade ocidental. Que ideia terão os adolescentes dos nossos «valores e poder»? Parece-me que eles se estão a «borrifar» para eles. Não têm aquela esperança no colectivo (seja o Estado, o partido, a associação) que nós tinhamos e projectam mais a sua intervenção social a partir de si próprios, da sua formação pessoal. Note-se que não estou a fazer juízos comparativos de valores.

**M.Emília Brederode** - É preciso ver que a nova geração também se está a desenvolver e que quando chegar aos 40 tem valores diferentes dos de hoje.

**Rui Epifânio** - É claro (necessário e bom) que não têm os valores que nós temos. Parece é que hoje o corte de gerações, de valores, de motivações é maior do que era tradicional. Há um corte na e da comunicação. Há até léxicos próprios. Acham que estamos demasiado envolvidos com coisas que não valem um patacо e pelas quais nunca se envolverão, muito menos ao ponto de se sacrificarem. Termino com uma dúvida, que não acarreta nenhum juízo de valores. E não é certo que em adultos venham tomar de trespasse e recuperar o que é suposto ser o património de valores dos adultos.



Eurico Vasconcelos

José Carlos Dias Cordeiro

*«(...) a única coisa que tenho contra é em relação à banalização da indignação.»(MEBS)*

**J.M.Paquete de Oliveira** - Penso que o problema da adolescência é não pôr a questão. Nós estamos aqui a colocá-la , se não é um problema para eles é para nós, e não tenho a certeza se eles não vão depois pôr a questão noutra fase. Neste momento, eles estão-se a «borrifar» para certas coisas, como a discussão.Todas as categorias que nós engendrámos para apreender as coisas, para as explicar se funcionam ou não, é um discurso que não lhes interessa. Passou-se de um período em que tudo valia para agora a exigência ser de que não vale tudo. A ideia de competência e competição julgo que corresponde a uma prática social instituída hoje na Universidade. Nos anos em que frequentei o ensino superior o problema que se colocava era se se dava nove ou dez. E, agora, como professor, se dou catorze há alunos que se retiram e me dizem que voltam lá porque querem o 16 ou 17. Por um lado, isto diz-nos alguma coisa qual é o valor regulador da vida.

*«A opinião pública tem de ser muito mais do que a simples relação poder/media.»(JMPO)*

**J.M.Brandão de Brito** - Para os jovens não se trata de crise nenhuma, nem de transição porque eles já encontraram as coisas assim. Estes são os valores e as regras deles, por isso, nem estranham. Estranham sim que se façam filmes como «Os Amigos de Alex» ou que nós falemos dos nossos valores com um ar um pouco depreciativo em relação à falta dos deles.

Eurico Vasconcelos

Rui Epifânio

**M.Emília Brederode** - Penso que isto faz parte do desenvolvimento de toda a gente e da época.

**Rui Epifânio** - Faltam-lhes mitos.

**M.Emília Brederode**- Têm outros. Enquanto para nós é o respeito pela vida, para eles é o da natureza. Mas em relação aos valores fundamentais não me parece que estejam em crise.

NINGUÉM TROCA
5 POR 4★
A MENOS QUE...

Seja um Hotel de 4 * que disponha em todos os quartos: ar condicionado, mini bar, telefone directo ao exterior, janelas duplas, rádio AM/FM, secador, TV a cores via satélite (para sua maior comodidade c/ controlo à distância).

E ainda... oferta de pequeno almoço buffet Americano, 24 horas room service, centro de negócios com apoio de secretariado, serviço de telex, telefax, fotocopiadora e micro computador.

*A grande diferença para o Hotel de 5* está no preço...*

Quarto individual ou duplo ..... 7.950$
(A 2.ª pessoa é nossa convidada).
Preço de Promoção válido para Nacionais e Empresas até 28 de Fevereiro de 1990.
Consulte a sua Agência de Viagens ou o nosso serviço de Reservas.

HOTEL
LISBOA PLAZA
★★★★

JUNTO À AV. DA LIBERDADE UM NOVO CONCEITO DE HOTEL

Av. Liberdade / Tv. Salitre – 1200 LISBOA – PORTUGAL
Tel. 346 39 22 / 347 41 51 – Telex 16402 P – Fax: 371630

HOSPITAL DE CURRY CABRAL
Serviço de Aprovisionamento

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO N.º 3-2-026/90
FORNECIMENTO DE PENSOS PARA COLOSTOMIA
E SACOS COM ANEL DE FIXAÇÃO

Recebem-se propostas, até às 9.30 horas do dia 6 de Fevereiro, para o mencionado concurso.
Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aprovisionamento do Hospital de Curry Cabral (Rua da Beneficência — 1600 LISBOA), todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aprovisionamento do Hospital de Curry Cabral, em 5 de Janeiro de 1990

O ADMINISTRADOR-DELEGADO
*Dr. Carlos da Costa Nicolau*

UNICAR
Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS
Peças de origem

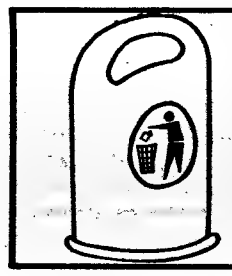
VIATURAS USADAS

| | |
|---|---|
| Renault 5 GL | 1985 |
| Renault 21 GTS | 1988 |
| Renault 9 GTS | 1988 |
| Renault 11 TSE | 1986 |
| Toyota Corolla DX | 1986 |
| Opel Kaddett 1.3 S | 1985 |

Para peças de origem consulte-nos na R. do Telhal

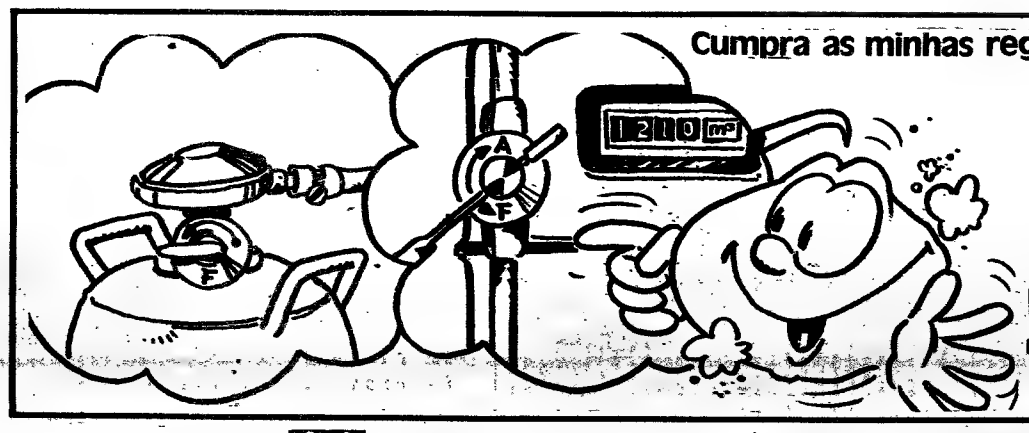
SEDE: R. dos Condes, 37 Tel.: 32 75 23 • 32 75 27 • 32 85 44
Stand Novos: Pr. dos Restauradores, 46 (ABERTO AOS SÁBADOS)
Stand Usados e Loja Peças:ç R. do Telhal, 4-A - Tel. 32 78 21
Loja de Peças 2 • Pr. S. João Bosco, 21-B • Tel.: 60 46 50 / 2
Oficinas: R. Possidónio da Silva, 104 • Tel.: 60 73 06

RENAULT



CML

proteja a sua saúde
mantenha a tampa fechada



# ECONOMIA

# Certificados de aforro atraem aforradores

*Em 1990 deverão atingir os 200 milhões de contos. Esclarecidos «problemas» que afectaram vendas em Dezembro*

Os certificados de aforro devem atingir os 200 milhões de contos no ano em curso, segundo estima, de forma *«cautelosa e prudente»* , Alberto Ramalheira, presidente da Junto do Crédito Público.

Em declarações ao DL, informa que esta estimativa representa um crescimento ligeiramente superior a 20 por cento dos valores do ano passado, que se cifraram em 165 milhões.

Papel importante na difusão dos certificados de aforro tem sido desempenhado pelos CTT, graças à sua extensa rede nacional de 1050 balcões, como o comprovam os 113 milhões de contos vendidos em 1989, montante superior em mais de 50 por cento aos 50 milhões de 1988.

De resto, os valores deste ano já tinham materializado um crescimento significativo face aos 32 milhões de 1987.

Alberto Ramalheira explica a adesão dos aforradores a estes instrumentos de poupança pelas suas características de comodidade, rentabilidade e liquidez.

Segundo declara, *«as pessoas têm nos certificados de aforro uma forma muito simples de aplicação do seu dinheiro, mesmo junto às suas casas. Os certificados são das melhores aplicações sem risco, por terem as taxas de juro indexadas às dos depósitos à ordem. Actualmente, garantem um rendimento líquido de 14 por cento»*.

Aspecto importante a reter, realça, é a existência de uma espécie de "prémio de fidelidade", que consiste na atribuição semestral de 0,25 por cento às taxas de juro, durante cinco anos, após os quais estas não sobem, mas também não descem. Também o facto do subscritor poder reembolsar o seu investimento três meses depois de o ter realizado é motivo de atracção, pela grande liquidez que propõe.

**"Problemas"**

No final do mês de Dezembro as vendas destes títulos estiveram suspensas. *"Problemas com a informática"* , foi a resposta obtida por quem inquiriu das razões da suspensão. Alberto Ramalheira explica-nos agora as razões reais e concretas do sucedido, que nada têm a ver com aqueles pretensos problemas.

Mais prosaicamente, as vendas dos certificados esteve suspensa devido a *«regras orçamentais»*.

Como explica Alberto Ramalheira, *«a dívida emitida tem de coincidir com os fundos entrados até 31 de Dezembro. Como os CTT têm uma discrepância de oito, dez dias entre a venda e a entrega do dinheiro e para evitar que o produto das vendas de 1989 entrasse em 1990, fizeram uma paragem para acerto. Posso, porém, dizer que este ano isto não se passará porque já encontrámos uma solução»*.

**Bilhetes do Tesouro**

Entra hoje em vigor um Decreto-lei que permite a recompra pelo Tesouro em qualquer emissão de Bilhetes do Tesouro. Alberto Ramalheira declarou-nos que uma das suas aplicações ocorrerá aquando da regularização de contas no final do ano.

É que as receitas têm de estar encaixadas nos cofres do Estado até final de Dezembro, enquanto as despesas beneficiam de um período complementar, que se estende até Janeiro.

Para fazer face a estas despesas complementares e para saldar a conta/corrente que o Tesouro utiliza junto do Banco de Portugal, torna-se necessário a emissão de dívida no final do ano. Com o início do novo ano, retorna a possibilidade de utilização da conta/corrente, pelo que se recompra a dívida.

# Aumentam exportações no sector do calçado

*Países de Leste tornam-se os maiores concorrentes de Portugal*

A indústria portuguesa de calçado, embora não estando em crise de exportações, vai ter que contar com a concorrência dos países de Leste no mercado mundial.

Uma das razões desse fenómeno são os baixos salários praticados naqueles países, segundo os responsáveis da Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes, Artigos de pele e seus sucedâneos (APICCAPS).

Para os dirigentes desta associação, a indústria portuguesa de calçado tem vindo a afirmar-se como um dos sectores da economia nacional em que os índices de crescimento assumem maior significado, tendo criado nos últimos três anos mais de 10 mil novos postos de trabalho.

Registe-se que Portugal aumentou em 20 por cento as exportações de calçado, entre Janeiro e Agosto de 1989, relativamente ao mesmo período de 1988. Este volume de exportações corresponde a um aumento de valor de 23 por cento.

A produção portuguesa é fundamentalmente de sapatos de couro e não de tecido, vendendo para o estrangeiro 70 por cento da totalidade da produção. A Europa ocidental é o principal destino deste calçado, absorvendo 91 por cento do produto.

A APICCAPS vai, entre o dias 18 e 20 deste mês, poder mostrar a qualidade do produto dos seus associados, na Exponor, em Matosinhos. O certame tem o apoio do Instituto do Comércio Externo de Portugal (ICEP) e contará com a presença de 190 empresas de calçado e 14 de artigos de pele.

**As verbas do FSE**

Por outro lado, anunciou o presidente da APICCAPS, Basílio de Oliveira, na apresentação daquele certame, na passada semana, no Porto, que 11 empresas portuguesas vão participar na «Tokyo Shoe Fair», no Japão entre 16 e 18 deste mês, estando, neste momento, 24 firmas nacionais a participar em Nova Iorque na «National Shoe Fair of America».

Algumas empresas do sector que têm desenvolvido acções de formação com o apoio do Fundo Social Europeu foram, todavia, alvo de acusações de fraude na distribuição de verbas comunitárias. No entanto, os responsáveis da APICCAPS dizem que *«não existe nenhuma empresa do sector com processo em tribunal»*.

Para aqueles responsáveis, embora a mão-de-obra portuguesa continue uma das mais baratas da CEE, constitui *«um dos factores mais caros de produção do calçado»*.

**Indústria de calçado com bons níveis de crescimento**

## BREVES

### Philips e Whirlpool criam joint-venture

A nova «joint-venture» saída da fusão da Philips e da Whirlpool quer *«conquistar o lugar de topo de vendas de electrodomésticos a nível mundial»* anunciaram, em Cannes, responsáveis de ambas as empresas, no final da passada semana.

A constituição da Whirlpool Internacional BV vai permitir cobrir os mercados europeu e norte-americano, tendo como reflexos a introdução, na Europa, dos grandes electrodomésticos estilo americano, como os frigoríficos de quatro níveis de frio e os novos micro-ondas. O programa de cooperação anunciado em Cannes na presença de dois mil revendedores, entre os quais 100 portugueses, e de 40 países, corresponde a um investimento de 110 milhões de dólares cujo objectivo é igualmente o de estabelecer uma rede de assistência nos 90 países onde a Philips Whirlpool está representada.

Para os responsáveis desta «joint-venture», tratou-se de uma aliança entre *«a solidez e a respeitabilidade»* da Philips com *«o dinamismo e o espírito de inovação»* da Whirlpool.

### Proagri: agricultores vão ter assistência técnica

O PROAGRI, novo programa do PEDAP, vai entrar em funcionamento no primeiro trimestre deste ano, terá a duração de cinco anos e visa a *«gradual e efectiva prestação de assistência técnica aos agricultores, que assumirão, progressivamente, funções que, neste âmbito e na ausência de alternativas, têm sido asseguradas pelo Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação»*. A fonte que deu esta informação acrescentou que o orçamento do programa é de 18,3 milhões de contos.

A Direcção-Geral de Planeamento da Agricultura (DGPA) informou entretanto que o PROAGRI -- Programa de Apoio ao reforço das Organizações de Agricultores visa reforçar a capacidade técnica e de gestão das organizações do sector e melhorar a sua intervenção técnica na prestação de serviços de assistência técnica aos seus associados e agricultores em geral.

Este novo programa contem seis acções globais de reforço das organizações dos agricultores: «Capacidade técnica e de gestão», «Prestação de serviços aos agricultores», «Instalações, equipamentos e meios de transporte», «Formação profissional», «Arranque e início de funcionamento», e «Gestão do programa e acções supletivas». O financiamento do PROAGRI é assumido pelo Estado, pela Comunidade Económica Europeia e pelas associações de agricultores, compreendendo duas fases distintas.

A primeira, até finais de 1993, terá um investimento de 18,3 milhões de contos. No final desse ano o programa será sujeito a renegociação entre o Estado e a CEE, para que sejam ajustados os montantes de investimento necessários para completar a segunda fase.

### Mercado de capitais sai da obscuridade

O mercado de capitais português *«vai sair, este ano, da obscuridade em que se encontra»*, escreve esta semana a revista financeira britânica *«International Financing Review»*.

Aquela revista refere, na sua apreciação, a subida do índice BTA, Banco Totta e Açores, em 40 por cento acima do valor registado no início do ano de 1989, ou seja, 3287 pontos.

As privatizações são outro dos assuntos focados, nomeadamente os casos da Cimpor, da Centralcer e do BPA. O interesse nas empresas privatizadas, em 1990, deverá ser mais forte, devido ao aumento do total de acções disponíveis para investidores estrangeiros, o dobro que no ano passado, ou seja, 10 dos 49 por cento das acções privatizadas.

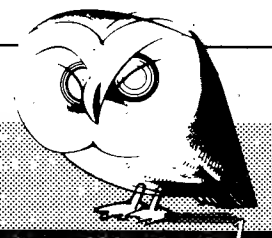
*«A inflação calcula-se que tenha atingido o seu auge e o défice da conta corrente crê-se que desceu, no ano passado, para menos dos projectados 1.500 milhões de dólares americanos»*, acrescenta aquela revista americana.

### Viagens de avião aumentaram em 89

O tráfego aéreo em 1989 foi superior em seis por cento ao do ano anterior, tendo as companhias aéreas transportado mais de mil milhões de passageiros e cerca de 225 milhões de toneladas por quilómetro.

No ano passado, o número de oferta de lugares nos aviões aumentou a um nível inferior ao do número de passageiros transportados, o que implica uma subida na ordem dos 68 por cento na bagagem.

# CULTURA



olhar de mocho

## Ideia Central

A ideia central do «Café Central» de ontem no Canal 2 preenche uma lacuna na feira da ladra, cada vez mais monopolizada pelos «congelados»: pôr portugueses a falar descontraidamente sobre o arco da velha cidade e das serras, da aldeia e da urbe, da ruralidade e da cidadania. Mas as boas ideias só vingam em terra amanhada por um trabalho jornalístico que faça esquecer o mero cuspir para o ar. A improvisação pela improvisação, a pretensa espontaneidade folclórica talvez seja aceitável entre génios ou parentes próximos - quem não se lembra do «Se Bem me Lembro» do Nemésio? - mas em parentes mais afastados, ela é desastrosa. E registemos já, duas confusões: misturar o *talk show* em que o entrevistado é que fornece o miolo do entretenimento, com uma coisa que nada tem de *talk show* embora aspire a sê-lo - aborda-se um tema académico e finge-se estar à mesa do café a comentar o futebol da política. Em qualquer destas duas coisas que - repete-se - não devem ser confundidas, o *pivot*, o moderador, o mestre do *show* é obrigado a trabalhar a pessoa ou o tema até à exaustão. É ele o piloto, o timoneiro, e dele depende termos entretenimento ou mero *slalom* de palavras escorregadias em que ninguém se entende. Quando não existe na palavra do moderador uma ideia central, o «Café Central» transforma-se em mero pretexto para cada um dos participantes tentar vender os seus «sueltos», e de café passa a ser uma feira da ladra. Acabado o programa a gente pergunta: mas afinal o que é que eles disseram?

Acresce que o tema da cidade e das serras traz nos seus interiores bojudos uma pólvora que ainda hoje, no pós-salazarismo, pode fazer explodir bombas esquecidas e não despoletadas. Salazar queria e teve-o, um país cientificamente atrasado, uma espécie de albanização do antigo Império, o tirano fez em Portugal uma Tirana. Mas o anti-salazarismo e o pós-salazarismo, não coincidem com as Torres das Amoreiras rodeadas de bairros da lata. Essa tendência «amoreirista», no fundo, é um sub-produto do salazarismo: um país querido pobre e miserabilista vai gerar a lei da selva urbanística e citadina onde cada vez é mais fácil diagnosticar sintomas graves de asfixia.

No pólo oposto das cidades e das serras de que ontem ouvimos falar, situa-se a tese do liberal Ralf Dahrendorf que define a vida no campo, na sua terra, (a Alemanha) «como a forma mais requintada do luxo da sociedade capitalista». A discussão entre estes dois pólos poderia ter sido oportuna, eficaz e propositada. Mas não é a cuspir para o ar frases como as que ouvimos, «acabar com a burocracia», «acabar com as assimetrias», «a província existe na capital», que se põe o dedo na ferida do atraso genético de Portugal. E sem essa ferida sarar, continuaremos a amaldiçoar as cidades e a fugir das serras.

José S. Monteiro

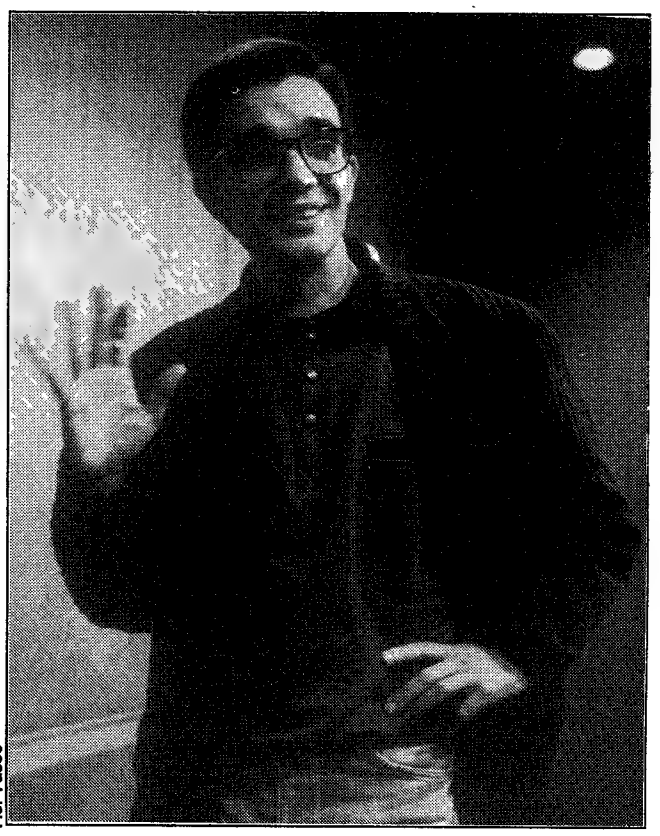
# Caim e Abel

*Um rei deposto pelo irmão é o reflexo da tragédia portuguesa num filme que demorou sete anos a realizar. Mais um sucesso?*

A uma escassa semana da respectiva estreia comercial (coisa desusada em Portugal com um filme português), «O Processo do Rei» de João Mário Grilo foi apresentado em antestreia à Comunicação Social e a numerosas individualidades de algum modo ligadas à sétima arte. Foi sexta-feira à noite, com a Cinemateca Portuguesa mais uma vez transformada em templo do bom cinema que se vai produzindo por estes lados.

Contando com os desempenhos de Carlos Daniel, que representa o principal papel, Aurelle Doazan, muito bem escolhida devido à sua expressiva beleza, Antonino Solmer, Carlos de Medeiros e Filipe Ferrer, entre outros actores de origem portuguesa e francesa, «O Processo do Rei» relata-nos os penosos acontecimentos que, em 1667, conduziram à deposição do rei D. Afonso VI, filho do restaurador D. João IV, e à ascensão do irmão D. Pedro II à regência do reino e ao tálamo da cunhada, a rainha D. Maria Francisca Isabel de Sabóia.

Que motivos levaram João Mário Grilo a pegar na câmara e a transpor para o grande «écran» esta história digna de Caim e Abel? Segundo declarações prestadas ao «DL» por aquele cineasta, há que tomar em consideração a vontade que ele nutria há muito de "...filmar um processo, um dispositivo clássico, que ponha em jogo vários fluxos dramáticos». Esta não terá sido, porém, a única motivação. A ela há a acrescentar uma certa perspectiva da personagem histórica que foi D.Afonso VI, «reflexo da condição do País, de uma tragédia portuguesa que, de facto, existe» para si. Como o país que lhe fora transmitido em herança, o rei que a História, num requinte de humor negro, apelidou de vitorioso, «levou com a Europa em cima: foi uma personagem de quem toda a gente se queria ver livre, mas que acabou por ter uma importância fundamental».



Rui Vasco

**João Mário Grilo: desde 82 que «O Processo do Rei» era a sua única preocupação**

### Sete anos de trabalho

Esta afinidade entre rei e reino, que é um facto muito concreto para o cineasta em questão, deslumbrou-o e perturba-nos, quando a vimos adquirir forma humana. Todavia, rodar no nosso país um filme cuja acção decorre no século dos esplendores barrocos, não é tarefa que se leve a cabo de ânimo leve. Segundo João Mário Grilo, tudo começou no final de 82 e, até à conclusão em 89, houve que transpor muitos obstáculos.

Durante dois anos investigou-se; reconstituíram-se os factos a partir de «três fontes fundamentais»: o processo propriamente dito, publicado em 1925 pelo professor José Baião, as cartas enviadas de Lisboa pelo embaixador britânico e, «last but not the least», antes pelo contrário, as missivas que o embaixador francês dirigia a Luís XIV, relatando minuciosamente, «quase hora a hora», a vida da corte portuguesa, desde o casamento de D.Afonso VI e D.Maria Francisca, até à morte desta, poucos meses após o falecimento desse seu primeiro marido. A passagem dos dados recolhidos durante a investigação para um argumento filmável, foi, segundo João Mário Grilo, outra tarefa espinhosa.

Houve que apostar, com energia, nesta que se filmou, «...hipercondensada, em que tudo está dito ao fim de uma hora».

As filmagens não foram, porém, menos trabalhosas. Contando com o apoio financeiro do Instituto Português de Cinema, da Gulbenkian e beneficiando ainda dos efeitos de um protocolo assinado entre a RTP e a Secretaria de Estado da Cultura, «O Processo do Rei», cujas despesas ascenderam aos 90 mil contos, teve como cenários o Palácio da vila, em Sintra, o Palácio dos Marqueses da Fronteira, o Paço Ducal de Vila Viçosa e também o Paço Ducal de Guimarães.

Na extraordinária beleza dos planos reside, aliás, um outro trunfo fundamental de «O Processo do Rei» e João Mário Grilo apelida-o, por isso mesmo, de «filme ingénuo», em que se torna possível «...fazer a abstracção de uma moda crítica que diz que o cinema está a morrer, ignorar a concorrência da TV e a banalização de imagens extremamente mal feitas que não seriam admissíveis há trinta anos». Para o realizador, o papel do cinema pode muito bem ser este: pugnar pela imagem enquanto obra de arte.

**Maria João Martins**

*Acarte mostra o seu cinema de animação*

# Coisas simples e pequenas

O serviço Acarte aí está; a todo o vapor, numa demonstração de que a morte de Madalena Perdigão, apesar de muito dolorosa, não pôde evitar que continuasse a vitalidade que ela própria se encarregara de incutir nos seus mais próximos colaboradores. Quatro dias depois de nos pronunciarmos sobre o sucesso do «Jornal Falado da Actualidade Literária», temos o gosto de vos referir que o pequeno ciclo de cinema de animação promovido na sala polivalente do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, deu a conhecer a produção dos alunos do «atelier» desse ramo um tanto negligenciado em Portugal.

A par de vários filmes belgas, entre os quais «Moi, Tintin» e Raoul Servais, foi exibido durante cerca de trinta e três minutos um total de quinze fitas que atribuem as formas mais diversificadas e surpreendentes a materiais como o papel, os recortes e as plasticina.

As narrativas, algumas delas já bastante estruturadas, são, na maior parte dos casos, exercícios escolares, coisas simples e pequenas que, no tempo de uma fugaz interjeição, nos contam histórias de armários em permanente metamorfose ou de homens que respondem a anúncios para a rápida obtenção de músculos. Destaque, todavia, para «A Dama da Lua» de Rui Miguel Rasquinho: dura um minuto e trinta e seis segundos, mas a concepção dos desenhos, a estrutura da narrativa e o próprio tema (uma bela mulher vinda da Lua apodera-se do imaginário de um pacato cidadão, arrastando-o ao suicídio), deixa vaticinar ao autor um futuro auspicioso no campo da animação.

Todos estes filmes são assinados pelos alunos que, ao longo do passado ano lectivo, frequentaram este curso de cinema de animação, instituído pelo serviço Acarte em 1985. Segundo referiu ao «DL» José Pedro Cavalheiro, orientador do curso, o feliz acontecimento ter-se-á iniciado no ano lectivo de 1985/86, quando o Royal College of Art de Londres orientou na Fundação Gulbenkian as primeiras aulas do género. Um ano depois, os portugueses sentiram-se habilitados a trabalhar sem necessidade de orientações externas e Cavalheiro ascendeu à coordenação do curso. Os cursos destinam-se, porém, ainda segundo José Pedro Cavalheiro, a três grupos de alunos distintos entre si: os antigos frequentadores, os monitores para as escolas e aqueles que já haviam desenvolvido experiências relacionadas com a animação noutros locais. Para todos eles é necessário que o acto de inscrição seja acompanhado da sinopse do filme que pretendem realizar, sinopse essa de onde deve constar um esboço do «argumento» e a técnica a trabalhar.

**M. J. M.**

# Teatro S. Luís: como se ganha uma aposta

*Eugénia Melo e Castro, no final do seu primeiro espectáculo ao vivo em Lisboa, confessa ao "DL" que «ter conseguido cantar assim, para estas pessoas todas, foi uma grande prova de coragem, para mim mesma»*

Ao cabo de cerca de uma hora e três quartos de espectáculo, o primeiro ao vivo de Eugénia Melo e Castro em Lisboa, realizado no Teatro S. Luís na passada sexta-feira, o repórter do "DL" "apanhou" a cantora ainda dominada pela carga emocional que acabara de sofrer, lá em cima das tábuas do palco.

Recordando recentes declarações da Geninha ao nosso jornal, em entrevista publicada quatro dias antes, quisemos saber se a aposta então apontada - a aposta nos espectáculos ao vivo - se poderia considerar definitivamente ganha.

«Ah, sim, claro, acho que ganhei a aposta. Posso agora dizer que a minha vida é isto, é cantar».

- Era necessária esta prova?

«Uma prova aqui para Lisboa, sim, era necessária. Sobretudo para testar a minha confiança, a minha calma. Sabe, eu ainda não estou em mim, ainda estou num estado de comoção muito grande».

- Mas muito satisfeita?

«Estou, estou, acho que sim...».

- Correu tudo como estava planeado, ou seja, como sonhava? Mais uma vez, na sua vida, um sonho se converteu em realidade?

«Sim, e este era um grande sonho. Nos espectáculos que fiz no Brasil, e nos outros, eu dizia sempre: porque é que tenho de passar por isto, primeiro se eu devo isto aos meus amigos, às pessoas que me conhecem pessoalmente e que me deram força quando eu estava por baixo, e me diziam "não, vai em frente que tu tens razão" e eu ficava sempre triste, achava que pena ter que estar a cantar para outras pessoas que não eram aquelas que eu queria. Neste preciso momento, sinto-me livre para o mundo. Agora já não pertenço mais a mim mesma, nem sequer aos meus amigos íntimos. Pertenço ao público, a toda a gente. Este espectáculo que acabo de fazer representa um grande passo».

Geninha insiste que ainda "não acordou", que não sabe mais o que dizer, que se sente emocionada, gelada. Pedimos para ela uma bebida reconfortante, e procurámos Mário Laginha, o outro "herói" da noite se acrescentarmos que a ele se ficou a dever a direcção musical do espectáculo, para além da autoria dos arranjos e de uma brilhante actuação ao piano.

- Mário Laginha, como interpreta o que acaba de acontecer aqui no palco do S. Luís: a sua intervenção e as dos outros cinco músicos e, obviamente, a actuação da Geninha?

«Quando a Geninha falou comigo e me mostrou o reportório, eu achei que tinha músicas muito bonitas e que se podia fazer um trabalho interessante. O que me apeteceu - e foi o que tentei, e acho que se sentiu - foi nunca abrasileirar, porque os temas são de autores brasileiros mas nós somos portugueses»

- Claro, os temas são compostos por brasileiros e os arranjos, muitos já divulgados em disco, são também dum brasileiro, o Wagner Tiso. Você agora teve que dar uma grande volta a tudo, não foi assim?

«Exacto, o que fiz foi as coisas à minha maneira. Acho que ficou diferente, não afirmo que é a melhor, mas tinha que ser à minha maneira»

- Agora, para além da sua actuação como músico e responsável pela direcção musical do espectáculo, diga-me: como é que viu a Geninha em palco?

«Eu penso que correu bem, para todos. Temos que ver que foi mesmo um primeiro espectáculo, é natural que em outros que se seguirão se possam introduzir, aqui e ali, pequenas correcções. Quanto à Geninha, pareceu-me muito bem, apesar de ser o primeiro espectáculo ao vivo em Lisboa e creio mesmo que dos primeiros que faz acompanhada por uma banda completa».

- Sendo assim, acha que foi positivo?

«Sem a menor dúvida»

- Apesar do Mário Laginha, enfim, ter outros horizontes em termos profissionais, pensa que tem interesse colaborar num projecto como este, substancialmente diferente do que faz com mais frequência?

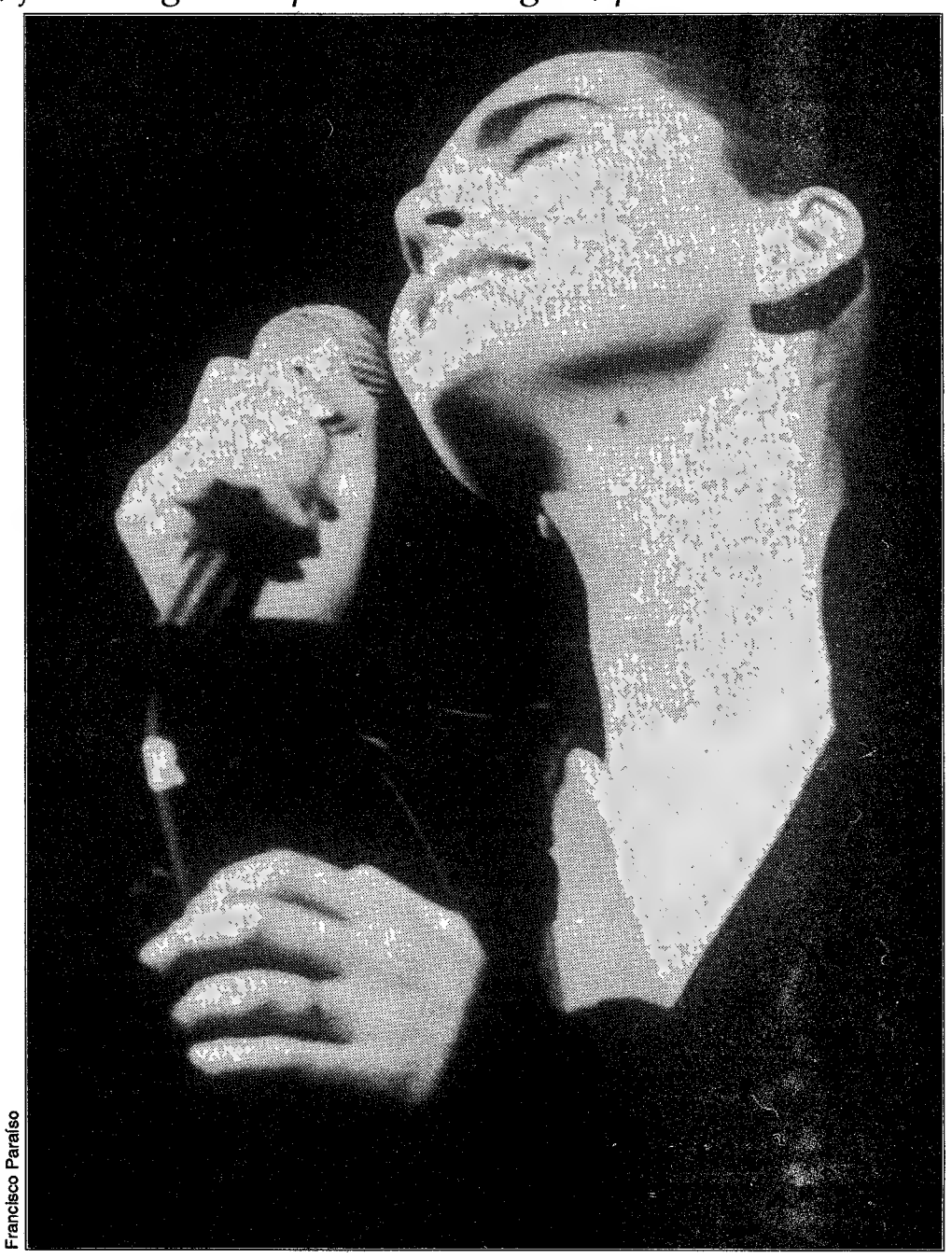
«Acho que tudo pode ser interessante, desde que se trabalhe com muito rigor e se se tentar ir ao fundo duma canção, e como se sabe não é a este género que me tenho dedicado nem provavelmente me irei dedicar. Mas se me fazem uma proposta e eu julgo que pode ser aliciante, faço o possível para que resulte um trabalho muito sério e, como tal, é sempre positivo. Em qualquer estilo, mesmo naquele em que não sou especialista, se fizer o possível por descobrir coisas e ir ao fundo dessas mesmas coisas, pode ser um trabalho muito interesante».

- Sem abdicar das suas preferências, naturalmente...

«Claro que não. Normalmente as pessoas até podem pensar que eu, por tocar agora isto, vou deixar, por exemplo, de tocar jazz, vou tomar um rumo diferente. Mas não vou tomar rumo diferente nenhum. Eu sei muito bem o que quero fazer e aquilo que me interessa mais, mas isso não constitui factor "sine qua non" para que não se faça nada diferente».

- Quer dizer que, como músico, não se sente diminuído em participar neste género de projectos...

«Claro que não, de maneira nenhuma, se achasse que me diminuia, não me metia nisso».



Francisco Paraíso

**Uma voz densamente sentimental**

Francisco Paraíso

**Toda a força da simplicidade**

### Temos cantora de palco

Depois deste espectáculo que Eugénia Melo e Castro apresentou - em boa hora - na sala do S. Luís, não custa nada admitir que, passados que foram oito anos de carreira, em que os discos e esporádicas aparições na televisão marcaram a existência no nosso país de uma intérprete de excepção, podemos agora afirmar que temos aqui uma verdadeira cantora de palco.

Apoiada numa banda de rara qualidade (Mário Laginha pode orgulhar-se do seu trabalho e das prestações magníficas de Mário Franco no contrabaixo, de Quico nos teclados, de Alexandre Frazão na bateria, de Edgar Caramelo no saxofone e de António Pinto na guitarra eléctrica), Geninha conduziu o concerto com inteligência e extraordinária sensibilidade, ultrapassando o confessado nervosismo, soltando a voz, conquistando passo a passo os cerca de mil assistentes através de uma presença cada vez mais segura.

Na interioridade, no intimismo, consistia a base interpretativa de Eugénia Melo e Castro. Esta opção, podemos dizer sem qualquer espécie de exagero, resultou a cem por cento. Com serenidade, sem pressas, Geninha soube dominar-se e encontrar sempre o ritmo certo, para que no final se pudesse concluir, sem rebuço, que a aposta estava ganha. Eugénia Melo e Castro também é, a partir de agora, a grande cantora ao vivo que apenas se pensava que poderia ser - quando quisesse.

O espectáculo iniciou-se com uma interpretação do tema "Os Argonautas", primeiro só a voz vinda dos bastidores, depois em palco a junção da guitarra e do contrabaixo. Geninha aparece de vermelho escuro, cabelo escorrido, sublime nos gestos e no pisar, qual boneca de porcelana.

Que dizer do jogo de luzes, do espaço cénico? A condizer, ou seja: simplicidade, beleza, espiritualidade sem se confundir com frieza, tudo certo e rigorosamente em sintonia com o excelente som e o poder interpretativo da cantora.

Vinte temas, no total, em que estiveram presentes os quatro álbuns de Geninha e ainda alguns inéditos. Uma grande percentagem de letras da própria cantora, músicas de consagrados autores brasileiros como Milton Nascimento, Chico Buarque, Caetano Veloso, Wagner Tiso, Yório Gonçalves, Toninho Horta, Ronaldo Bastos, Kleitos Ramil, Túlio Mourão, entre outros.

Algumas notas de reportagem, ainda, que não podemos deixar de referir:

1. A interpretação de um tema dos anos 30 - "Noite sem Luar", do brasileiro Godofredo Neves - para provar como nessa época havia pontos coincidentes entre o que se fazia em Portugal e no Brasil.

2. A confissão de Geninha, quase no final do espectáculo: «Estou nervosa, mas acho que consegui aguentar».

3. Ao introduzir o tema "Metáfora", letra e música de sua autoria, Geninha diz: «que eu - riam-se - quero dedicar ao pai e à mãe, que estão por aí, na sala».

4. Uma extraordinária prova de solidariedade, um momento a bem dizer inédito, pelo menos nunca tínhamos visto nada semelhante: Eugénia Melo e Castro não agradece os aplausos finais isolada. Depois de ter apresentado oportunamente os músicos, como é habitual, ela faz questão de dar a mãos aos seis maravilhosos instrumentistas que a acompanharam e assim, como se costuma ver em teatro, os sete em pé de igualdade, junto à ribalta, agradecem a interminável ovação.

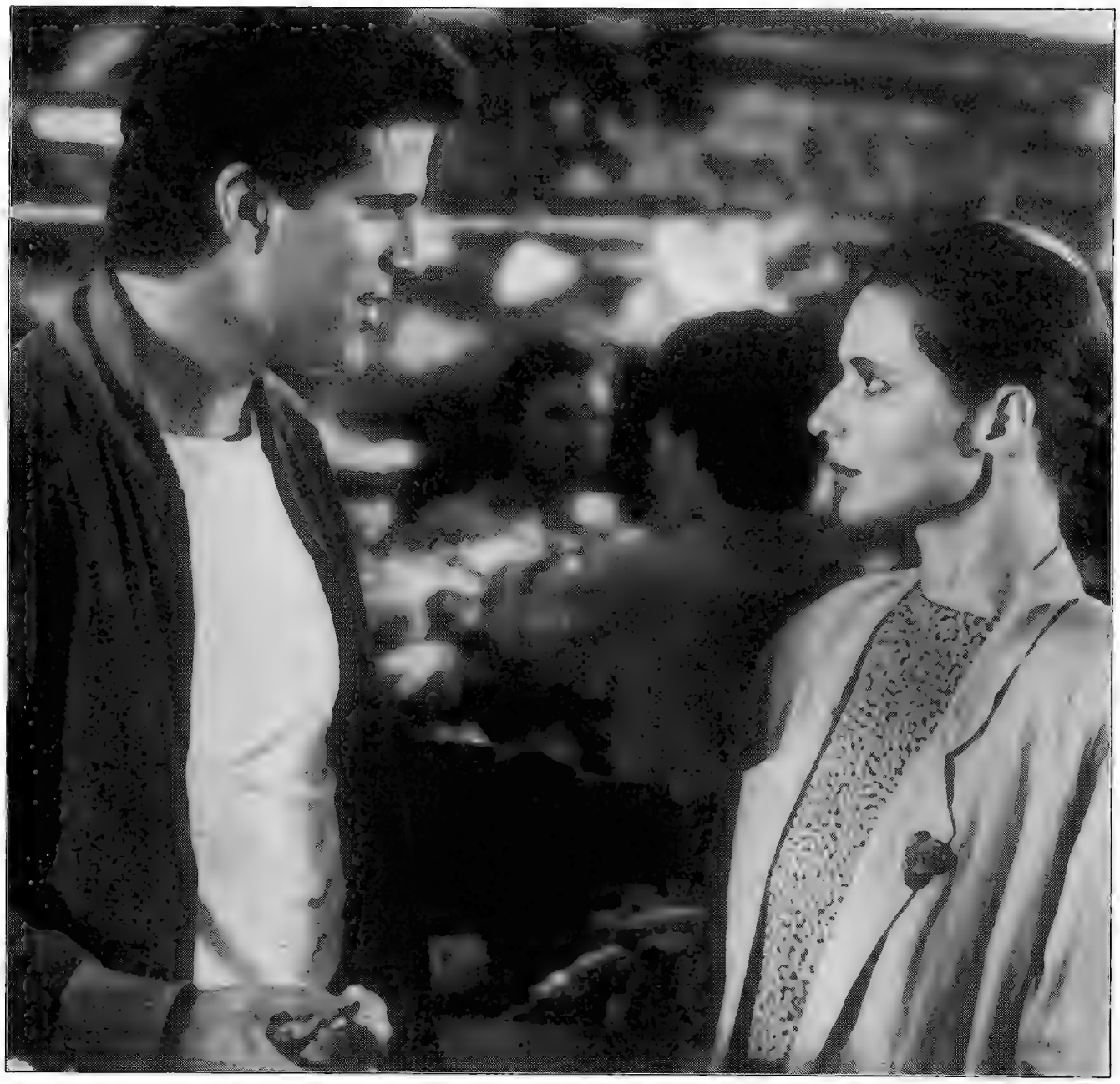
Merecidíssima, em nossa opinião. Se a Geninha precisasse de provar alguma coisa, que dúvidas poderiam agora restar?

**Rodrigues Borges**

*Falar de cinema*

# «Primos» americanos de ascendência francesa

ENTRE PRIMOS (Cousins) - R Joel Schumacher (EUA, 1989); A Stephen Metcalfe, segundo filme de Jean-Charles Tacchella (1975); F(cor): Ralf Bode; M: Angelo Badalamenti; Mont: Robert Brown; P: William Allyn/Paramount; I: Ted Danson, Isabella Rossellini, Sean Young, William Petersen, Norma Aleandro, etc. Dist: Filmes Lusomundo; est: Alfas, Amoreiras, Mundial e Politeama (5.1.1990); Cl: **(M/12 anos).



De Joel Schumacher conhecíamos duas películas bem interessantes, cada uma à sua maneira: *O Primeiro Dia do Resto das Nossas Vidas*, uma comédia romântica e desencantada sobre os jovens a entrar na maturidade; e *Os Rapazes da Noite*, um filme de terror moderno com «gangs» de jovens a transformarem-se em vampiros quando cai a noite. *Cousins*, sem pôr em causa as boas promessas deste cineasta, nada lhe acrescenta, todavia, ainda que esta versão norte-americana de uma comédia francesa de 1975, assinada por Jean-Charles Tacchella, se situe a um nível de qualidade técnica, interpretação e interesse razoáveis, permitindo-se mesmo oferecer um ou outro momento de sensibilidade e discreto humor assinaláveis.

Lauro António

É sabido que nos últimos anos os estúdios norte-americanos têm perseguido com afinco os raros êxitos comerciais entre as comédias europeias, sobretudo francesas.

E assim surgiram, umas a seguir às outras, e entre alguns exemplos mais possíveis de citar, versões hollywoodescas de *A Mulher de Vermelho*, *The Toy*, *Os Meus Problemas com as Mulheres*, *Três Homens e um Bebé* e agora este *Cousins*, parente além-Atlântico de *Cousin, Cousine*. Falta de imaginação de uma fábrica que já a teve para dar e vender, ou simples complexo de americano em busca de legitimidade cultural na Europa? Fica a dúvida, já que a grande maioria dos argumentos levados para os EUA talvez não merecessem sequer ser exportados, e noutros casos o sucedâneo anda muito longe do arquétipo. Quase todos foram, porém, sucessos de bilheteira e daí retiram os produtores razões para prosseguir com a prática. Assim seja.

Voltando a *Entre Primos*, há que reconhecer que, por méritos de Schumacher, do seu director de fotografia e do seu quarteto de primos (e demais familiares), este é um dos melhores e mais felizes «remakes» dos anos mais recentes. A primeira hora de *Cousins* é muito bem conduzida num clima de comédia dramática, desenhando com agilidade e elegância o retrato de uma família que se vai reunindo em casamentos (quatro) e enterros (um), no interior da qual se assiste a duas histórias cruzadas de adultério: Larry, casado com Tish, descobre que esta o engana com Tom, marido de Maria. Passa então a cortejar Maria, sem no entanto concretizarem sexualmente a sua «história», mas sendo esta o bastante para desestabilizarem os respectivos cônjuges. Lá para o fim, Larry convence Maria a porem «o branco no preto» e daí decorre o que V.Ex. verá se assistir ao filme. O importante será apenas aqui dizer que, durante a primeira hora de sedução sem objectivo prático, o filme ganha uma curiosa perversidade, escrito com certo cinismo e uma enorme desenvoltura de estilo.

Depois, triunfa o «happy end» (que só é «happy» para alguns!), o tom banaliza-se um tanto e os felizes amantes partem num «True Love» lago fora.

Sublinhe-se que Isabella Rossellini tem o mesmo encanto de Ingrid Bergman (o que não é dizer pouco); que Sean Young é fabulosa no seu ar desarrumado; que Ted Danson é um primo-professor-de-dança que irá dar que falar, e que o próprio William Petersen compõe um bom retrato de marido-chato-e-vendedor-de-carros-carraça. Bons comediantes, pois, servindo uma amável e romântica comédia de costumes cujos ambientes relembram *O Feitiço da Lua*.

## Joel Schumacher

Nasceu em 1942 em Nova Iorque e formou-se na Parson School of design, abrindo uma «boutique» própria de moda, a Paraphernalia. Trabalhou para a Revlon como desenhista e gráfico. Foi figurinista de Woody Allen, em *Sleeper* e *Interiors*, de Herbert Ross, em *The Last of Sheila*, e de Paul Mazursky, em *Blume in Love*. Escreveu todos os filmes que realizou e colaborou também nos argumentos de *The Wiz*, *Car Wash* e *Sparkle*.

**Filmografia:**

1979: *Amateur Night at the Dixie Bar and Grill;* 1981: *The Incredible Shrinking Woman;* 1983: *D.C. Cab:* 1985: *St. Elmo´s Fire* (O Primeiro Dia do Resto das Nossas Vidas); 1987: *The Lost Boys* (Os Rapazes da Noite); 1989: *Cousins* (Entre Primos).

## «A ementa do dia»

☆☆☆☆☆

*A BELA DE DIA*, de Luis Buñuel (reposição)

☆☆☆☆

*REGRESSO A VIENA*, de Axel Corti

*RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA*, de João César Monteiro

☆☆☆

*REGRESSO AO FUTURO*, II, de Robert Zemeckis

*PERIGOSA SEDUÇÃO*, de Harold Becker

*SEXO, MENTIRAS E VIDEO*, de Steven Sodenberg

*O ABISMO*, de James Cameron

*TAP, A DANÇA DE DUAS VIDAS*, de Nick Castle

☆☆

*O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA*, de Blake Edwards

*COMO O CÉU SE ENGANA*, de Emile Ardolino

*Crítica de Música*

# Andras Schiff: um Bach admirável na Fundação Gulbenkian

Em arte não há critérios únicos, absolutos, imutáveis. Ela reflecte, afinal, a contingência humana na relatividade e variabilidade das concepções, dos impulsos individuais, das tendências epocais ou locais, e das modas também.

Uma mesma obra pode assumir apreciável diversidade de perspectivas estéticas ou de cambiantes expressivos, sem perder a sua identidade fundamental ou trair o fulcro estrutural que lhe é inerente. A sua ambivalência será, em muitos casos, penhor do alcance alargado da mensagem que encerra ou implica, para lá das intenções ou circunstâncias que, à partida, a determinaram.

O admirável e renovador movimento da chamada «nova música antiga» - movimento que nos últimos vinte anos adquiriu enormes projecção e adesão - permite-nos hoje, em relação aos estilos do passado, um grande aprofundamento interpretativo e a revelação, não raro surpreendente, dos verdadeiros fundamentos das práticas de execução através dos tempos. Mas todo este acervo riquíssimo de informes e sugestões não deverá conduzir a uma atitude taxativa e rigorista em excesso, monolítica, na abordagem de obras de épocas mais ou menos recuadas.

De resto, convém não esquecer - no âmbito desta problemática - que a arte da transcrição de um instrumento para outro ou de um complexo sonoro para outro era corrente no tempo de Bach, por exemplo, e por este mestre foi adoptada de maneira extraordinariamente eficaz, inventiva, e livre. Ou que o espírito da variação ou da paráfrase esteve, a bem dizer, sempre presente na criatividade do autor da **Missa em si menor** e dos **Prelúdios Corais**.

Assim, seria exagero postergar definitivamente qualquer execução, no piano moderno, das obras de J. S. Bach que tiveram a sua eclosão em função do clavicórdio ou outro instrumento de tecla e abolir para sempre do repertório pianístico certas transcrições de Liszt ou de Busoni, com base em argumentos de «purismo» musicológico.

Estas considerações afiguram-se me pertinentes a propósito do recital, exclusivamente consagrado a obras de J. S. Bach, que o húngaro Andras Schiff deu no Auditório Gulbenkian. Não hesito em acrescentar que este recital foi um dos mais estimulantes entre os realizados nos últimos anos em Lisboa. Pelo arcaboiço do executante, evidentemente, que é, sem dúvida, um dos pianistas mais destacados da sua geração (nasceu em 1953). Mas ainda pelo interesse das versões propostas, quanto à orientação estilística que deixaram transparecer, no triplo aspecto: instrumental, de sensibilidade e mais intrinsecamente interpretativo.

Andras Schiff - rezam os dicionários e os registos curriculares - tem uma formação sólida, alcançada basicamente na Academia Franz Liszt, de Budapeste, onde veio a ser professor. Mais tarde estudou em Londres com o cravista e regente George Malcolm, o que é significativo para o seu interesse pela música barroca. Foi laureado em concursos reputadíssimos: Tchaikowsky (de Moscovo) e de Leeds. Não obstante o eclectismo do seu repertório, tem-se afirmado intérprete festejado de Mozart, Domenico Scarlatti e J. S. Bach.

Quanto a este último mestre, pudemos verificar agora, «ao vivo», no Auditório Gulbenkian, a grandeza de Andras Schiff, ao longo de um programa extremamente denso: técnica a toda a prova e um jogo fortemente contrastante de execução, com subtis diferenciações sonoras, mas sem nunca perder de vista a ossatura formal das peças, a respectiva «démarche» polifónica. Uma aliança equilibrada de rigor e fantasia. Execução prevalentemente musculosa, porém sensível a alternâncias climáticas e até a efeitos coloristicos pronunciados.

Vê-se que Andras Schiff não embarca em falsos pudores no tocante a expressivismo. Os velhos mestres também eram seres de peixão e humores, e não autómatos - parece extrair-se da sua mensagem estética. Mas ao mesmo tempo que soberba lógica estilística, que sobriedade!

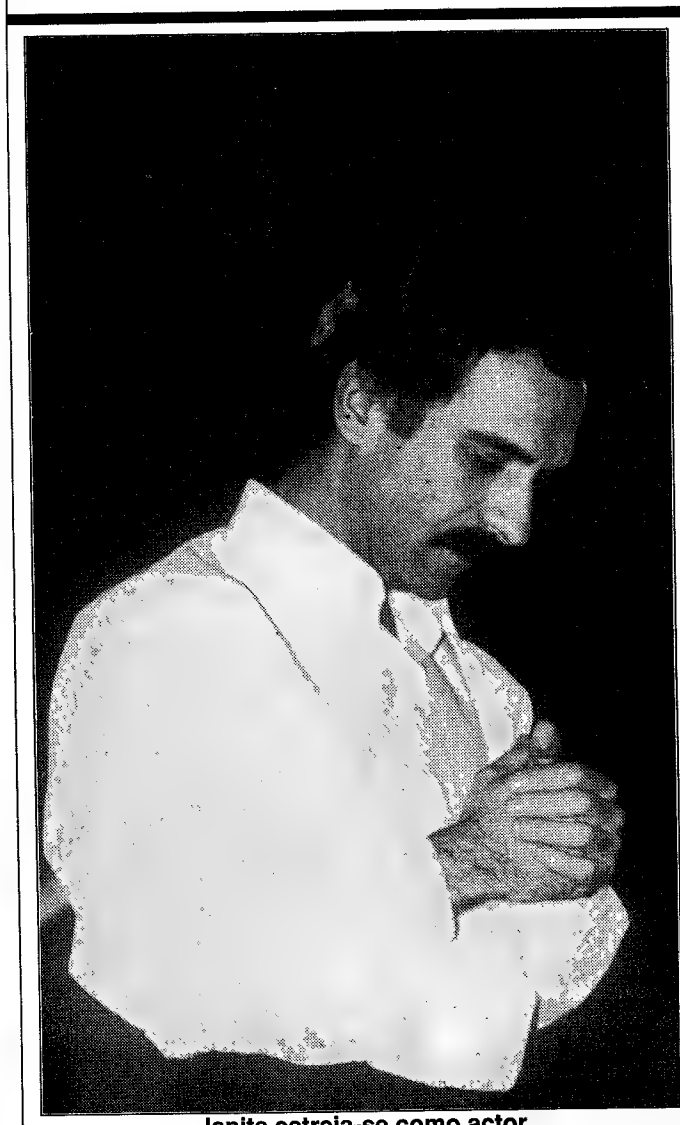
Se a **Partita nº 5** se impôs numa tal perspectiva, a **Partita nº 6** foi, de princípio a fim, paradigmática, com momentos inesquecíveis: a «Sarabanda» impregnada de emoção grave e de um sentimento de tristeza como que superada; e uma «Giga» vigorosa e pulsante.

E como Andras Schiff soube estabelecer a distinção entre o mundo das **Partitas**, mais concentrado apesar de tudo, e o da **Abertura em estilo francês** (B. W. V. 831). Aqui a pujança festiva do trecho inicial viu-se transmitida com garbo, tal como

cada um dos diversificados trechos que se lhe seguiram, caracterizados com finura e humor. O **Concerto italiano** constituiu outra demonstração de propriedade estilística e capacidade de explicitar contrastes de ambiente: a nobreza meditativa do «Andante» central perante a extroversão desenvolta das peças extremas.

Um grande pianista e um intérprete profundo e estimulante, este Andras Schiff!

**Nuno Barreiros**



**Janita estreia-se como actor**

*Crítica de teatro*

# Os amores de Margarida

MARGARIDA DO MONTE, de Marcelino Mesquita. *Dramaturgia/Encenação:* Hélder Costa. *Cenografia/Figurinos:* António Belart. *Música:* Janita Salomé. *Interpretação:* António Cardoso, António Gomes, Cristina Chefirovitch, Janita Salomé, João Maria Pinto, Madalena Leal, Paula Sousa, Osvaldo Canhita, Rui Pisco. *Participação:* Maria do Céu Guerra. Grupo A Barraca. Estreia Cinearte/27-12-89 (5-01-90).

Embora Teófilo Braga evocasse o auto vicentino a propósito desta peça que Marcelino Mesquita publicou em 1910, hoje temos que ser mais modestos e reconhecer que, teatral e literalmente, «Margarida do Monte» não merecia sair do limbo em que o tempo a mergulhou. Peça em 4 actos, em verso, «Margarida do Monte» narra num «episódio cortesão da primeira metade do séc. XVIII», a história de uma cigana por quem D. João V se apaixona e de quem é amante, por sua vez apaixonada por um vimioso toureiro que o rei manda enforcar, o que leva Margarida a espetar um punhal no coração.

O transe amoroso serviu a Marcelino Mesquita para levantar um quadro crítico da época (devassidão real, delapidação dos bens públicos, corrupção da Igreja); sem grandes preocupações históricas o mais interessante é talvez a cena em que Alexandre de Gusmão faz a síntese da situação do país e aponta os culpados dela.

É óbvio que foi isso que interessou a Hélder Costa, esse quadro histórico em que poderia levantar as caricaturas dos vários poderes, como fizera já, mas muito mais convincentemente, em «João VI».

Desta vez, preso ao esquema melodramático e à escrita originais, Hélder Costa falhou essa tentativa de dramaturgia sem conseguir, através da encenação, erguer um espectáculo plausivelmente criativo.

Hélder Costa optou por levantar um acampamento cigano e esse foi, talvez, o segundo erro (o primeiro teria sido a escolha da peça) já que dificilmente se acredita na autenticidade do quadro estabelecido; depois, transformou a peça num espectáculo com canções, sem, no entanto, optar abertamente por uma estrutura de espectáculo musical (o que poderia ser uma opereta, o que talvez tivesse conferido ao espectáculo alguma verosimilhança, embora fosse projecto que levantaria problemas não sei se ultrapassáveis). Pelo contrário, a sensação que se tem é a de uma obra descosida, que não chega a funcionar como estrutura dramática.

O espectáculo vive sobretudo do trabalho dos intérpretes, incluindo um simpático cão rafeiro, que no entanto não conseguem ir além de um retrato bonito e comunicante, uma composição agradável por parte de Paula Sousa (Margarida), um retrato bem cantado por parte de Janita Salomé (Miguel), e de caricaturas com mais ou menos graça (António Cardoso, António Gomes, João Maria Pinto, Cristina Chefirovitch, Madalena Leal, entre outros); além das intervenções breves mas saborosas de Maria do Céu Guerra.

Sublinhe-se ainda a qualidade da música de Janita Salomé e a colaboração de António Belart, em especial como figurinista.

Com «Margarida do Monte», A Barraca faz uma primeira inauguração de um espaço, o do antigo cinema Cinearte, que vai utilizar durante vinte e cinco anos, de acordo com um protocolo estabelecido com a Câmara Municipal de Lisboa. Claro que o esforço despendido pelo grupo nesta primeira fase de reconversão do antigo cinema, não podia deixar de se reflectir no primeiro espectáculo desta nova fase da vida do grupo. No entanto, seria desconsiderar um colectivo com as tradições da Barraca fazer dessas circunstâncias um alibi para que os seus espectadores sejam menos exigentes.

**Carlos Porto**

# DESPORTO

## Resultados

Desenrolou-se a 16.ª Jornada do Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão. Resultados:

FC Porto - V. Guimarães, 1-1 (0-0) ao intervalo
Benfica - Estrela da Amadora, 2-0 (1-0)
Sporting - Belenenses, 1-0 (1-0)
Braga - Boavista, 0-0
Chaves - Nacional, 3-3 (2-1)
Penafiel - Beira Mar, 0-0
Marítimo - União da Madeira, 1-0 (0-0)
Feirense - Tirsense, 0-0
Portimonense - V. Setúbal, 0-1 (0-0).

Segue a 17.ª Jornada, última da 1.ª volta: Nacional - Penafiel; Beira Mar - FC Porto; V. Guimarães - Portimonense; V. Setúbal - Sporting; Belenenses - Benfica; Estrela da Amadora - Marítimo; União da Madeira - Braga; Boavista - Feirense e Tirsense - Chaves.

## Magnusson, pois claro!

O sueco Mats Magnusson marcou dois golos e elevou para 21 o seu total de tentos marcados em 16 jornadas do campeonato. Numa ronda que rendeu apenas 13 golos, (e em que três jogos ficaram em «branco»), o búlgaro Tanev, (Chaves), também bisou. Lista de melhores marcadores: Magnusson, (Benfica) 21 golos; Guetov, (Portimonense) e Mladenov, (V. Setúbal) 9; Chiquinho, (V. Guimarães) 8; Vata, (Benfica), Rui Águas, (FC Porto), Jorge Andrade, (Boavista), Ricky, (Est. Amadora), Demol, (FC Porto), Tanev, (Chaves) 7; Monteiro, (União), 6; Aparício, (V. Setúbal), Aldair, (Benfica), Madjer, (FC Porto), Coelho (Penafiel), Chiquinho (Belenenses) Nélson Borges, (E. Amadora) e Douglas, (Sporting) 5.

RENAULT
FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais - Telha
Assistência - Peças: Sete Portais - Telha
2830 BARREIRO

| | | J | V | E | D | G | P |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1.º | F.C. PORTO..... | 16 | 12 | 3 | 1 | 33- 5 | 27 |
| 2.º | Benfica..... | 16 | 11 | 4 | 1 | 46- 7 | 26 |
| 3.º | Guimarães..... | 16 | 11 | 4 | 1 | 25-10 | 26 |
| 4.º | Sporting..... | 16 | 10 | 4 | 2 | 18- 7 | 24 |
| 5.º | V. Setúbal..... | 16 | 8 | 3 | 5 | 21-14 | 19 |
| 6.º | Belenenses..... | 15 | 7 | 2 | 6 | 16-17 | 16 |
| 7.º | Braga..... | 16 | 5 | 6 | 5 | 15-18 | 16 |
| 8.º | Boavista..... | 16 | 5 | 5 | 6 | 24-18 | 15 |
| 9.º | Tirsense..... | 16 | 3 | 9 | 4 | 8-14 | 15 |
| 10.º | Chaves..... | 16 | 4 | 7 | 5 | 19-24 | 15 |
| 11.º | Amadora..... | 16 | 5 | 4 | 7 | 19-16 | 14 |
| 12.º | Beira Mar..... | 16 | 4 | 5 | 7 | 8-19 | 13 |
| 13.º | Marítimo..... | 16 | 2 | 8 | 6 | 13-21 | 12 |
| 14.º | Penafiel..... | 16 | 4 | 3 | 9 | 12-26 | 11 |
| 15.º | Feirense..... | 16 | 3 | 4 | 9 | 9-23 | 10 |
| 16.º | União..... | 16 | 3 | 4 | 9 | 12-24 | 10 |
| 17.º | Portimon..... | 16 | 3 | 3 | 10 | 13-31 | 9 |
| 18.º | Nacional..... | 15 | 0 | 8 | 7 | 9-26 | 8 |

## TOTOBOLA

**a chave**

Porto - Guimarãe ..... X
Benfica - E. Amad a ..... 1
Sporting - Belenen ..... 1
Chaves - Nacional .... .... X
Penafiel - Beira Mar .... .. X
Portimon. - Setúbal ..... 2
Marítimo - U. Madeira ..... 1
Braga - Boavista ..... X
Feirense - Tirsense ..... X
Varzim - Freamunde ..... 2
Oliveir. - Académica ..... X
Mangualde - Espinho ..... 1
Barreir. - Louletano ..... 1

**O nosso palpite**
**Concurso n.º 3/90**
**21 de Janeiro de 1990**

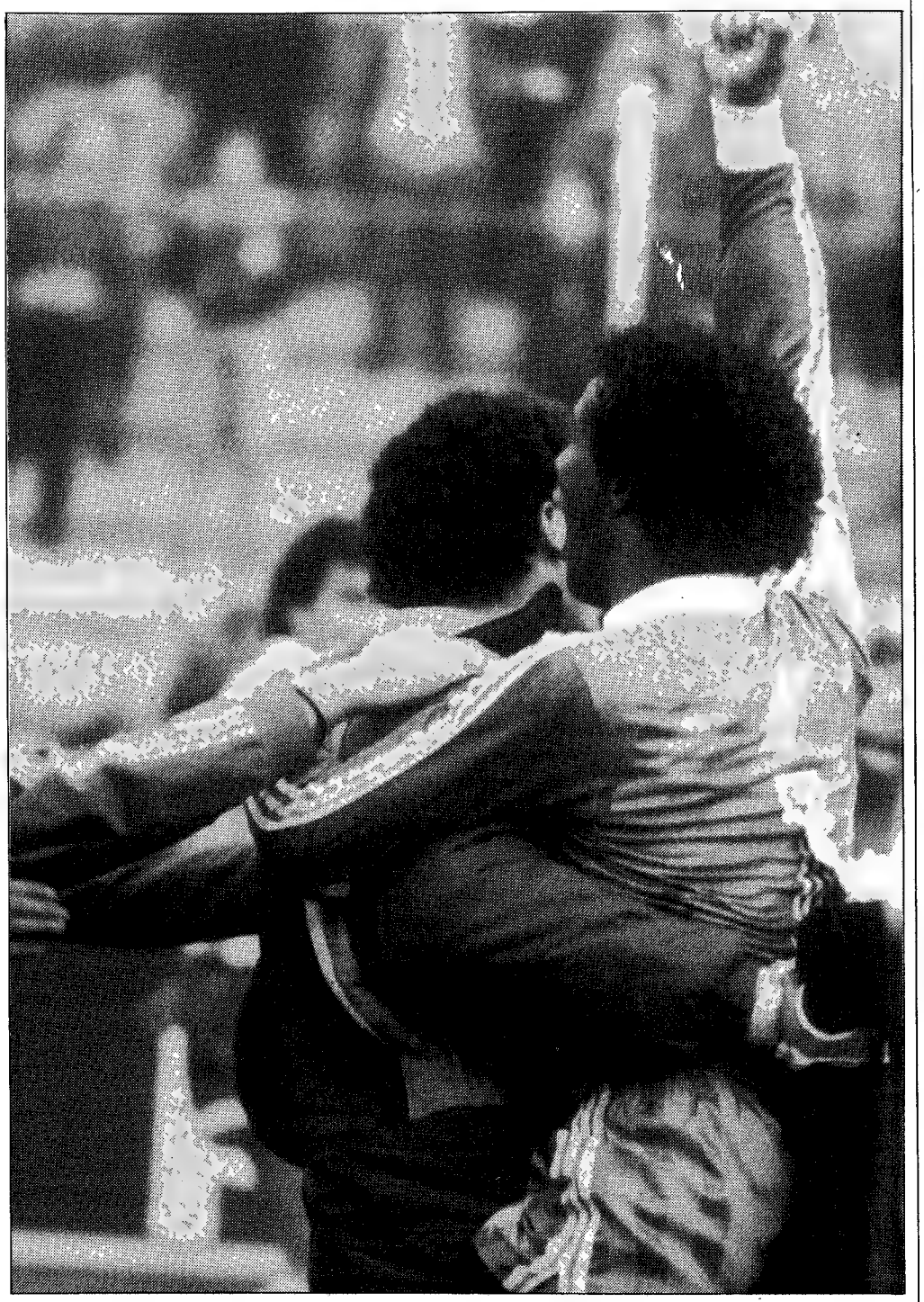
Beira Mar - Porto ..... 2
Belenenses - Benfica ..... 2
Nacional - Penafiel ..... X
Setúbal - Sporting ..... X
Guimarães - Portimon. ..... 1
U. Madeira - Braga ..... 1
Tirsense - Chaves ..... 1
Freamunde - P. Ferreira ... 1
Joane - Varzim ..... X
Rio Ave - Famalicão ..... 1
Águeda - Espinho ..... X
Sintrense - Farense ..... 2
Portalegr. - Lusitano V.R. . 2

## TOTOLOTO

18, 22, 32, 35, 38 e 44 × 10

*Nacional de Futebol da I Divisão*

# Golos de Chaves travam jejum geral



Abraços a Neno: nas Antas, o rei foi ele

O cartaz era de se lhe tirar o chapéu; espectáculos para todos os gostos e paladares, oscilando entre duelos directamente atirados para o sonho do título, esgrimas com aspiração a ganho de passaporte e embates onde a faísca podia deitar fogo aos que vão tombando na escadinha pontual.

Tudo começou na tarde de sábado: em Santa Maria da Feira, o bate-pé tirsense obrigou a paritária divisão do pecúlio que estava pendurado no pau ensebado, em Portimão (uma vez mais) provou-se que poucas vezes as inusitadas «chicotadas psicológicas», essas malfadadas atitudes de dirigentes que ficam apavorados mal o emblema dos seus olhos trava, sem ondular ao vento, voltou a fazer das suas. Depois de José Torres, sorte idêntica rodeia Quinito: quem tirou proveito foi Manuel Fernandes, que foi a casa alheia recuperar o lucro que há uma semana lhe fugira no Bonfim.

Um só golo chegou e sobrou para vergar algarvios, bem se podendo os portimonenses lamentar desse lance decisivo ter tido assinatura de um dos trabalhadores do emblema, num instante de desconcentração que pode acontecer ao mais pintado.

Duas conversas acabaram como principiaram: em branco, cada qual com os argumentos recolhidos no livro de apontamentos. Em Braga, os alunos de Vítor Manuel não conseguiram ultrapassar a vontade boavisteira de continuar dando uma esperança ao «major galopante», no reduto penafidelense o Beira Mar foi pregar uma partidinha a José Augusto, lavando um nadinha a imagem obscurecida do comandante Thissen. Tudo a zero, mas nem todos sem lucro: axadrezados e aveirenses saíram confortados do magro festim.

Pela mais esquálida das vantagens, Alvalade acabou sorridente o confronto com restelianos que parece terem agora aberto os olhos para a realidade, enquanto a luta de cristas nos Barreiros igualmente se saldou pela mais económica das produtividades maritimistas, a provocar golpe no queixo unionista, precisamente no duelo que é (mesmo) do seu campeonato.

Note-se bem: nestes seis jogos, em nove horas de possibilidades abertas, a todos os fogos, apenas em três momentos a plateia tirou as mãos dos bolsos para aplaudir golos. Curiosamente, no palco flaviense, as oportunidades seriam quase em torrente: seis golinhos, Tanev e Dino bisando, a incerteza morando no horizonte, bem empregado o dinheirinho que se gastou para ver constante futebol atacante, a alegria e o gozo do povo.

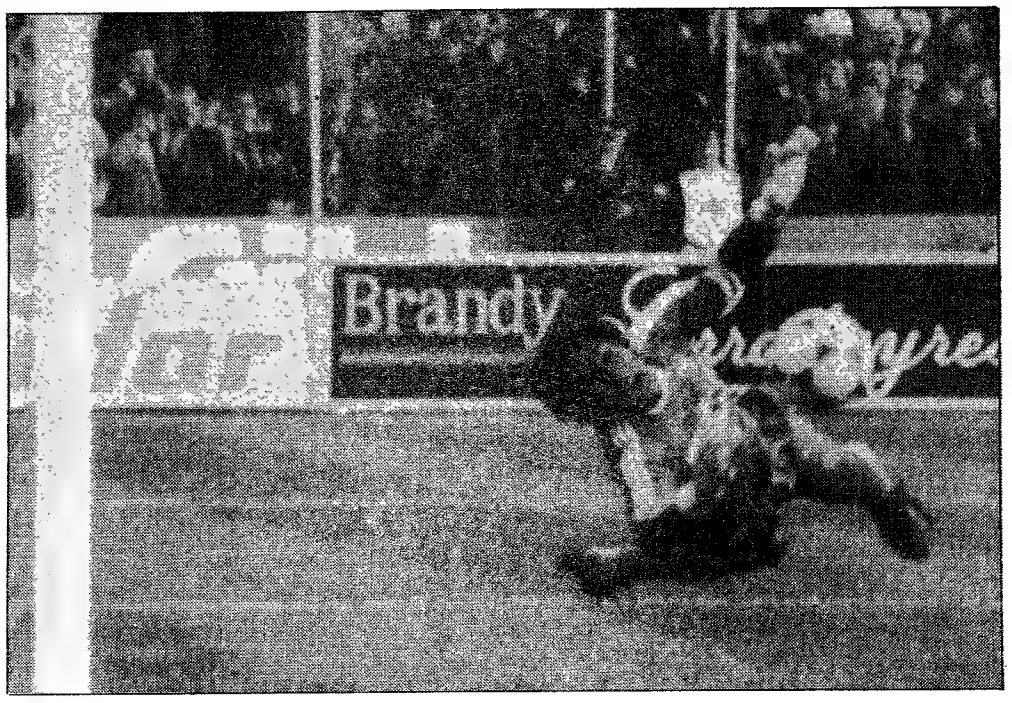
Na Luz, aconteceu joguinho incisivo que, por batuta de Valdo (o maestro) igualmente impulsionou o Benfica para ultrapassagem a um Estrela da Amadora arrumadinho, mas com ideias menos avançadas que os anseios de Eriksson, o sueco que vai rejubilando com os golaços de Mats Magnusson, a fazerem engordar a bolsa do patrão e a levarem por essas cordilheiras o nome de um muito possível sucessor de Hector Yazalde, o argentino que (ao serviço do Sporting, cá da nossa loja) ainda hoje domina o rol opulento dos mais eficientes atiradores às malhas de todo o velho continente.

E temos o areópago das Antas, totalmente rendido à incerteza, cada emblema não supondo claramente o que estaria para suceder antes da prolongada apitadela de Francisco Silva, homem de cronómetro ao sabor dos ventos. Neno foi espantoso: travou tudo o que era possível. Semedo foi o dono da régua e do esquadro. No fim de contas, bem vistas as coisas, fez-se justiça por linhas mais ou menos rectas. Que o digam portistas que estão sempre de pé atrás quando lhes aparece pelas barbas o «team» de Guimarães, que o firmem esses rijos vimaranenses que, pela mão de Paulo Autuori, estão continuando o rumo que a bússola de Marinho Peres tinha na torre de comando.

À porta de se fechar a primeira página do torneio, 19 degraus separam («dragões» de «nacionalistas»: uma diferença que (pelos vistos) já escolheu os filhos queridos da vitória e desprezou os infortunados que entraram na corrida ao pé coxinho.

**Neves de Sousa**

*Porto, 1-Guimarães, 1*



Bruno Neves

**Neno a defender e o banco do Guimarães a sofrer**

# Chefe Silva entornou o caldo

*«Gostaria que publicassem rigorosamente o que eu disser. Por favor não desvirtuem as minhas palavras. O que vi hoje neste estádio, nunca tinha visto em toda a minha vida. O árbitro Francisco Silva foi escandaloso ao instaurar aqui uma autêntica palhaçada. Vocês que têm responsabilidades devem denunciar a vergonhosa actuação do árbitro e dos seus auxiliares. Nunca vi inventar tanta falta a favor de uma só equipa como o fez o sr. Francisco Silva em benefício do Porto. Se, por afirmar todas estas verdades, for castigado pela Federação, falarei com o presidente Pimenta Machado, coloco o meu lugar à sua disposição e regresso ao Brasil. Nunca mais quero ser roubado como o fui hoje aqui.»*

Era o desafio de Paulo Autuori, após terminado o confronto das Antas. Dureza excessiva nas suas palavras? Alguma injustiça para com Francisco Silva? Decididamente não gostámos rigorosamente nada da actuação do «juiz» algarvio, porquanto, as suas decisões, sobretudo na parte final do encontro, situaram-se a milhas do que se encontra consubstanciado nas leis de jogo. Curiosamente errou sempre em prejuízo do Vitória de Guimarães e ficámos por saber a que se deveu o prolongamento de cinco minutos (foram exactamente quatro minutos e 54 segundos) do jogo, na segunda parte. Ao lado dizia-nos um companheiro: isto só acaba quando o Porto marcar o 2.º golo. Não foi assim só porque Neno estava lá para contrariar tais intenções.

Voltando ao brado de revolta de Paulo Autuori e à análise do (mau) trabalho de Francisco Silva, recusaremos colocar em causa a honorabilidade do árbitro, mas os erros cometidos foram excessivos e não venham com o estafado argumento de que foram meros erros de percepção, porque foram constantes e não se deu pelas intenções de decidir com acerto por parte do «internacional» apitador. Não se trata de alimentar a tensão emocional de Paulo Autuori (Pimenta Machado, ainda que tivesse reconhecido que o árbitro errou demasiadamente, estava um pouco mais moderado nas acusações do que o seu técnico) ou de carregar com preceitos demolidores, porque bem sabemos que nos cumpre missão socializante. Somos condescentes e tolerantes para com os árbitros de futebol, mas há limites e a actuação de Francisco Silva, ontem, nas Antas, passou a raia da tolerância.

A forma como «inventou» livres na zona frontal das redes excelentemente confiadas a Neno, fez-nos recordar outro árbitro que ali esteve há um par de anos. Chamava-se Manuel Vicente, o jogo era com o Benfica, o resultado final foi um empate (obtido por Ademir na transformação dum livre marcado por falta inexistente quando restavam poucos minutos para o título ser conquistado pela equipa visitante, então treinada por Mortimore).

Uma arbitragem que certamente Francisco Silva não deverá esquecer e foi pena porque a qualidade do jogo produzido merecia coordenação de outra bitola. O «chefe Silva» entornou o caldo e estragou a ementa.

### «Dragões» a todo o vapor

Os portistas iniciaram o encontro a todo o gás e no minuto inaugural João Pinto ensaiou um remate que teve o mérito de Neno mostrar a sua invulgar agilidade e segurança. Aos três minutos, Rui Águas poderia ter proporcionado a abertura do activo se não cometesse excessos de egoísmo ao rematar de ângulo desfavorável tendo dois companheiros em posição ideal para rematar com acerto. Calmamente os vimaranenses aliviaram a pressão ofensiva dos seus opositores e nos minutos seguintes desenvolveram lances ofensivos a evidenciar que não estavam ali para defender outra coisa que não fosse o prestígio advindo da sua posição na tabela classificativa, resultante de actuações de elevada craveira. Os portistas tentam pressionar, mas sem um estilo de futebol envolvente com os jogadores a excederem-se em individualismos e tanto Rui Águas como Madjer iam ensaiando remates com pouco jeito e com a alça totalmente desafinada. Roldão «vê» a cartolina por protestar uma errada decisão do árbitro e pouco depois uma entrada violenta de Germano foi punida de igual forma. Francisco Silva tentava disciplinar o espectáculo. Geraldão marca um livre e Neno responde de forma altiva. André entra duramente sobre René que é forçado a abandonar o relvado transportado pelos homens da Cruz Vermelha. Uma falta semelhante àquela que remeteu há umas semanas o boavisteiro João Pinto para o «estaleiro». André está decididamente em forma deficiente e o recurso à falta evidencia isso mesmo. Mais um «amarelo» e três jogos de repouso que talvez lhe proporcionem a recomposição física e piscológica.

O jogo prossegue com muita dureza (repartida por diversos protagonistasç) com Francisco Silva a evidenciar alguma insegurança. Demol e João Batista (que entrara para o lugar de René) são igualmente contemplados com a exibição da «cartolina». Nas bancadas há efervescência e vibração sobre o granito, com as «claques» no desempenho da sua missão de 12.º jogador. O topo norte está povoado de uma mancha branca e negra feita por milhares de bandeiras vindas de Guimarães, enquanto no resto da plateia predomina o azul da nobre colectividade dos «dragões». O camarote oficial está repleto de «gente ilustre» não faltando o presidente federativo João Rodrigues.

### Semedo: golo de bandeira

Recomeçam bem os portistas quando, aos 47 minutos, uma excelente jogada iniciada por Semedo e continuada por Águas é finalizada por Semedo com um golo que faz erguer a bancada. Um golo de bandeira sem qualquer hipótese para o genial Neno. Tudo parecia encaminhado para o triunfo dos comandados de Artur Jorge, mas os vimaranenses rapidamente se recompunham, tirando benefício do «afundamento» dos homens do «miolo» portista, com Magalhães à procura da melhor forma e André sem a clarividência que o notabilizou.

Chiquinho e Silvinho bem apoiados por N'Dinga (que notável exibição) e por Soeiro, criavam sérios embaraços a Geraldão, Demol e demais parceiros do sector e quando o cronómetro marcava 64 minutos Chiquinho dando sequência a um cruzamento bem aferido por Soeiro restabelece o empate com Vítor Baía, Semedo e Geraldão a falharem em simultâneo. Um golo muito festejado no pólo norte do estádio.

### Festival da asneira

Foi a partir do golo dos minhotos que Francisco Silva abriu o livro da asneira proporcionando um coro de assobios de origem minhota e proporcionando a Neno que mais uma vez demonstrasse ser no momento presente o melhor guarda-redes português (que nos desculpem Silvino, Vítor Baía e Jorge Martins).

Francisco Silva a «fabricar» livres e Neno a defender de forma magistral remates de Demol, de Geraldão, de Domingos e de quem ali estivesse disposto a mostrar engenho para testar o magnífico «keeper» que o Benfica cedeu ao clube de Pimenta Machado.

Um festival de insuficiência cometido pelo árbitro (com boa assistência do fiscal de linha do lado da maratona) e Neno a mostrar génio, arte, engenho, segurança e elasticidade. Censure-se o «juiz» e aplauda-se o «artista».

**Alves Henriques**

Bruno Neves

**Desalento entre os do Porto: o Vitória empatara**

Perante péssima arbitragem de Francisco Silva, igualmente mal auxiliado por Américo Estornilho e António Pincho, as equipas alinharam assim:

**PORTO:** Vítor Baía; João Pinto; Geraldão, Demol e Branco; Jaime Magalhães, Bandeirinha (Jorge aos 80m), André e Semedo; Madjer (saiu lesionado aos 35m entrando Domingos) e RuiÁguas.

**GUIMARÃES:** Neno; Nando, Germano, Williams e Bené, René (lesionado em choque com André, foi rendido aos 35m, por João Batista), N'Dinga, Soeiro e Roldão (Carvalho, aos 80m); Chiquinho e Silvinho.

Os golos foram rubricados por Semedo (47m) e Chiquinho (64).

Disciplinarmente o árbitro mostrou o amarelo a Roldão, Germano, André, João Batista e Demol.

DESPORTO

# Cinco expulsões e vinte seis advertências

*Nacional continua sem vencer, Marítimo «matou o borrego» e o Porto cedeu o primeiro golo nas Antas, perdendo um ponto*

**Benfica, 2-**
**-Estrela da Amadora, 0**

Ficaram dúvidas quanto à decisão de Juvenal Silvestre, ao punir o Estrela com uma grande penalidade, por rasteira cometida sobre Pacheco. Se o árbitro setubalense falhou foi o único erra grave cometido pelo trio de arbitragem.

*BENFICA:* Silvino; José Carlos, Samuel (Vata, aos 30 m), Aldair e Veloso; Dimantino (Paulo Madeira, 62 m), Thern, Valdo e Pacheco; César Brito e Magnusson.

*E. AMADORA:* Melo; Rui Neves, Duílio, Barny e Caetano; Chico Oliveira (Rui Jorge, na 2.ª parte); Rebelo, Bobo, Paulo Bento e Baroti (Ricky, na 2.ª parte); Basaúla.

*Marcador:* Magnusson (41 e 85 m, este de «penalty»).

*Acção disciplinar:* cartões amarelos para Barny (54 m), Duílio (79 m) e Rui Neves (85 m).

•

Triunfo bastante difícil do Benfica sobre a excelente turma da Amadora que teima em manter-se entre as que melhor futebol exibem entre nós. Uma jogada genial de Valdo permitiu o golo inaugural, quando já decorriam 41 minutos de jogo, quando pelas bancadas se escutavam alguns piropos dirigidos aos artistas da equipa rubra.

Na segunda parte, o Estrela persistiu na réplica ao seu forte opositor com o empate desenhado diversas vezes no horizonte da plateia. Os benfiquistas só sentiram alívio quando o árbitro setubalense «decretou» pena máxima a um derrube cometido por Rui Neves (que excelente jogador!) sobre Pacheco e que terá sido protagonizado fora da zona nevrálgica de Melo. Magnusson, que marcara o golo inaugural, não perdoou.

**Portimonense, 0-**
**-V. Setúbal, 1**

Excelente arbitragem do portuense João Mesquita, bem auxiliado por José Magalhães e Casimiro Martins.

*PORTIMONENSE:* Figueiredo; Floris; Chico Zé, Aurélio e Justiniano; Major; José Pedro, Skoda, Guetov e Demirev; Luciano.

Substituições: aos 63 minutos Kachmerov rendeu Justiniano e aos 74 minutos Palecas rendeu José Pedro.

*V. SETÚBAL:* Jorge Martins; Crisanto, Jorge Ferreira, Quim e Flávio; Hélio, Quinito, Jaime Pacheco e Lufemba; Mladenov e Aparício.

Substituições: aos 70 minutos saiu Lufemba e entrou Figueiredo e aos 80 minutos Edward rendeu Aparício.

Marcador: Aurélio, aos 60 minutos, na própria baliza após um cruzamento do lado direito por Mladenov.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Mladenov (35 m), Kachmerov (75 m) e para Figueiredo (89 m). Cartão vermelho para Chico Zé (80 m).

•

Um autogolo de Aurélio, quando o relógio marcava uma hora de jogo, deu o triunfo à turma sadina no confronto com os algarvios do Portimonense. Foi um jogo bem disputado e com esta derrota a equipa de Quinito continua sem sair da zona perigosa. Será que vamos assistir a mais uma «chicotada»? Pelo Algarve é o que se consta. Quanto aos sadinos, a caminhada tem um destino: Europa.

**Chaves, 3-Nacional, 3**

Deficiente trabalho produzido pelo árbitro Serafim Alvito (Évora) e as equipas actuaram assim:

*CHAVES:* Jesus; Rui Manuel, Manuel Correia, Jorginho e Rogério; Diamantino (Gilberto 46); Miranda, Vukovic e David (Slavkov 63); Tanev e Rudi.

*Golos:* Tanev (5 e 67) e Miranda (25).

*NACIONAL:* Gilmar; Heitor, Rui Duarte, Leiz e Toninho: Ladeira; Dinis, Vieira (Edu 71) e Paulo Sérgio (Edmilsson 58); Sylvanus e Dino.

*Golos:* Dino (40 e 87) e Dinis (62).

*Cartões amarelos:* Sylvanus (44); Leiz (85) e Gilberto (85).

*Cartão vermelho:* Leiz (80).

•

Um resultado inesperado, considerando o passado recente das equipas em confronto, com benefício para os madeirenses que averbaram um ponto que não estaria nas suas previsões. Dino foi o «herói» do jogo, ao bisar os remates certeiros sendo o último obtido quando restavam três minutos para o derradeiro silvo do árbitro.

**Braga, 0-Boavista, 0**

Jogo em Braga, com excelente arbitragem do lisboeta António Marçal e disputado pelos seguintes intérpretes:

**BRAGA:** Luís Manuel; Chico Silva, Vítor Duarte, Quim I e Laureta; Fernando Pires, Rui Manuel, Quim II e Vermelhinho (Tiano, 80m); Santos e Marcão (Eskilsson, 67m).

**BOAVISTA:** Alfredo; Casaca, Valério, Frederico e Marcos António; Agatão, Garrido, Walker e Isaías; Forbs (Jaime, 78m depois Chiquinho Carioca aos 90m) e Jorge Andrade.

Um excelente encontro de futebol protagonizado por duas formações que apontam os seus objectivos para um lugar na Europa. Os bracarenses exerceram alguma supremacia, mas Alfredo estava em dia de alguma inspiração recusando que Marcão, Vermelhinho e demais «artilheiros» minhotos, tivessem êxito nos seus disparos.

**Marítimo, 1-União, 0**

Difícil o trabalho do árbitro Sepa Santos que foi forçado a exibir a cartolina amarela a sete jogadores, enquanto Ramos foi mandado recolher, quando faltavam 20 minutos para o termo do encontro. Eis a «ficha» do jogo:

**MARÍTIMO:** Everton; Rui Vieira, (Artur Semedo, 75m), Carlos Jorge, Teixeirinha, Oliveira, Esquerdinha, Tozé (José Luís, 52m), Marquinhos, Vando, Maki e Wawa.

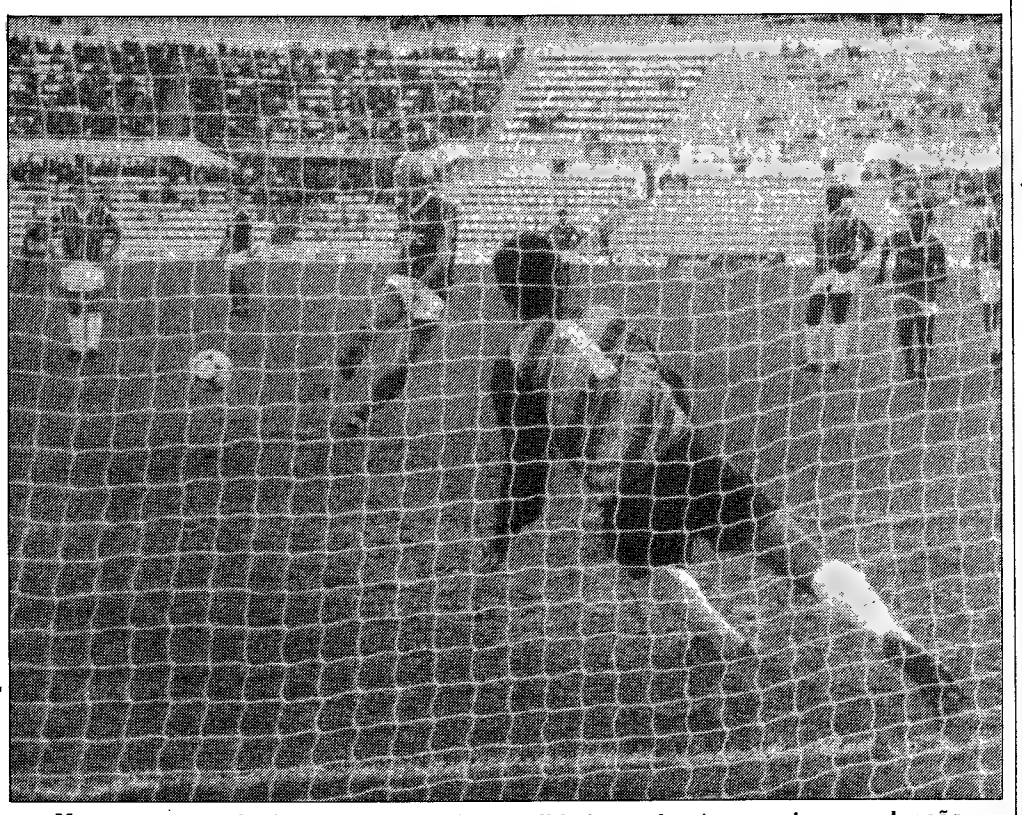
**UNIÃO:** Valente; Duarte, Ramos, Mota, Casimiro; Monteiro (Nelinho, 65m), Jairo, Markovic, Renato; Edilson (Jorge Costa, 73m) e Rogério.

**Marcador:** Maki (74m).

Acção disciplinar: cartões amarelo a Casimiro (22m), Ramos (41m), Marquinhos (41m), Carlos Jorge (52m), Markovic (75m), Renato (77m) e Jairo (78m). Vermelho para Ramos (70m).

•

Um «derby» disputado com muito vigor, alguma dureza e uma pontinha de violência, tornando difícil o trabalho do excelente árbitro lisboeta. Justo triunfo do Marítimo que desenvolveu futebol de superior índice técnico-táctico. Quanto ao União mostrou-se pouco empreendedor limitando-se a acção defensiva.



António Capela

**Magnusson: mais dois golos (um, de penalidade, na foto) para a longa colecção**

**Penafiel, 0-Beira Mar, 0**

Jogo em Penafiel com boa arbitragem de Francisco Caroço, de Portalegre.

**PENAFIEL:** Cerqueira; Carlos Alberto (Germano 46), Nikita (Valente 87), Vasco e Artur; Rui Manuel, Martins e Secretário; Rebelo, Amâncio e Coelho.

**BEIRA MAR:** Quim; Dinis, Carvalhal, Ivan e João Gouveia; Redondo, Bozinoski, Freitas e Sousa (Abdel-Ghany 87); Alain e Augusto (Paquito 89).

No aspecto disciplinar, Ivan, Dinis, Alain e Vasco viram o amarelo e por acumulação Ivan foi expulso.

•

A equipa penafidelense realizou exibição situada alguns furos abaixo das ultimamente patenteadas, não conseguindo pontuar num jogo em que lhe competia fazê-lo. Os aveirenses montaram um dique bem solifificado, tendo Quim negado, aos avançados locais, todas as veleidades evidenciadas no decurso do confronto. Um empate entre duas equipas de combate.

**Feirense, 0-Tirsense, 0**

Razoável trabalho desenvolvido pelo trio de arbitragem de Santarém chefiado por António Rola e que teve como «coordenadores» Renato Pinto e João Aurélio.

**FEIRENSE:** Ricardo; Licíno, Valido, Marcelino e Pinto; Rendeiro, Artur, Resende e João Luís; Quitó e Ribeiro.

Substituições: Aos 72 minutos, saiu Resende e entrou Carlos Rui e, aos 75 minutos, Licínio foi rendido por Pedro Martins.

**TIRSENSE:** Lúcio; Bio, Louro, Sérgio e Jorge; José Maria, Quim, César e Eusébio; Dreiffus e Vitinha.

Substituições: Aos 81 minutos, saiu Vitinha e entrou Kipulo e, aos 90 minutos, Lay rendeu Bio.

Acção disciplinar: Cartão amarelo para Artur, aos 36 minutos e para Sérgio, aos 55 minutos.

•

Tratou-se de um confronto sob o signo do zero. Zero no resultado, zero na produção de jogo. Naturalmente que o mérito do resultado vai para a turma de Santo Tirso por ter somado um ponto em campo alheio. Quanto ao Feirense, dificilmente sairá da «linha de água» onde se situa também o Portimonense, União da Madeira e Nacional.

**Em Braga: futebol sem golos**

## Famalicão ilibado em Tribunal

No Tribunal de Famalicão, foi esta manhã, julgado António Veiga, ex-presidente do clube de Macedo de Cavaleiros, protagonista do caso que provocou a queda do Futebol Clube de Famalicão na 3.ª divisão futebolística.

António Veiga declarou em juízo que tudo o que dissera da 1.ª vez, afirmando que tinha sido abordado para suborno pelo presidente do emblema famalicense, *«era pura mentira»*. O Tribunal aplicou-lhe a multa de 192 contos, 160 dias de prisão remíveis a 180 escudos diários ou, na alternativa, seis meses de prisão. Perante esta sentença, fica o caminho aberto ao Famalicão para pedir revisão do castigo de irradiação aplicado pela Federação de Futebol ao seu presidente, eng.º Fernando Costa.

*Sporting, 1-Belenenses, 0*

# Vai indo a saca-rolhas...

A Rádio ia entretendo o pagode:

— *Raul Águas completou na 6.ª feira 41 anos. Moisés Andrade (treinador do Belenenses) fez anos ontem. Carlos Manuel tem amanhã* (hoje) *a festa dos 32 anos...*

Da bancada dos *vipes*, Vítor Espadinha virou-se para a Imprensa e saiu-se com esta:

— *Mas isto vai ser um jogo de bola ou um banquete de aniversário?*

Podia ter sido, amigos: nada espantaria se isso tivesse acontecido, tal o volume de golos perdidos pelas duas turmas, com o Sporting dominando bem o período de abertura mas o Belenenses, regressado do balneário com fogo nas veias, a conseguir (em menos do acender de um fósforo) seis «pontapés de canto» e outros tantos momentos de séria aflição para as hostes *verdes-brancas*, que só lá para o fim reagiram, perdendo Fernando Gomes duas sublimes oportunidades para dilatar o «placard» e esquecendo-se o juiz minhoto de marcar uma incontestável grande penalidade cometida (às escâncaras) sobre o *bibota de ouro* que, decididamente, tem urgentemente de ir à bruxa. Ou visitar todos os santuários que estão no roteiro de quem deseja uma lasquinha de boa sorte.

**O respeito é muito bonito**

Voltemos ao levantar do pano. Sporting emergindo do bonito êxito no torneio luso-holandês, Raul Águas novamente a colocar no banco lateral Carlos Manuel (que só receberia ordem de entrada no tempo complementar) e Paulinho Cascavel, que chegou a fazer exercícios de aquecimento (com Oceano e Marinho) durante dois largos quartos de hora para continuar sendo mero espectador. Moisés Andrade sem poder contar com Teixeira (operado aos joelhos) nem com Baidek, o aluno que recomendou o «sheriff» à entidade patronal do Restelo. «Leões» jogando em aposta no contra-ataque: *azuis* precisamente com a mesma ideia. Quer dizer: cada emblema respeitando o parceirinho.

Os enviados de Belém com calções à inglesa: quase pelo joelho, como usava o Barrosa naquela época em que o «leão» ganhava títulos bonitos. Silas, mal se escutou o apito de arranque, começou a funcionar dentro da pele que vem vestindo: absolutamente como chefão da turma, dando ordens aos colegas, gritando determinações, apontando posições e (perfeitamente) enquadrando o «team» dentro da sua concepção, certamente que interpretando à risca o esquema planeado por Raul Águas.

Entre os importantes ou mais populares, lá estava o espectáculo (Carlos Cunha, Vítor Espadinha, Ruy Castelar), nomes gratos para os *verde-brancos* (Jesus Correia, Oliveira Martins, Moniz Pereira), Abílio Fernandes e Lopes Marques enquadrando toda a direcção de Sousa Cintra. Chegaria outra gente conhecida (Firmino Miguel, Aníbal Costa, Mário Rosa Freire, Manuel de Almeida, Porfírio Centeno): bem vistas as coisas, os pagantes cifravam-se aí em trinta e muitos mil, o que foi bem bom para as finanças de um emblema que tinha cartaz concorrente a cerca de um quilómetro.

Estava-se no período de estudo mútuo quando surgiu o único tento do espectáculo: serpentina galopante de Marlon Brandão, finta de corpo por Gomes, insuficiente travagem de Mihaylov e tiraço concludente de Cadete.

Entrou-se num período incaracterístico: jogava-se somente a meio-campo e, quando calhava a bola saltar para a frontaria *verde*, o fiscal-de-linha marcava *foras-de-jogo* mais que duvidosos.

Digamos que isso aconteceu, pelo menos, duas vezes: o conclave soltou umas assobiadelas, a coisa iria serenar mas ficava patente a grande flexibilidade dos flancos *azuis*, que permitiam o quase contínuo rasgar de pano por banda de Marlon e Cadete, ambos com asas nos pés.

Aconteceu a lesão de Chico Faria (rotura numa coxa, segundo o dr. Camacho Vieira) e a troca por Sadkov, um búlgaro que entrou a todo o gás mas apagou depressa o maçarico. Silas continuava como dono do exército, no Belenenses não havia quem tomasse as rédeas.

**Silas ou «Carlão»?**

Esperava-se (portanto) que os «leões» aumentassem o pecúlio. Simplesmente (segundo ponto de vista meramente pessoal, saliente-se) se alguém tinha de ceder o posto para (finalmente) Carlos Manuel jogar ao lado de Silas, não teria de ser Marlon Brandão, incontestavelmente o homem que (ao lado de Cadete) dava o tom da agressividade ao ataque caseiro. E foi o que se viu: queda completa do Sporting ante um Belenenses que vinha da cabina com pólvora em tudo o que era metralha. Sucederam-se os *pontapés de canto* perante Ivkovic, começou a imaginar-se que Venâncio e Luisinho não chegavam para as encomendas, para aliviar aquele sufoco já então chefiado por Juanico, bem escudado numa retaguarda onde Mihaylov, José António e Edmundo eram senhores da chave do seu castelo.

Foi (realmente) um período difícil da vida leonina: e apenas por mero e simples acaso aquele Belenenses que estava na manga de Moisés não conseguiu balear Ivkovic. Era uma carga cerrada, tudo pelo frente, já nem Silas mandava nem Carlos Manuel era capaz de se reapossar do antigo cetro. Finalmente, veio a reviravolta, num golpe de cabeça por Cadete, o único dianteiro em forma (e com força) naquela altura dentro do palco.

Cadete marcou o golo do Sporting

E mais subiu o «team» de Sousa Cintra: a incrível expulsão de Adão («bocas» ao árbitro, acção insuspeitada num atleta com dezena e meia de anos de intocável profissionalismo) reduziu a possibilidade dos restelianos chegarem ao empate. Aliás, quem dispôs de soberanos ensejos para dilatar a colheita, (foi o bloco de Raul Águas, com Fernando Gomes interveniente em três lances consecutivos: falhou a entrada no primeiro, é carregado para grande penalidade (por Mihaylov) em golpe que o árbitro entendeu ser natural e, à porta do risco fatal, despachou a esfera (de cabeça) a um palmo do poste branco. Incrível: a dissociação do *biaurífero* atirador ao golo com a sorte no último remate é coisa que começa bradando aos céus. Pergunta-se apenas: quando volta Fernando Gomes a ser Fernando Gomes?

Enfim: acabou tudo no melhor dos mundos, as chefias confraternizando em torno de «whisky», os jogadores combinando novo encontro em lugares diferentes. No público, o juízo era unânime: Venâncio e Luisinho, Juanico e José António, Ivkovic e Marlon, Mihaylov e Edmundo, Cadete e Silas tinham ficado no olhar. E, no bornal *verde*, dois saborosos pontinhos perante um Belenenses remoçado que, ou muito nos enganamos, anda novamente de olho na Europa e está preparando partida de todo o tamanho. É só questão de ir mirando o calendário, aparentementte mais favorável que aquele que espera proximamente a legião *verde*, que está à porta de uma espécie de Via-Sacra onde não pode continuar a desperdiçar Marlon ou a hesitar entre Silas e Carlos Manuel. Extremos com pensamento no golo contam-se pelos dedos de uma mão. E, em cada capoeira, dois galos de cristas firmes provocam reboliço tremendo no reino das penas.

**Neves de Sousa**

Arbitragem quase perfeita do bracarense Fortunato Azevedo (que esteve acompanhado pelos fiscais Leite Silva e Valdemar Lopes). As equipas:

Sporting: Ivkovic; João Luís, Luisinho, Venâncio e Leal; Douglas; Carlos Xavier, Silas e Cadete; Marlon (Carlos Manuel, na 2.ª parte) e Fernando Gomes.

Belenenses: Mihaylov; José António; Galo, Edmundo e José Mário; Juanico; Jaime (Gonçalves, aos 70 minutos), Macaé e Adão; Chiquinho e Chico Faria (Sadkov, 31).

Golo por Cadete (7 m). Expulsão: Adão (66 por «conversa» para o juiz.

Fernando Gomes ineficaz diante das redes de Belém

## BREVES

**O desporto na poesia portuguesa**

«O desporto na poesia portuguesa» é o título do livro escrito por José do Carmo Francisco, com capa desenhada pelo pintor António Carmo, que o Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas vai lançar hoje, às 17 horas, no Palácio Foz. Este livro conta com a participação de mais de 70 poetas nacionais e refere-se a cerca de 20 modalidades desportivas. A apresentação está a cargo do escritor João de Melo.

## Lei de bases no «DR»

A Lei de Bases do Sistema Desportivo (já aprovada no Parlamento) foi agora transcrita no «Diário da República» (número 11, 1.ª série) referente ao passado sábado. O diploma revoga o Decreto 32 946 (de 3 de Agosto de 1943) e a Lei n.º 2104 (de 30 de Maio de 1960).

*Campeonatos Nacionais de Futebol*

# II Divisão: Espinho perdeu

## Zona Norte

Desportivo das Aves - Bragança, 3-1; Marco - Gil Vicente, 0-3; Trofense - Infesta, 2-0; Leixões - Joane, 3-0; Varzim - Freamunde, 1-2; Paços de Ferreira - Rio Ave, 1-1; Famalicão - Maia, 0-0; Felgueiras - Vianense, 2-0 e Fafe - Vizela, 5-1.

**Próxima jornada**: Desportivo das Aves - Marco; Gil Vicente - Trofense; Infesta - Leixões; Joane - Varzim; Freamunde - Paços de Ferreira; Rio Ave - Famalicão; Maia - Felgueiras; Vianense - Fafe e Bragança - Vizela.

| | J | V | E | D | G | P |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1.º **FAMALICÃO** | 14 | 9 | 5 | 0 | 25- 8 | 23 |
| 2.º Freamunde . | 14 | 7 | 5 | 2 | 22-13 | 19 |
| 3.º P. Ferreira .. | 14 | 8 | 2 | 4 | 26-13 | 18 |
| 4.º Gil Vicente .. | 13 | 8 | 2 | 3 | 21-13 | 18 |
| 5.º Rio Ave ..... | 14 | 6 | 4 | 4 | 21-18 | 16 |
| 6.º Leixões ..... | 14 | 7 | 2 | 5 | 20-18 | 16 |
| 7.º Aves ..... | 14 | 7 | 2 | 5 | 17-12 | 16 |
| 8.º Varzim ..... | 14 | 6 | 3 | 5 | 20-13 | 15 |
| 9.º Maia ..... | 13 | 4 | 7 | 2 | 15-11 | 15 |
| 10.º Fafe ..... | 14 | 4 | 5 | 5 | 13-11 | 13 |
| 11.º Trofense ..... | 14 | 4 | 5 | 5 | 15-17 | 13 |
| 12.º Infesta ..... | 14 | 4 | 4 | 6 | 17-19 | 12 |
| 13.º Bragança .... | 14 | 5 | 2 | 7 | 17-23 | 12 |
| 14.º Felgueiras ... | 14 | 5 | 2 | 7 | 11-19 | 12 |
| 15.º Vianense ..... | 14 | 4 | 3 | 7 | 15-22 | 11 |
| 16.º Joane ..... | 14 | 3 | 3 | 8 | 8-19 | 9 |
| 17.º Vizela ..... | 14 | 2 | 2 | 10 | 8-24 | 6 |
| 18.º Marco ..... | 14 | 1 | 4 | 9 | 9-27 | 6 |

## Zona Centro

União de Lamas - Águeda, 1-0; Oliveira do Bairro - Académico de Viseu, 2-2; Benfica de Castelo Branco - Guarda, 3-0; Oliveirense - Académica, 1-1; Peniche - Mirense, 0-0; União de Leiria - Caldas, 4-0; Lousanense - Salgueiros, 1-2; Marialvas - Sporting da Covilhã, 1-0 e Mangualde - Sporting de Espinho, 2-1.

**Próxima jornada**: União de Lamas - Oliveira do Bairro; Académico de Viseu - Benfica de Castelo Branco; Guarda - Oliveirense; Académica - Peniche; Mirense - União de Leiria; Caldas - Lousanense; Salgueiros - Marialvas; Sporting da Covilhã - Mangualde e Águeda - Sporting de Espinho.

| | J | V | E | D | G | P |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1.º **ESPINHO** .. | 13 | 11 | 1 | 1 | 32- 7 | 23 |
| 2.º Salgueiros ... | 14 | 10 | 3 | 1 | 36-11 | 23 |
| 3.º Académica .. | 14 | 8 | 4 | 2 | 27-17 | 20 |
| 4.º U. Leiria .... | 14 | 7 | 5 | 2 | 27- 9 | 19 |
| 5.º A. Viseu ..... | 14 | 6 | 4 | 4 | 21-18 | 16 |
| 6.º Caldas ..... | 14 | 7 | 1 | 6 | 16-24 | 15 |
| 7.º Águeda ..... | 14 | 6 | 3 | 5 | 18-12 | 15 |
| 8.º Mangualde .. | 14 | 7 | 0 | 7 | 23-23 | 14 |
| 9.º Covilhã ..... | 14 | 6 | 1 | 7 | 17-20 | 13 |
| 10.º B.C. Branco | 14 | 5 | 3 | 6 | 14-15 | 13 |
| 11.º Mirense ..... | 13 | 3 | 5 | 5 | 16-17 | 11 |
| 12.º Marialvas .... | 14 | 3 | 5 | 6 | 9-16 | 11 |
| 13.º Oliveirense .. | 14 | 4 | 2 | 7 | 13-20 | 10 |
| 14.º U. Lamas ... | 13 | 5 | 0 | 8 | 17-21 | 10 |
| 15.º Lousan. ..... | 14 | 3 | 3 | 8 | 14-26 | 9 |
| 16.º Guarda ..... | 13 | 4 | 1 | 8 | 13-24 | 9 |
| 17.º Ol. Bairro ... | 14 | 2 | 5 | 7 | 11-27 | 9 |
| 18.º Peniche ..... | 12 | 2 | 2 | 8 | 7-22 | 6 |

## Zona Sul

Juventude de Évora - Elvas, 2-1; Torreense - Portalegrense, 6-1; Lusitano de Vila Real - Sintrense, 1-1; Farense - Olivais e Moscavide, 3-1; Alverca - Estoril, 1-1; Seixal - Silves, 0-0; Atlético - Olhanense, 2-0; Barreirense - Louletano, 2-1 e Samora - Lusitano de Évora, 1-1.

**Próxima jornada**: Juventude de Évora - Toreense; Portalegrense - Lusitano de Vila Real; Sintrense - Farense; Olivais e Moscavide - Alverca; Estoril - Seixal; Silves - Atlético; Olhanense - Barreirense; Louletano - Samora e Elvas - Lusitano de Évora.

| | J | V | E | D | G | P |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1.º **FARENSE** . | 14 | 11 | 3 | 0 | 35- 9 | 25 |
| 2.º Louletano ... | 14 | 9 | 2 | 3 | 25-11 | 20 |
| 3.º Elvas ..... | 14 | 7 | 4 | 3 | 21-11 | 18 |
| 4.º Barreirense .. | 13 | 8 | 2 | 3 | 20-10 | 18 |
| 5.º L.V. Real ... | 14 | 6 | 5 | 3 | 19-10 | 17 |
| 6.º Estoril ..... | 14 | 5 | 7 | 2 | 16-11 | 17 |
| 7.º Juventude ... | 14 | 7 | 3 | 4 | 17-19 | 17 |
| 8.º Alverca ..... | 14 | 6 | 4 | 4 | 19-16 | 16 |
| 9.º Toreense .... | 14 | 7 | 2 | 5 | 25-15 | 16 |
| 10.º Olhanense ... | 14 | 6 | 3 | 5 | 20-21 | 15 |
| 11.º Seixal ..... | 13 | 4 | 4 | 5 | 9-19 | 12 |
| 12.º Lusitano ..... | 14 | 3 | 6 | 5 | 21-21 | 12 |
| 13.º Silves ..... | 14 | 3 | 6 | 5 | 13-15 | 12 |
| 14.º Atlético ..... | 14 | 4 | 1 | 9 | 21-24 | 9 |
| 15.º O. Moscav. . | 14 | 2 | 4 | 8 | 11-22 | 8 |
| 16.º Portalegr. ... | 14 | 2 | 3 | 9 | 14-39 | 7 |
| 17.º Sintrense .... | 14 | 2 | 2 | 10 | 9-25 | 6 |
| 18.º S. Correia ... | 14 | 1 | 3 | 10 | 8-26 | 5 |

António Capela

**Juniores: leõezinhos ganharam tangencialmente ao Estrela da Amadora**

## JUNIORES

**Série A:** Merelinense - Gil Vicente, 0-1; Sp. Braga - Vianense, 0-1; Famalicão - Vila Real, 2-2; Chaves - Mãe d'Água, 5-0; V. Guimarães - Ponte Barca, 2-0 e Taipas - Vizela, 2-1. **Líder:** V. Guimarães, 20 pontos.

**Série B:** Águeda - Lamego, 2-0; Maia - Salgueiros, 3-1; Varzim - Beira Mar, 2-1; Sp. Espinho - Boavista, 0-0; Rio Ave - Leixões, 1-1 e Viseu e Benfica - FC Porto, 0-5. **Líder:** FC Porto, 22 pontos.

**Série C:** U. Leiria - Ac. Viseu, 1-2; Guarda - U. Coimbra, 1-2; Mangualde - Naval, 1-0; U. Tomar - Nazarenos, 0-0; Académica - Gouveia, 10-0; Estação - Marrazes, 3-0. **Líder:** Académica, 21 pontos.

**Série D:** U. Santarém - casa Pia, 1-1; Bombarralense - Caparica, 1-2; Sporting - Est. Amadora, 1-0; Benfica - Estoril, 2-0; U. Almeirim - Caldas, 4-1; Belenenses - Olivais e Moscavide, 0-0. **Líder:** Benfica, 19 pontos.

**Série E:** Farense Zona Azul, 3-3; Amora - Olhanense, 1-1; Est. V. Novas - V. Setúbal, 1-2; Lus. Évora - Quimigal, 1-1; Elvas — Barreirense, 1-1; Seixal - Portimonense, 2-1. **Líder:** Farense, 19 pontos.

## JUVENIS

**Série A:** Vizela - Chaves, 0-1; Rio Ave-V. Guimarães, 0-0; Freamunde - Sp. Braga,1-1; Leixões - Varzim, 3-0; Vianense -P. Ferreira, 1-3; e Moncorvo - Salgueiros, 0-4. **Líderes:** Sp. Braga e V. Guimarães, 22 pontos.

**Série B:** Tabuense - B. V. Almeida, 5-0; Académcia - Mangualde; 7-1; Estação - Boavista; 0-7; Feirense - Águeda, 2-0; FC Porto - Lourosa, 3-0 e Beira Mar -Ac. Viseu, 3-1. **Líder:** FC Porto, 28 pontos.

**Série C:** Torreense - Benfica, 1-3; Damaiense - Sporting, 0-4; Belenenses -U. Leiria, 5-0; Benf. C. Branco - U. Santarém, 2-0; Estoril - Casa Pia, 4-1 e Est. Amadora - U. Coimbra, 0-0. **Líder:** Sporting, 30 pontos.

**Série D:** Ol. Moscavide - Almodôvar, 6-1; Louletano - Est. V. Novas, 4-2; Portimonense - Est. Portalegre; Barreirense - Farense, 3-1 e Caparica - Oriental, 1-1. **Líderes:** V. Setúbal, Barreirense, Ol. Moscavide e Louletano, 22 pontos.

# III Divisão: líderes isolados

**Série A**: Celoricense - Vieira, 1-2; Valpaços - Prado, 4-0; Macedo de Cavaleiros - Amares 1-1; Vila Pouca - Maria da Fonte, 1-0; Valdevez - Ribeirão, 0-0; Delães - Ponte da Barca, 2-1; Esposende - Lanheses, 3-2; Moreirense - Mirandela, 1-0; e Santa Maria - Caminha, 0-1.

| | J | V | E | D | F-C | P |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **ESPOSENDE** | 16 | 8 | 7 | 1 | 23-11 | 23 |
| Moreirense ..... | 16 | 7 | 7 | 2 | 20-12 | 21 |
| S. Maria ..... | 16 | 8 | 3 | 5 | 18-16 | 19 |
| Mirandela ..... | 16 | 7 | 5 | 4 | 32-20 | 19 |
| Delães ..... | 16 | 8 | 3 | 5 | 23-21 | 19 |
| Amares ..... | 16 | 7 | 4 | 5 | 15-12 | 18 |
| Caminha ..... | 16 | 7 | 4 | 5 | 20-12 | 18 |
| Valpaços ..... | 16 | 7 | 4 | 5 | 21-16 | 18 |
| Vieira ..... | 16 | 5 | 6 | 5 | 12-14 | 16 |
| Celoricense .... | 16 | 5 | 5 | 6 | 19-19 | 15 |
| M. Fonte ..... | 16 | 3 | 9 | 4 | 11-12 | 15 |
| M. Cavaleiros . | 16 | 6 | 3 | 7 | 21-24 | 15 |
| P. Barca ..... | 16 | 5 | 4 | 7 | 13-15 | 14 |
| Valdevez ..... | 16 | 2 | 10 | 4 | 13-14 | 14 |
| Lanheses ..... | 16 | 2 | 9 | 5 | 15-17 | 13 |
| Prado ..... | 16 | 4 | 3 | 9 | 7-18 | 11 |
| Ribeirão ..... | 16 | 2 | 7 | 7 | 9-29 | 11 |
| Vila Pouca ..... | 16 | 3 | 3 | 10 | 11-23 | 9 |

**Próxima jornada**: Vieira - Valpaços; Prado - Macedo de Cavaleiros; Amares - Vila Pouca; Maria da Fonte - Valdevez; Ribeirão - Delães; Ponte da Barca - Esposende; Lanheses - Moreirense; Mirandela - Santa Maria; e Caminha - Celoricense.

**Série B**: Régua - Vila Real, 1-2; Santa Marta - Sanjoanense, 1-2; Ermesinde - Rio Tinto, 4-1; Valadares - Lixa, 0-1; Paivense - Amarante, 0-0; Lousada - Cinfães, 6-1; Lourosa - Sandinense, 0-0; Valonguense - Leça, 1-1; e Pedrouços - Paredes, 1-1.

| | J | V | E | D | F-C | P |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **LOUSADA** ... | 16 | 10 | 3 | 3 | 30-13 | 23 |
| Paredes ..... | 16 | 9 | 4 | 3 | 30-14 | 22 |
| Amarante ..... | 16 | 7 | 7 | 2 | 20- 9 | 21 |
| Valonguense ... | 16 | 8 | 5 | 3 | 22-15 | 21 |
| Leça ..... | 16 | 6 | 7 | 3 | 20-15 | 19 |
| Lourosa ..... | 16 | 6 | 6 | 4 | 16-11 | 18 |
| Pedrouços ..... | 16 | 6 | 5 | 5 | 26-25 | 17 |
| Sandinense ..... | 16 | 6 | 5 | 5 | 15-20 | 17 |
| Lixa ..... | 16 | 6 | 5 | 5 | 18-13 | 17 |
| Sanjonenses .... | 16 | 7 | 3 | 6 | 20-21 | 17 |
| Ermesinde ..... | 16 | 6 | 5 | 5 | 18-14 | 17 |
| V. Real ..... | 16 | 5 | 6 | 5 | 23-17 | 16 |
| Régua ..... | 16 | 6 | 3 | 7 | 15-19 | 15 |
| Cinfães ..... | 16 | 5 | 3 | 8 | 17-31 | 13 |
| Rio Tinto ..... | 16 | 4 | 3 | 9 | 16-29 | 11 |
| Valadares ..... | 16 | 1 | 7 | 8 | 12-25 | 9 |
| S. Marta ..... | 16 | 2 | 4 | 10 | 13-24 | 8 |
| Paivense ..... | 16 | 1 | 5 | 10 | 12-28 | 6 |

**Próxima jornada**: Vila Real - Santa Marta; Sanjaoense - Ermesinde; Rio Tinto - Valadares; Lixa - Paivense; Amarante - Lousada; Cinfães - Lourosa; Sandinense - Valonguense; Leça - Pecrouços; e Paredes - Régua.

**Série C**: Estarreja - Valonguense, 2-0; Oliveira do Hospital - Argus, 1-0; Ovarense - Santacombadense, 1-0; Seia - Tabuense, 0-0; Luso - Anadia, 0-1; União de Coimbra - Mealhada, 2-0; Sabugal - Gouveia, 0-2; Mortágua - Valecambrense, 5-1; e Oliveirinha - Alba, 1-0.

| | J | V | E | D | F-C | P |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **SANTACOMB.** . | 16 | 12 | 1 | 3 | 15- 6 | 25 |
| Anadia ..... | 16 | 11 | 2 | 3 | 24-10 | 22 |
| Ovarense ..... | 16 | 7 | 6 | 3 | 20-11 | 18 |
| U. Coimbra ..... | 16 | 7 | 6 | 3 | 32-12 | 18 |
| Estarreja ..... | 16 | 7 | 5 | 4 | 20-10 | 18 |
| Gouveia ..... | 16 | 6 | 7 | 3 | 15- 7 | 17 |
| Luso ..... | 16 | 5 | 8 | 3 | 11- 9 | 17 |
| O. Hospital ..... | 16 | 5 | 6 | 5 | 11-16 | 16 |
| Valonguense ..... | 16 | 5 | 6 | 5 | 16-15 | 16 |
| Mealhada ..... | 16 | 5 | 7 | 4 | 16-12 | 13 |
| Tabuense ..... | 16 | 4 | 5 | 7 | 12-12 | 13 |
| Mortágua ..... | 16 | 3 | 7 | 6 | 11- 8 | 12 |
| Argus ..... | 16 | 4 | 5 | 7 | 17-24 | 12 |
| Oliveirinha ..... | 16 | 4 | 5 | 7 | 14-19 | 11 |
| Alba ..... | 16 | 3 | 6 | 7 | 12-15 | 11 |
| Seia ..... | 16 | 4 | 3 | 9 | 24-25 | 10 |
| Sabugal ..... | 16 | 3 | 4 | 9 | 14-40 | 9 |
| Valecambr. ..... | 16 | 3 | 3 | 10 | 11-35 | 8 |

**Próxima jornada**: Valonguense - Oliveira do Hospital; Argus - Ovarense; Santacombadense - Seia; Tabuense - Luso; Anadia - União de Coimbra; Mealhada - Sabugal; Gouveia - Mortágua; Valecambrense - Oliveirinha; e Alba - Estarreja.

**Série D:** União de Santarém - Naval 1.º de Maio, 1-2; Sertanense - Alcobaça, 1-0; Bombarralense - Castelo de Vide, 0-0; Alfeizerense - Torre Novas 2-3; Desportivo de Fátima - Mirandense, 0-2; Alcanenense - Marrazes, 4-0; União de Tomar - Ferrel, 4-0; Estrela de Portalegre - Marinhense, 2-2 e Nazarenos - Alcains, 0-0.

| | J | V | E | D | F-C | P |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **U. TOMAR**... | 16 | 11 | 5 | 0 | 27- 7 | 27 |
| Mirandense..... | 16 | 10 | 4 | 2 | 29- 5 | 24 |
| Naval..... | 16 | 8 | 6 | 2 | 27-12 | 22 |
| Fátima..... | 16 | 7 | 6 | 3 | 27-11 | 20 |
| Alcobaça..... | 16 | 6 | 6 | 4 | 19-13 | 18 |
| U. Santarém.... | 16 | 8 | 2 | 6 | 19-11 | 18 |
| T. Novas..... | 16 | 6 | 5 | 5 | 21-20 | 17 |
| Sertanense..... | 16 | 4 | 9 | 3 | 16-16 | 17 |
| Alcanen..... | 16 | 4 | 7 | 5 | 16-14 | 17 |
| Alcains..... | 16 | 4 | 6 | 6 | 19-19 | 14 |
| Marinhense..... | 16 | 3 | 8 | 5 | 15-20 | 14 |
| E. Portalegre... | 16 | 3 | 8 | 5 | 12-24 | 14 |
| Nazarenos..... | 16 | 4 | 5 | 7 | 14-20 | 13 |
| Marrazes..... | 16 | 3 | 6 | 7 | 11-22 | 12 |
| Bombarr..... | 15 | 1 | 10 | 4 | 10-16 | 12 |
| Alfeizer..... | 16 | 2 | 7 | 7 | 15-26 | 11 |
| C. Vide..... | 16 | 4 | 3 | 9 | 12-24 | 11 |
| Ferrel..... | 15 | 3 | 1 | 11 | 10-39 | 7 |

**Próxima jornada**: Naval 1.º de Maio - Sertanense; Alcobaça - Bombarralense; Castelo de Vide - Alfeizerense; Torres Novas - Desportivo de Fátima; Mirandense - Alcanenense; Marrazes - União de Tomar; Ferrel - Estrela de Portalegre; Marinhense - Nazarenos e Alcains - União de Santarém.

Série E: Loures - Borbense, 1-1; União de Almeirim - Oriental, 3-0; Campomaiorense - Lusitânia dos Açores, 2-0; Fronteirense - Cartaxo, 2-0; Santa Clara - Odivelas, 1-0; Câmara de Lobos - Futebol Benfica, 1-1; Atlético do Cacém - Vilafranquense, 1-0; Praiense - Sacavenense, 2-0 e Portosantense - Fanhões, 0-0.

| | J | V | E | D | F-C | P |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **F. BENF**..... | 16 | 8 | 6 | 2 | 24-16 | 22 |
| S. Clara..... | 15 | 9 | 3 | 3 | 26-16 | 21 |
| U. Almeirim... | 16 | 8 | 4 | 4 | 25-15 | 20 |
| Campomaior.... | 15 | 8 | 3 | 4 | 21-12 | 19 |
| Portosan..... | 16 | 6 | 5 | 5 | 19-14 | 17 |
| Oriental..... | 15 | 6 | 4 | 5 | 19-12 | 16 |
| Odivelas..... | 16 | 6 | 4 | 6 | 20-15 | 16 |
| Loures..... | 16 | 4 | 8 | 4 | 18-19 | 16 |
| C. Lobos..... | 16 | 4 | 8 | 4 | 11-11 | 16 |
| Vilafranq..... | 16 | 5 | 5 | 6 | 14-13 | 15 |
| Borbense..... | 16 | 5 | 5 | 6 | 14-24 | 15 |
| Praiense..... | 16 | 5 | 5 | 6 | 9-12 | 15 |
| Sacaven..... | 14 | 3 | 7 | 4 | 10-12 | 13 |
| Fanhões..... | 16 | 4 | 5 | 7 | 11-18 | 13 |
| Cacém..... | 16 | 4 | 5 | 7 | 12-20 | 12 |
| Cartaxo..... | 16 | 3 | 6 | 7 | 14-24 | 12 |
| Fronteir..... | 16 | 4 | 4 | 8 | 10-18 | 12 |
| Lusitânia ..... | 15 | 4 | 3 | 8 | 10-16 | 11 |

**Próxima jornada**: Borbense - União de Almeirim; Oriental - Campomaiorense; Lusitânia dos Açores - Fronteirense; Cartaxo - Santa Clara; Odivelas - Câmara de Lobos; Futebol Benfica - Atlético do Cacém; Vilafranquense - Praiense; Sacavenense - Portosantense e Fanhões - Loures.

**Série F**: Caparica - Trafaria, 3-2; Almancilense - Vasco da Gama, 1-0; Quarteirense - Beja, 0-0; Sesimbra - Quimigal, 0-0; Montijo - Estrela de Vendas Novas, 4-2; União de Montemor - Amora, 2-0; Palmelense - Imortal, 2-1; Moura - Esperança de Lagos, 1-1 e União de Santiago do Cacém - Leões de Tavira, 2-1.

| | J | V | E | D | F-C | P |
|---|---|---|---|---|---|---|
| **MONTIJO**..... | 16 | 10 | 4 | 2 | 37-14 | 24 |
| Amora..... | 16 | 10 | 3 | 3 | 29-17 | 23 |
| Quarteir..... | 16 | 9 | 4 | 3 | 34-11 | 22 |
| Almancilense... | 16 | 8 | 5 | 3 | 19-13 | 21 |
| V. Gama..... | 16 | 8 | 3 | 5 | 21-20 | 19 |
| Moura..... | 16 | 6 | 7 | 3 | 22-15 | 19 |
| Quimigal..... | 16 | 6 | 7 | 3 | 18-15 | 19 |
| U.S. Cacém.... | 16 | 8 | 3 | 5 | 35-19 | 19 |
| E. Lagos..... | 16 | 6 | 6 | 4 | 28-21 | 18 |
| U. Montemor.. | 16 | 7 | 1 | 8 | 23-19 | 15 |
| Palmelense..... | 16 | 4 | 6 | 6 | 20-20 | 14 |
| Imortal..... | 16 | 4 | 5 | 7 | 26-31 | 13 |
| Beja..... | 16 | 5 | 3 | 8 | 15-30 | 13 |
| E.V.Novas..... | 16 | 4 | 4 | 8 | 16-25 | 12 |
| Leões..... | 16 | 3 | 6 | 7 | 10-14 | 12 |
| Caparica..... | 16 | 4 | 3 | 9 | 17-30 | 11 |
| Sesimbra ..... | 16 | 3 | 3 | 10 | 11-29 | 9 |
| Trafaria..... | 16 | 0 | 5 | 11 | 14-54 | 5 |

**Próxima jornada**: Trafaria - Almancilense; Vasco da Gama - Quarteirense; Beja - Sesimbra; Quimigal - Montijo; Estrela de Vendas Novas - União de Montemor; Amora - Palmelense; Imortal - Moura; Esperança de Lagos - União de Santiago do Cacém e Leões de Tavira - Caparica.

# Informação

## CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES
### GREVE DE 16 A 26 DE JANEIRO DE 1990
### Período das 12.00 horas do dia 16/01/90 às 24.00 horas do dia 26/01/90

Atendendo às características parciais das paralisações levadas a efeito pelas estruturas sindicais dos Trabalhadores da Empresa e tendo como objectivo minorar os inconvenientes para os Senhores Passageiros, a CP informa o seguinte sobre a circulação dos comboios e dos barcos, naquele período:

**1. ZONA SUBURBANA DE LISBOA**

**1.1. Linha de Sintra**

São garantidos pelo menos os comboios de Sintra e Cacém, mantendo-se, nestes casos o horário dos dias úteis.
Todos os comboios terão paragem em Campolide.

**1.2. Linha de Cascais**

Prevê-se que seja praticado o horário que vigora aos domingos.
Todos os comboios terão paragem em Santos.
As últimas partidas de Cais do Sodré e de Cascais terão lugar respectivamente às 23.40 e às 00.30 horas.
Prevêem-se igualmente circulações com partida de Cais do Sodré às 03.00 horas e de Cascais às 03.45 horas que terão paragem em todas as estações.

**1.3. Lisboa-Azambuja**

Prevê-se a realização do serviço normal.

**1.4. Barreiro-Praias do Sado**

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

**1.5. Via Fluvial — Lisboa/Barreiro**

Será praticado o serviço normal.

**1.6. Cacém-Torres Vedras**

Prevê-se a realização de grande parte destes serviços.

**2. ZONA SUBURBANA DO PORTO**
**Linha da Póvoa, Porto-Marco, Aveiro-Porto e Porto-Braga**

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal

**3. ZONA SUBURBANA DE COIMBRA**
**Coimbra-Figueira da Foz e Coimbra-Serpins**

Efectuar-se-á um número significativo de comboios.

**4. SERVIÇOS «ALFA» E «INTERCIDADES»**
**4.1. «ALFA»**

Serviço assegurado com excepção dos comboios 121 (de Lisboa 07.15), 122 (do Porto 08.30), 128 (do Porto 17.10) e 129 (de Lisboa 17.00) que serão suprimidos.
Os comboios 120 (do Porto 07.15) e 131 (de Lisboa 20.20) efectuarão paragens adicionais em Coimbra e Aveiro.

**4.2. «INTERCIDADES»**

Serviço assegurado, com excepção das ligações Lisboa-Aveiro (comboios 520 e 521) e Porto-Viana do Castelo (comboios 550 e 551) que são suprimidos.

**5. LIGAÇÕES INTERNACIONAIS**

Serão asseguradas todas as ligações internacionais, com excepção da ligação Porto-Vigo que será surprimida neste período.

**6. SERVIÇOS INTER-REGIONAIS E REGIONAIS**

Prevê-se a supressão de grande parte destes serviços.

NOTA —
Na restante rede e nos restantes serviços haverá circulação ferroviária, afectada, no entanto, por supressões e atrasos. Por tal motivo — lamentando o incómodo — solicita-se aos Senhores Passageiros que contactem com as Estações ou as Secções de Informação da CP.

10.Jan.1990
**Informação divulgada pela**
**Divisão de Relações Públicas da CP**

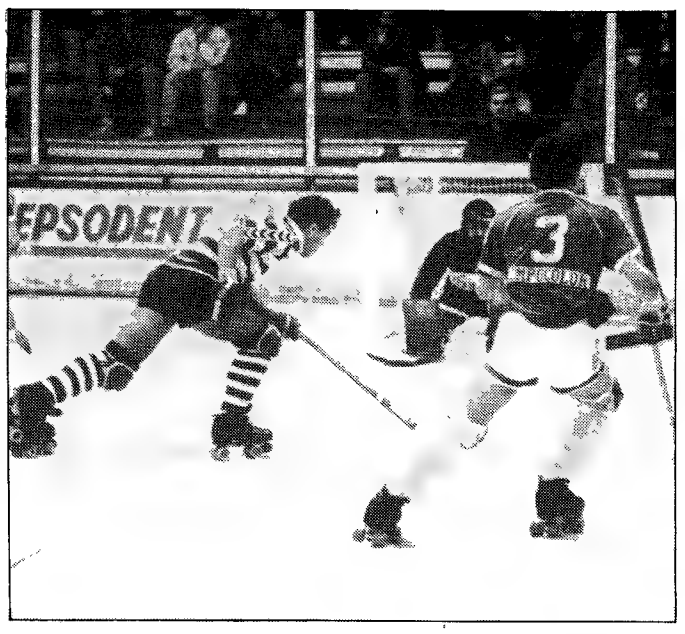
Caminhos de Ferro Portugueses

*Hóquei em patins*

# Benfica desliza em força

O Benfica bateu no seu recinto a Académica (11-6) na 9.ª jornada do campeonato nacional de hóquei em patins. O encontro Sporting de Tomar-Oliveirense foi adiado para o próximo dia 23. Outros resultados da jornada: Sanjoanense-Paço de Arcos, 1-2; Sporting-Barcelos, 4-5; Valongo-Grundig, 2-2; Porto-Turquel, 5-2 e Quimigal-Parede, 6-2.

Classificação: Benfica, 24 pontos; Barcelos, 23; Porto, 20; Turquel e Sporting, 18; Oliveirense, Sanjoanense e Paço de Arcos, 17; Valongo, 16; Académica e Quimigal, 15; Grundig, 13; Parede, 12 e Sporting de Tomar, 6. Benfica, Turquel, Sanjoanense, Valongo, Quimigal e Parede têm mais um jogo.




**Barcelos foi vencer a Alvalade**

## Campeonatos Nacionais

**BASQUETEBOL**: a ronda forneceu os seguintes resultados: Guifões, 78-Beira-Mar, 81; Esgueira, 81-FC Porto, 90; Imortal, 57-Sporting, 68; Estrelas da Avenida, 82-Ovarense, 78; Benfica, 105-Ginásio Figueirense, 66 e Illiabum, 90-Barreirense, 106. Classificação (tendo em linha de conta que Benfica e Estrelas têm em atraso o seu jogo): Beira-Mar, 20 pontos; Benfica, 19; Porto, 18; Esgueira, 17; Estrelas, Barreirense, Ovarense, Sporting e Imortal, 16; Illiabum, 15; Ginásio Figueirense e Guifões, 13.

**VOLEIBOL**: desfechos da 15.ª jornada do campeonato: FC Porto-Benfica, 3-0 (15-10/15-11/15-20); Ac. S. Mamede-Sporting, 2-3 (8-15/10-15/15-11/15-5/15-10-); Grundig-Leixões, 0-3 (15-17/6-15/11-15); Esmoriz-Ac. Espinho, 2-3 (14-16/7-15/15-11/15-3/9-15). Classificação: 1.º, Benfica, 25 pontos; 2.º, Leixões, 24; 3.º, Ac. Espinho, 23.

**RÂGUEBI**: Benfica, CDUL e Cascais venceram, respectivamente, Direito (28-9), Belenenses (42-7), e Académica (43-3), no início da fase final do campeonato nacional do 1.º escalão.

# Andebol: Jugoslávia vence em Loures

A selecção jugoslava foi a justa (e esperada) vencedora do «2.º Torneio Internacional de Loures/Portugal 90», que teve por cenário o Pavilhão Paz e Amizade», (Loures). A competição englobou-se no plano de preparação do nosso principal «sete» com vista à participação no próximo Campeonato do Mundo (Grupo C) que decorrerá na Finlândia, entre 30 de Março e 8 de Abril deste ano.

A actuação dos nossos representantes pode-se considerar normal, levando em linha de conta que estes jogos «não eram a doer» (se assim se poderá dizer) e que no «Mundial» é que existirá a «determinação» de vencer. Contudo, somos de opinião que os «BB» se superiorizaram aos «AA», em termos de resultados globais e considerando a sua (teórica) menor valia.

Voltando aos jugoslavos, diremos que os actuais medalha de bronze olímpica (Seul, 1988), não deixaram os créditos por mãos alheias, demonstrando claramente serem a melhor equipa em competição. Venceram os quatro encontros que disputaram, tendo agregado a menor vantagem pontual (2 golos) exactamente na derradeira jornada (ontem), perante os nossos «AA» e a maior (16 tentos) frente aos polacos, aproveitando bem a capacidade de Jovanovic, Tomic, Frankovic e seus pares.

A 2.ª posição no torneio foi para a formação soviética do Skif Krasnodar, uma equipa muito forte. Apenas baqueou face aos jogoslavos e, estamos em crer que se pudesse contar com os elementos que se encontram ao serviço da selecção do seu país, poderia lutar mais eficazmente pela vitória final. De qualquer forma, ainda apresentou atletas de valor execpcional, com destaque para Titov, Dimitri e Serguei.

Portugal A alcançou o 3.º posto, por força dos regulamentos, conseguindo apenas uma vitória no conjunto dos quatro encontros disputados, precisamente ante o seleccionado B. Teve a sua melhor prestação no duelo com os soviéticos, actuando igualmente em bom nível frente a jusgoslavos e «BB». Fica para esquecer a 2.ª metade do confronto com os polacos (vencíamos por 12-7 ao intervalo), onde a sobranceria e desconcentração deitaram tudo a perder. Para não repetir, se é que queremos ir a algum lado.

O 4.º lugar pertenceu à jovem formação da Polónia. Os polacos fizeram deslocar ao nosso país a formação de «esperanças» que deu boa conta do recado.

Recordemos os resultados da 1.ª jornada: Portugal A, 27 - Portugal B, 17 e Skif, 29 - Polónia, 22; 2.ª jornada: Polónia, 18 - Jugoslávia, 34 e Portugal A, 25 - Skif, 29; 3.ª jornada: Portugal B, 20 - Polónia, 19 e Skif, 14 - Jugoslávia 20; 4.ª jornada: Jugoslávia, 28 — Portugal B, 22 e Portugal A, 19 - Polónia, 20; 5.ª jornada: Portugal A, 24 - Jugoslávia, 27 e Portugal B, 22 - Skif, 32.

A classificação final ficou assim ordenada: 1.º Jugoslávia, 8 pontos; 2.º Skif Krasnodar, 6; 3.º Portugal A, 2; 4.º Polónia, 2 e 5.º Portugal B, 2. O desempate entre as três últimas equipas fez-se atendendo ao regulamento (diferença entre golos marcados e sofridos nos jogos entre elas).

**Jorge Marques**

# Voltou o luto ao Paris-Dakar

Uma vez mais a morte fica associada ao mais famoso rali do Mundo: o jornalista finlandês Kaj Salminen (37 anos), que estava escrevendo uma biografia do seu compatriota Ari Vatanen, foi vítima de uma colisão entre duas viaturas, quando atravessava a localidade de Markala, no Mali. Com este desaparecimento, passa para 27 (entre os quais seis jornalistas) o número de mortos durante as diferentes edições da famosa prova automobilística.

# AGENDA

## HOJE

### CONTINENTE

Regiões do Norte: - céu pouco nublado. Vento fraco e neblina ou nevoeiro matinal.

Regiões do Centro e Sul: - céu pouco nublado ou limpo e vento geralmente fraco do quadrante Leste.

Mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e ondulação de Sueste de 1 a 2 metros na Costa Sul.

### MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste moderado.

### AÇORES

Grupo Ocidental: - céu muito nublado. Vento Sudoeste moderado, por vezes forte. Períodos de chuva a partir da tarde.

Grupo Central: - céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sul. Períodos de chuva para o fim do dia.

Grupo Oriental: - céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado do quadrante Leste.

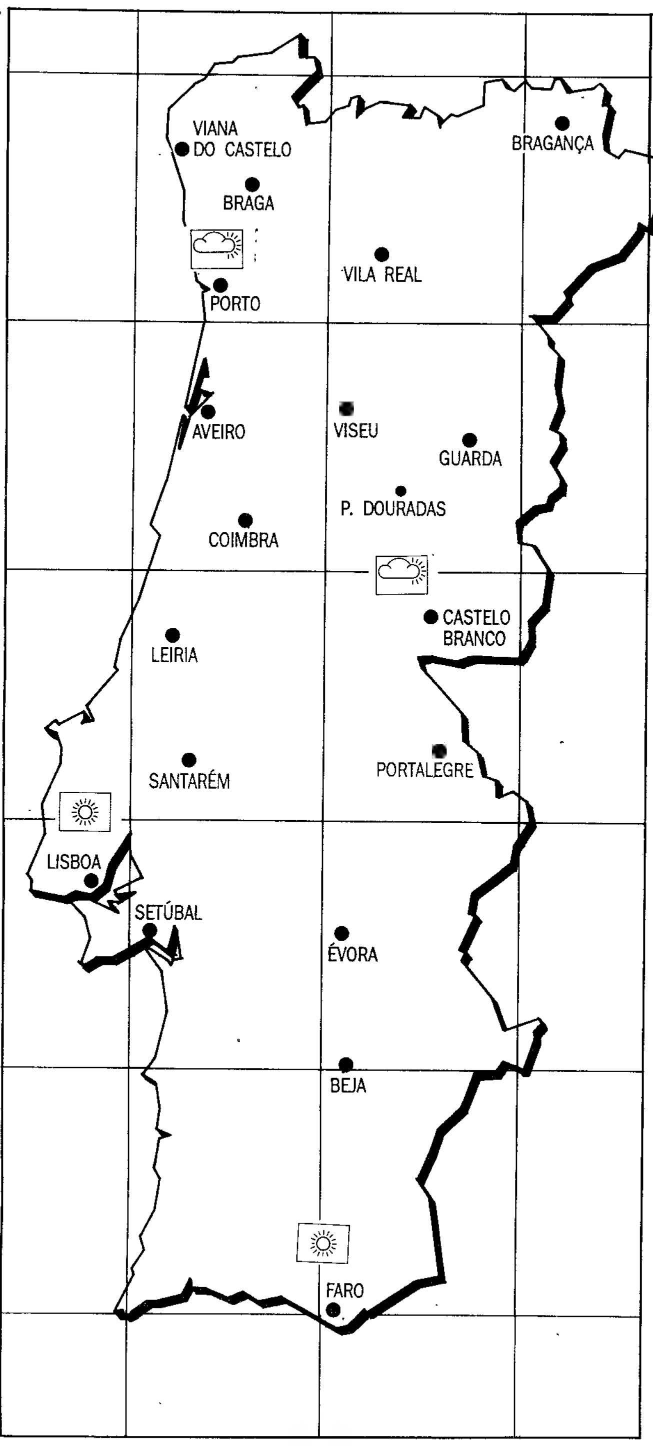
Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 2 metros.

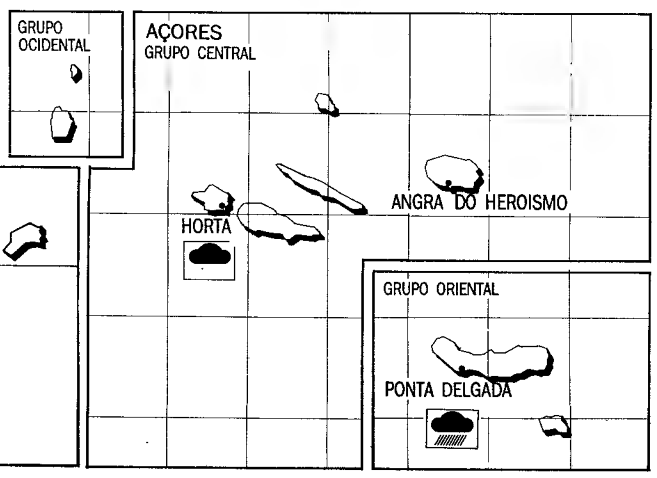
## AMANHÃ

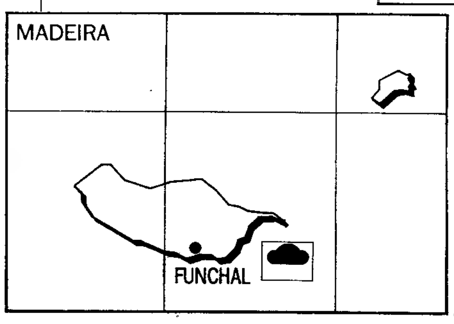
No Continente: céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando moderado de Leste no Algarve. Acentuado arrefecimento nocturno com formação de geada nos locais abrigados do interior.

**DEPOIS**

No continente: - céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando moderado de Leste no Algarve. Acentuado arrefecimento nocturno com formação de geada nos locais abrigados do interior.




## PORTUGAL

| | Min. | T. 6 h | Às 18 h. |
|---|---|---|---|
| Bragança.......... | 0 | 0 | Nevoeiro |
| V. Castelo......... | 3 | 3 | Nevoeiro |
| Vila Real.......... | -1 | -1 | Nevoeiro |
| Porto............... | 4 | 4 | Neblina |
| P. Douradas...... | - | - | - |
| Coimbra........... | 4 | 5 | P. nub. |
| C. Carvoeiro..... | 12 | 12 | Limpo |
| C. Branco......... | 5 | 5 | P. nub. |
| Portalegre......... | 6 | 7 | M. nub. |
| Lisboa.............. | 8 | 9 | P. nub. |
| Évora............... | 5 | 5 | P. nub. |
| Beja................. | 4 | 4 | P. nub. |
| Faro................. | 5 | 5 | Limpo |
| Sagres.............. | 7 | 10 | M. nub. |
| P. Delgada........ | 14 | 14 | Aguaceiros |
| Horta............... | 13 | 14 | M. nub. |
| Funchal............ | 14 | 15 | M. nub. |
| Sines................ | - | - | - |

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 14; Porto, 12; Faro, 17; P. Delgada, 16; Funchal, 20.

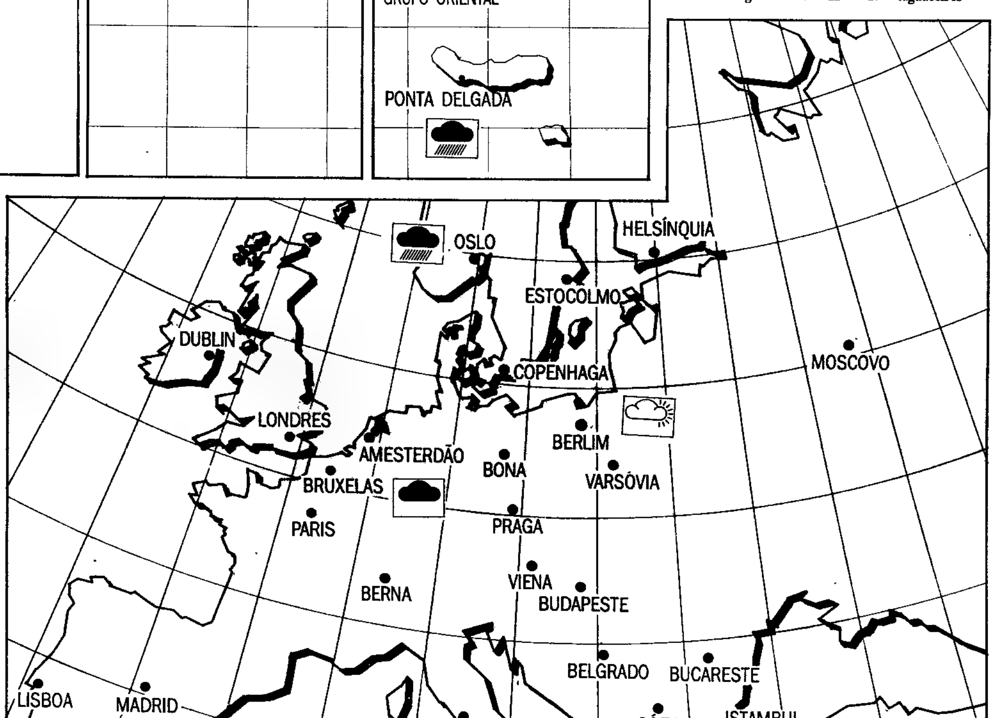
## EUROPA

| | Min. | T. 6 h | Às 18 h |
|---|---|---|---|
| Madrid............. | 0 | 0 | M. nub. |
| Londres............ | 6 | 9 | Chuva |
| Paris................ | 5 | 5 | Neblina |
| Bruxelas........... | 1 | 5 | M. nub. |
| Amesterdão....... | 5 | 7 | Neblina |
| Genebra........... | -2 | 0 | Nevoeiro |
| Roma............... | -1 | -1 | Neblina |
| Oslo................. | 5 | 5 | Chuva |
| Copenhaga........ | 2 | 2 | M. nub. |
| Estocolmo......... | -3 | -1 | M. nub. |
| Berlim.............. | 1 | 2 | Neblina |
| Viena............... | -4 | -4 | Neblina |
| Varsóvia........... | - | - | - |
| Atenas.............. | 4 | 6 | P. nub. |
| Moscovo........... | - | - | - |

## MUNDO

| | Min. | Máx. | Às 13 h |
|---|---|---|---|
| Chicago............ | -2 | 4 | M. nub. |
| Houston............ | 11 | 21 | M. nub. |
| Los Angeles....... | 9 | 18 | Limpo |
| Montreal........... | -14 | -5 | Neve |
| Nova Iorque...... | -1 | 6 | P. nub. |
| S. Francisco...... | 6 | 14 | Limpo |
| Toronto............ | -4 | 3 | Limpo |
| Vancover.......... | 4 | 9 | P. nub. |
| Washington....... | 0 | 11 | P. nub. |
| Hong Kong........ | 12 | 19 | Chuva |
| Melbourne........ | 15 | 25 | Chuva |
| Pequim............. | -9 | 1 | Limpo |
| Perth................ | 21 | 34 | Limpo |
| Singapura......... | 24 | 31 | Aguaceiros |
| Sydney............. | 20 | 26 | Aguaceiros |
| Tóquio............. | 1 | 9 | Limpo |
| Wellington........ | 12 | 17 | Aguaceiros |

- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado




## MARÉS

**Hoje**

| PREIA-MAR | | BAIXA-MAR | |
|---|---|---|---|
| 05.41 | 3,8m | 11.25 | 0,9m |
| 18.02 | 3,5m | 23.29 | 1,0m |

**Amanhã**

| | | | |
|---|---|---|---|
| 06.18 | 3,6m | -- -- | -- -- |
| 18.39 | 3,3m | 12.01 | 1,1m |

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofisica

## HÁ 20 ANOS

NO SUPLEMENTO LITERÁRIO: VERGÍLIO FERREIRA ESCREVE SOBRE JOSÉ RÉGIO

Diário de Lisboa

A MOSCA

MARCELLO CAETANO:

NOVO GOVERNO

A PRESENTE REMODELAÇÃO VISA «FACILITAR AS LIGAÇÕES ENTRE SERVIÇOS QUE TENHAM DE ACTUAR HARMONICAMENTE»

BIAFRA: AS CALSAS DA DERROTA

«ALBUM DE LISBOA»

COM A COLABORAÇÃO DA CIDLA a recepção de cadernetas vai fazer-se em todos os bairros

«República»

### Remodelação governamental

Perante natural expectativa do País, foi ontem à noite anunciada oficialmente a esperada recomposição ministerial, que o Presidente do Conselho, em declaração pública, explicaria como tendo por objectivo «adaptar a estrutura do Governo à situação presente, de modo a permitir uma acção cada vez mais pronta e eficaz, sem perda da reflexão e do estudo imprescindíveis e sem comprometimento da unidade de orientação indispensável.»

### Willy Brandt «não» à RDA

O chanceler Willy Brandt , com o seu discurso de ontem no Bundestag, parece ter deixado momentaneamente a oposição democrata-cristã sem munições para o atacar, ao mesmo tempo que respondeu com um «não» categórico à proposta da Alemanha Oriental (RDA) exigindo o reconhecimento diplomático internacional.

### «Pedras lunares»: vigarice

Foram postas à venda «pedras lunares», a um dólar por quilate, num anúncio publicado em inglês num jornal de Frankfürt. A surpreendente oferta despertou a atenção da Polícia, que entrou em contacto com as autoridades norte-americanas competentes. «Pura vigarice» - disseram as autoridades dos EUA.

## EFEMÉRIDES

**1911**

• Sai o primeiro número do jornal «República» fundado por António José de Almeida.

**1922**

• A Irlanda é constituída em Estado livre, sob a direcção de Michael Collins, vindo a tomar, em 1937, através de Plebiscito, o nome de Eire (República da Irlanda).

**1975**

• Tem início a cimeira de Alvor (Algarve) entre os três dirigentes dos movimentos de libertação angolanos - MPLA, FNLA e UNITA - e o presidente português, general Francisco da Costa Gomes.

**1981**

• Nos EUA, iniciam-se experiências com interferon sintético em doentes cancerosos.

**1985**

• O candidato da oposição, Tancredo Neves, é eleito primeiro presidente civil do Brasil em 21 anos, obtendo 480 votos no colégio eleitoral de 686 membros.

**1988**

• Morre o autor teatral César de Oliveira, 60 anos.

• Portugal e a República Popular da China trocam, em Pequim, os instrumentos de ratificação da declaração conjunta (13/4/87) dos governos dos dois países sobre a questão de Macau.

**1989**

• Jorge Sampaio, 49 anos, é eleito secretário-geral do Partido Socialista, durante os trabalhos do oitavo congresso do partido.

# AGENDA

## FARMÁCIAS

## LISBOA

### PERMANENTE

**Alto Pina:** Eusil, Rua Barão Sabrosa, 104, Tel. 8141912; **Alto Santo Amaro - Rio Seco:** Dilena, Rua Aliança Operária, 49, A-B, Tel. 3636620; **Alvalade:** Roma, Av. Roma, 85-B, Tel. 772466; **Ameixoeira - Lumiar:** Santos, Al. António Sérgio, 8-C - Urb. Quinta Santa Clara, Tel. 7598186; **Bairro Alto:** Labor, Rua Diário Notícias, 73-83, Tel. 323428; **Benfica - Igreja - Cemitério:** Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A, Tel. 703393; **Campolide:** Imparcial, Rua General Taborda, 28-30, Tel. 680931; **Chelas:** Banha, Estrada de Chelas, 173-175, Tel. 382241; **Estefânia:** Universal, Rua Actor Taborda, 5-7, Tel. 544158; **Marquês de Pombal:** Ribeiro & Castro, Rua Braancamp, 52-C, Tel. 543409; **Martim Moniz:** Tavares, Rua da Palma, 194, Tel. 863350; **Olivais Sul:** Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43, Tel. 310026; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal. 16-B, Tel. 4184913; **Moscavide:** Império, Rua 1 de Maio, 48-A, Tel. 2513234; **Odivelas:** Catela Tavares, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A, Tel. 9815446; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R-8, Tel. 4791328.

### REFORÇO

**Apeadeiro do Areeiro:** Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel. 890331; **Campo de Ourique:** Castro Fonseca, Rua 4 Infantaria, 28-A, Tel. 688857; **Campo Pequeno - Av. Roma:** Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A, Tel. 774920; **Carnide:** Guimarães Morais, Rua Neves Costa, 33-35, Tel. 7140081; **Encosta Restelo - Moinhos:** Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A, Tel. 611814; **Igreja de Arroios - Chile:** Oriental de Lisboa, Rua Alves Torgo, 2-B, Tel. 545079; **Pampulha - Janelas Verdes:** Nazário Pinto, Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; **São Sebastião:** Sá da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42, Tel. 554672; **Sapadores:** Branquinho, Rua dos Sapadores, 87-89, Tel. 8142725; **Sé:** Santa Luzia, Rua Saudade, 2-B, Tel. 869831; **Tivoli - Restauradores:** Galénica, Rua das Pretas, 12-14, Tel. 322588; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

## LINHA

## DE CASCAIS

**Algés:** Almeida Nifo, Av. Combatentes G. Guerra, 64, Tel. 2112070. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco, Tel. 2435147. Até às 22 h; **Oeiras:** Ribeiro, R. Dr. Flávio Resende, 9-A, Tel. 4466066. Permanente; **Parede:** Macau, R. José Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorma:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; Aragão. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Parque, Arcadas do Parque, 3, Tel. 260191. Até às 22 h; **Cascais:** Misericórdia, R. Regimento, 19, n.º 41, Tel. 280141. Permanente.

## LINHA

## DE SINTRA

**Amadora:** Campos, R. Elias Garcia, 185, Tel. 4930072. Permanente; Tavares Matos, Rua 8, Lote 308, Brandoa, Tel. 4743220. Permanente; Amadora, Praceta 25 de Abril, 3-A, Tel. 4935518. Até às 22 h; **Damaia:** Damaia, L. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Até às 22 h; **Queluz:** Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A, Tel. 4365849. Até às 22 h; Albergaria, L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42 - Queluz Baixo, Tel. 4356487. Permanente; **Cacém:** Araújo e Sá, Estrada de Paço de Arcos, Lote 1-B, Tel. 9240781. Permanente; **Mem Martins:** Química, Estrada de Mem Martins, 285, Tel. 9210012. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Cargaleiro Lourenço, Calçada da Rinchoa, 38 - Rinchoa, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088.

## OUTRA

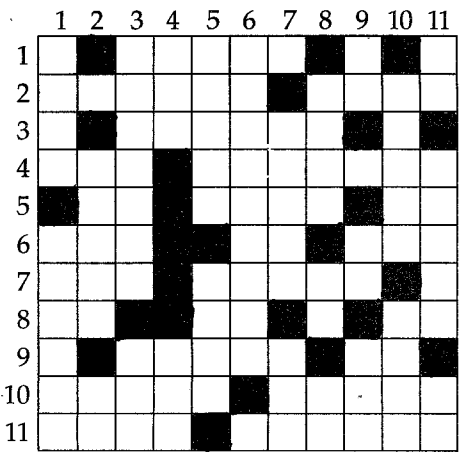
## BANDA

**Almada:** Cristo Rei, Av. Cristo Rei, 31-A, Tel. 2766498. Permanente; **Cova da Piedade:** J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62, Tel. 2750121. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31, I.S. Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. da República, 23,Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Moderna, R. Dr. António Elvas, 8-A, Tel. 2290305. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Barreiro:** Piçarra, Av. do Bocage, 65-A, Tel. 2074771. Permanente; **Baixa da Banheira:** Aliança, Estrada Nacional, 178-B, Tel. 2040302. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Estrada Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Amora:** Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314, Tel. 2212923. Permanente; **Seixal:** Seruca Lopes, Trav. da Paz, Casal do Marco, Tel. 2210369. Até às 19 h; **Montijo:** São Pedro, Av. Camões, 16, Tel. 2311133. Até às 22 h; **Moita:** Ass. Soc. Mútuas - União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga, Tel. 2390025. Até às 19 h; **Alhos Vedros:** Portugal, Av. Bela Rosa, 8, Tel. 2040250. Até às 19 h; **Alcochete:** Nunes, L. Cor. Ramos Costa, 10, Tel. 2340137. Até às 19 h; **Setúbal:** Nova do Sul, P. Bocage, 137, Tel. 22216. Permamente; Portugal, Rua Camilo Castelo Branco, 134, Tel. 23211. Permamente; Mira, P. Jorge Aj. Tel. 20427. Até às 22 h.

## MÉDICO DE URGÊNCIA

☎ 766171 766178 766179

## PALAVRAS CRUZADAS



**PROBLEMA N.º 17836**

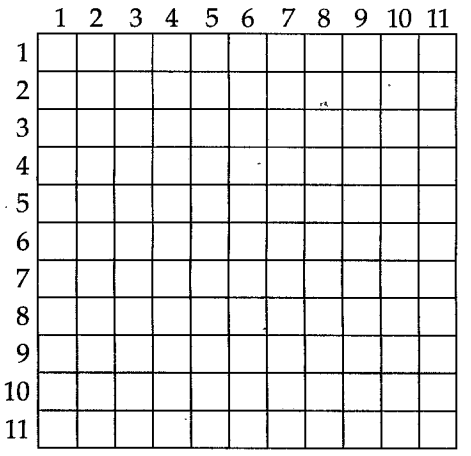
**HORIZONTAIS:**

1 - Artigo definido. Jumento. Conjunção. Artigo definido.
2 - Freguesia do concelho de Vila do Conde. Freguesia do concelho de Arcos de Valdevez.
3 - Sagaz (Bras).
4 - Monarca. Endireitar.
5 - Nota musical. Vais para fora. Lê.
6 - Ilha inglesa no mar da Irlanda. Medida japonesa igual a dois decilitros. Figura que simboliza o povo americano.
7 - Boi Selvagem. Conversão das almas (fig.).
8 - Pêlo de alguns animais. Prefixo de privação. Quantum satis.
9 - Estirada. Cobre (s.q.).
10 - Reúne em maço. Deusa dos rebanhos e dos pastores.
11 - Taramela. Árvore anonácea cujo fruto é a fruta-do-conde.

**VERTICAIS:**

1 - Vila e concelho do distrito de Aveiro. Esposa.
2 - Artigo definido. Prendera com elos. Pronome pessoal.
3 - Pequeno candeeiro de folha-de-flandres. Bigorna de ourives.
4 - Larva das feridas dos animais. Dá aviso de alguma coisa em voz alta.
5 - Róis. Coisa excelente.
6 - Conjunto de roupas (pl).
7 - Grupos de três. Cidade francesa do departamento de Vaucluse.
8 - Naipe das cartas de jogar. Pronome reflexo. Duas vogais desiguais.
9 - Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Catedral. Cento e cinquenta e um em romano.
10 - Engasta. Deseja.
11 - Preposição e artigo. Moves os remos. Apelido.

**Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.**



**PROBLEMA N.º 16646**

**HORIZONTAIS:**

1 - Caldeirada de sumo de cana de açúcar. Jesus Cristo (abrev.).
2 - Aldeia de índios do Brasil. Fisga.
3 - Emissão de voz. Encolerizar.
4 - Pessoa magra. Lê.
5 - Colina na Suécia. Tornes aquoso.
6 - Vila e concelho do distrito de Portalegre. Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas.
7 - O mesmo que uma (ant e pop). Acreditar.
8 - Burlão. Prefixo de negação.
9 - Remoinhos na água. Freguesia do concelho de Arouca.
10 - Sentis prazer. Seguias.
11 - Género de palmeiras do Brasil. Desvia de um lugar.

**VERTICAIS:**

1 - Uma das ilhas Comores. Arbusto africano, trepador.
2 - Era cristã. Atentou contra o pudor de.
3 - Afrouxai. Povo antropófago que atingiu o Gabão, e chegou até ao Congo.
4 - Perfumes. Voz para fazer recuar os bois jungidos.
5 - Nome de jogo. Nome antigo da nota musical dó. Clima.
6 - Quebrar.
7 - Ódio. Catedral.
8 - Enrolou.
9 - Utensílio doméstico. Título honorífico na Índia (inv.). Esteiro.
10 - Liga das meias.
11 - Cobalto (s.q.). O mesmo que sarnento.

**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17835**

HORIZONTAIS: 1 - DEUS. Escama. 2 - Actuam. Armas. 3 - Mi. Ia. Bi. Ia. 4 - Oc. Assoamos. 5 - Ais. Airar. 6 - Aar. É. 7 - Rapé. Sras. 8 - Limar. Arc. 9 - Ota. Éforo. 10 - Doroteia. Al. 11 - Era. Ossos. VERTICAIS: 1 - Damo. GRANDE. 2 - Ética. Or. 3 - UU. Implora. 4 - Saias. Eito. 5 - MAS. O. MATO. 6 - É. Sa.Na. És. 7 - Sabóia. Reis. 8 - Criaras. 9 - Am. Marrão. 10 - MAIOR. Arrã. 11 - Asas. Escola.

**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16645**

HORIZONTAIS: 1 - Ofélia. Jomo. 2 - Fatal. Calor. 3 - Amaria. Bari. 4 - Na. Ad. Marta. 5 - Ido. Ia. 6 - Oca. Real. 7 - Ova. Ross. 8 - Orais. Ar. 9 - Erdre. Palha. 10 - Cia. Cospe. 11 - Ea. Jor. Osga. VERTICAIS: Ofanto. O.E.C.C. 2 - Fama. Corria. 3 - Eta. Lavada. 4 - Lara. Air. 5 - Ilidir. Seco. 6 - Or. 7 - Moro. 8 - Jabá. Escapo. 9 - Olarias. Lês. 10 - Mortal, Ah! 11 - Oriá. Braga.

**PROVÉRBIO: DEUS É GRANDE, MAS O MATO É MAIOR.**

## RÁDIO

## ANTENA 1

**Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM Zona de Lisboa**

**15.00:** Contraste; **17.00:** Antena 1 - Regiões ; **17.15:** Porto d'Abrigo

**Onda Média e FM Estéreo**

**17.00:** Sete Mares; **19.00:** Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio.; **20.15:** Musical; **20.30:** A Voz de Roma ( a palavra do Papa em Língua Portuguesa); **20.45:** Musical; **21.00:** Música Portuguesa; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

## PROGRAMA 2

**Rede Nacional F.M. 2 - Estéreo**

**17.00:** Duetos de Verdi para tenor e baritono de Verdi e Charles Marie-Widor; **17.30:** O Timbre do Dia - A Flauta.; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Os 23 quartetos de cordas de Mozart; **19.34:** Álbum Musical - Obras de Franz Von Suppe, Tchaikovsky, Giuseppe Verdi, Richard Wagner, Joseph Haydn e Chopin; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Concerto da Noite com Leonard Bernstein; **22.43:** Um Divertimento de Mozart; **23.00:** Os Anos 80 - Nesta emissão, «Pleiades» de Xenaquis; **00.00:** O pianista Sviatoslav Richter, interpreta obras de Chopin e Moussorgsky; **00.52:** Um Octeto de Shubert; **02.00:** Madrugada. Noticiários de hora a hora.

## RÁDIO

## COMERCIAL

**Onda Média 283, 290 e 397 m**

**17.00:** Contactos; **19.00:** Peça que a Gente Passa; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Portugal e a CEE; **22.15:** Religiosos; **22.30:** Tempo de Desporto; **23.00:** 24.ª Hora; **01.00:** Fantástico.. Noticiários de hora a hora.

**RC-FM - Estéreo 97.4 MHz**

**16.00:** Rock em Stock; **18.00:** Círculo em FM; **19.00:** Ao Fim e ao Cabo; **20.00:** Pessoal e Transmissível; **00.00:** Morrison Hotel; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Serviço Nocturno. Noticiários de hora a hora.

## RÁDIO

## RENASCENÇA

**Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM**

**16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando. Noticiários de hora a hora.

## RFM

**RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo**

**16.00:** Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico. Noticiários de hora a hora.

**VOZ DE LISBOA**

**15.00:** Equipa da Tarde; **18.00:** Jornal da Tarde - Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite; **23.00:** Ligação ao Canal 1

**VOZ DO PORTO**

**16.00:** Pólo Norte; **18.00:** Jornal da Tarde - Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Grande Porto - Informação; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Palácio de Cristal; **22.30:** Bola Branca; **23.00:** Ligação ao Canal 1

# CINEMAS

## LISBOA

### ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
**ENTRE PRIMOS**
Filme de Joel Schumacher c/ Ted Danson e Isabella Rosselini.
Maiores de 12 anos
Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 2400 horas.

### ALFA 1
**CHUVA NEGRA**
Filme de Ridley Scott c/Michael Douglas e Andy Garcia.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

### ALFA 2
**REGRESSO AO FUTURO PARTE II**
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

### ALFA 3
**OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II**
Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

### ALFA 4
**COMO O CÉU SE ENGANOU**
Filme de Emile Ardolino c/ Cybill Shepperd e Robert Downey.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

### AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
**CHUVA NEGRA**
Com Michael Douglas e Andy Garcia
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.30, 15.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

### AMOREIRAS 2
**OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II**
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

### AMOREIRAS 3
**REGRESSO AO FUTURO PARTE II**
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas

### AMOREIRAS 4
**OS CAÇA FANTASMAS II**
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 horas.

### AMOREIRAS 5
**SEXO, MENTIRAS E VIDEO**
Filme de Steven Soderbergh c/ James Spader e Andie MacDowell
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 horas.

### AMOREIRAS 6
**ENTRE PRIMOS**
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

### AMOREIRAS 7
**PERIGOSA SEDUÇÃO**
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 E 00.15 horas.

### AMOREIRAS 8
**ABISMO**
Maiores de 12 anos.
Sessões ás 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas.

### AMOREIRAS 9
**A SOMBRA ASSASSINA**
Filme de Robert Kirk c/Anthony Perkins e Deborah Foreman
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 10.45, 21.45 e 00.15 horas.

### AMOREIRAS 10
**COMO O CÉU SE ENGANOU**
Maiores de 12 anos.
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

### APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
**REGRESSO AO FUTURO PARTE II**
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

### BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
**CHUVA NEGRA**
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18, 21.30

### CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
**JÓIA MORTAL**
De Nigel Dick
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

### CAPITÓLIO
Parque Mayer
**DO SEXO AO CRIME**
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

### CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
**A TURMA DO SEXO**
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.3, 16.45, 19, 21.30 e 23.30.

### CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
**ABISMO**
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
**RAMBO III**
Com Sylvester Stallone e Richard Crenne
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

### CINE PORTELA
**ESTÚDIO ANUSHA**
Telef. 9434762
**O VELHO GRINGO**
Com Jane Fonda e Gregory Peck
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

### CINE PORTELA
**ESTÚDIO SHEZA**
**SEXO, MENTIRAS E VIDEO**
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

### CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
**REGRESSO AO FUTURO PARTE II**
Maires de 12 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

### CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
**CHUVA NEGRA**
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

### ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
**OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II**
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

### ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
**TENNESSEE BUCK E OS SALTEADORES DA TRIBO**
Com David Keith e Kathy Shower
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

### FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
**REGRESSO AO FUTURO PARTE II**
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

### FONTE NOVA 2
**OS CAÇA FANTASMAS II**
Filme de Ivan Reitman
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

### FONTE NOVA 3
**OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II**
Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15.

### FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
**AUDITÓRIO 1**
**RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA**
Filme de qualidade de João César Monteiro.
Maipres de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22 horas.

### FORUM PICOAS
**AUDITÓRIO 2**
**A BELA DE DIA**
Filme de qualidade de Luis Buñuel com Catherine Deneuve e Jean Sorel.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 19.00, 20.00 e 22.00 horas.

### IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
**CHUVA NEGRA**
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

### KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
**EM BUSCA DO MARFIM MÁGICO**
De Anthony Richmond
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

### KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
**OS CAÇA FANTASMAS II**
Filme de Ivan Reitman com Bill Marray e Dan Aykroid.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

### KING TRIPLEX 2
**COMO O CÉU SE ENGANOU**
De Emile Ardolino
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

### KING TRIPLEX 3
**KINJITE - JUSTIÇA Á MARGEM DA LEI**
Com Charles Bronson
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

### LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
**ENTRE PRIMOS**
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

### LAS VEGAS 2
**CHUVA NEGRA**
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

### LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
**REGRESSO AO FUTURO PARTE II**
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

### MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
**CHUVA NEGRA**
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

### MUNDIAL 2
**OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II**
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

### MUNDIAL 3
**ENTRE PRIMOS**
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

### NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
**TAP-A DANÇA DE DUAS VIDAS**
Filme de Dick Castle
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

### ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
**BRAÇO DE VINGANÇA**
Maiores de 18 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19 e 21.30 horas.

### OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
**FLORESTA DO PRAZER**
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

### PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
**CHUVA NEGRA**
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

### PLAZA 2
**OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II**
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

### POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
**A CIDADE DO FIM DO MUNDO**
Filme de Peter Yuval c/Demis Cole e Greg Cummins
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

### QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
**SEXO, MENTIRAS E VIDEO**
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

### QUARTETO 2
**TAP - A DANÇA DE DUAS VIDAS**
Filme de Nick Castle.
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00 e 24 .00 horas.

### QUARTETO 3
**REGRESSO A VIENA**
Filme de Alex Corti
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 17.15, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

### QUARTETO 4
**SKINDEEP - O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA**
De Blake Edwards.
Maiores de 12 anos.
Às 14.30, 16.30, 18.15, 20, 22 e 24 horas.

### SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
**CHUVA NEGRA**
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

### SÃO JORGE 2
**REGRESSO AO FUTUTO II**
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas.

### SÃO JORGE 3
**OS DEUSE DEVEM ESTAR LOUCOS II**
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

# CARTAZ

**Regresso a Viena** PUB

**Em exibição na sala 3 Quarteto** Filme de qualidade M/12 anos

**7ª ARTE**
Av. da República
Telef. 730715
**OS CAÇA FANTASMAS II**
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30 horas

**STAR**
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
**CHUVA NEGRA**
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30.

**TERMINAL**
Estação do Rossio
Telef. 371573
**JUSTIÇA À MARGEM DA LEI**
De J. Lee Thopson
Maiores de 16 anos.
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30

**TURIM**
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
**MORTO A TIRO**
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

**XENON**
Av. da Liberdade,9
Telef. 368446
**O VELHO GRINGO**
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas
**A NOITE DE ESPANTO Nº2**
Maiores de 18 anos. Às 23.30 horas.

## SINTRA

**AMADORA BABILÓNIA**
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
**CHUVA NEGRA**
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

**CACÉM- ESTÚDIO FLORES**
Telef. 9247570
**ASELHAS AO VOLANTE**
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas

**QUELUZ - KING D. PEDRO III**
Telef. 4364845
**SALA 1**
**OS CAÇA FANTASMAS II**
Mairoes de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas
**SALA 2**
**ONZE DIAS E ONZE NOITES**
Com Jessica Moore
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15 e 16.45 horas.
**SALA 3**
**CYBORG**
De Albert Pynun
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17, 19.30 e 21.45 horas

## CASCAIS

**OEIRAS ALTO DA BARRA 1**
Telef. 4439759
**REGRESSO AO FUTRO II**
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

**ALTO DA BARRA 2**
**GOLPE DE VINGANÇA**
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

**NOVA OEIRAS - CINE PALMEIRAS 1**
Telef. 2479144
**REGRESSO AO FUTURO II**
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas

**CINE PALMEIRAS 2**
**CHUVA NEGRA**
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

**CARCAVELOS - ATLÂNTIDA CINE**
Telef. 2465653
**REGRESSO AO FUTURO II**
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

**CASCAIS - MIRAMAR 1**
Telef. 2841744
**CHUVA NEGRA**
Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

**M IRAMAR 2**
**O REGRESSO AO FUTURO II**
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

**ALMADA**

## ALMADA

**ACADEMIA ALMADENSE**
Telef. 2752127
**OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II**
Maiores de 12 anos.
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

**COSTA DA CAPARICA**
**CINEMA PESCADOR**
Telf. 2905350
**JUSTIÇA À MARGEM DA LEI**
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 21.45

# EXPOSIÇÕES

## LISBOA

**MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA** (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.

**MUSEU NACIONAL DO TEATRO**: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.

**MUSEU NACIONAL DO TRAJE**: até Abril de 1990, "Tramas e Sortilégios" de Teresa Segurado Pavão;

**PALÁCIO NACIONAL DOS COCHES**: até 17 de Janeiro, a exposição "Falcoaria Real".

**BIBLIOTECA NACIONAL**: a exposição "Portugal no Século XVIII: de D. João V à Revolução Francesa

**PALÁCIO FOZ**: até 15 de Janeiro, a exposição «Desporto é Vida» integrada na VII Quinzena Cultural Bancária, organizada pelo Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas com a colaboração da Direcção-Geral da Comunicação Social.

**PALÁCIO GALVEIAS** (Campo Pequeno): integrada nas comemorações do 125º aniversário do Diário de Notícias, uma exposição subordinada ao tema "A Vida dos Imagens", reunindo um importante conjunto de documentos fotográficos recuperados nos arquivos do "DN".

**GULBENKIAN** (Galerias das Exposições Temporárias): até 5 de Fevereiro, "Três Séculos de Gravura Cubana", uma exposição constituída por obras da Colecção do Museu Nacional Cubano de Havana, representada por 110 obras dos principais artistas cubanos dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX.

**ALFAMA-GALERIA DE ARTE** (R. das Flores, 109): Pintura e Escultura Espanhola Contemporânea.

**BAR IMPREVISTO** (Tv. da Laranjeira, 35): até 21 de Janeiro, Pintura de Wanda Campos.

**CASA DO ALENTEJO**: até 28 de Janeiro, diariamente das 10 às 22 horas, Pintura de A. M. Parioja e Rojão.

**CLUBE CINQUENTA** (R. de S. Mamede ao Caldas, 9-1º): até 7 de Fevereiro, de terça a sexta das 17 às 20 e sábados das 15 às 20, Pintura de Albertina de Sousa.

**ESPAÇO INTERNI** (R. Rodrigo da Fonseca, 51): a primeira exposição individual, em Portugal, do pintor naïf brasileiro Jorge Viriato.

**GALERIA EMI-VALENTIM DE CARVALHO** (R. da Cruz dos Poiais, 111): até 31 de Janeiro, de segunda a sexta das 11 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19, uma exposição de escultura e desenho de José Barrias intitulada "Vestígios".

**GALERIA ARTELA** (R. Prof. João Barreira, loja 15-Telheiras): até 14 de Janeiro, "Ideias Soltas", pintura de Rui de Azevedo.

**GALERIA JOÃO HOGAN** (R. Voz do Operário, 13): até 27 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 ás 20 e sábados das 15 às 19, Pintura de Ormond Fannon.

**GALERIA BARATA** (Av. de Roma, 11A): Fotografia de Antón io José Alegria.

**GALERIA CÓMICOS** (R. Tenente Raul Cascais, 1 B): até 17 de Fevereiro, de segunda a sábado das 14,30 às 19,30, Pintura de Gerhard Merz.

**GALERIA DIFERENÇA** (R. S. Filipe Nery, 42): até 28 de Janeiro, Fotografia de Mafalda Reis Moore (Branca de Neve) e de Eduardo Nery (Lugares).

**GALERIA FONTE NOVA** (Estrada de Benfica, 503): até 26 de Janeiro, uma colectiva de Pintura com a participação de Carlos Neto, Fernanda Freitas, Fernando Lory e Urbano Resendes.

# CARTAZ

**"Cabeças de Estrela" de Hugo Ferrão, até ao fim do mês em Sintra, n' "Outro Lado do Espelho"**

«Elenco de Ouro». «O duelo Isabel de Castro, Fernanda Alves é algo de inesquecível, os jovens M.ª José Pascoal e José Walenstein não deixam os seus créditos por mãos alheias, Ruy Furtado é só por si um espectáculo» — **Diário de Notícias**
«Um festival de interpretações e uma das melhores encenações de Carlos Fernando» — **A Capital**

*3.ª a Sáb. às 21.30h. Domingos às 16.00h.* — *Marcações pelo Telef.: 32 00 00 SUB. SEC*

PATROCÍNIO Círculo de Leitores

APOIOS: Lanalgo, Louis Vuitton, Paris em Lisboa, Pinhol, Pollux, Antena 1, Rádio Comercial, Rádio Minuto, Diário Lisboa, JL, Vitor Hugo, Voz do Operário, Ytong Ibérica.

# CARTAZ

Fernando Lory e Urbano Resendes.

**GALERIA 111** (Campo Grande, 113): até 12 de Janeiro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19 e sábados das 10 às 13, Pintura de Eduardo Batarda.

**GALERIA RESTAURAÇÃO** (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): até 13 de Janeiro, de segunda a sábado das 9,30 às 13 e das 15 às 19, colectiva de Pintura com obras de Alfredo Luz, Artur Bual, Cruzeiro Seixas, FernandoAnçã, Helena San-Payo, Ribeiro Farinha, Rogério Amaral e Silva Palmeira.

**GALERIA TRIÂNGULO 48** (Av. D. Vasco da Gama, 48.A): até 2 de Fevereiro, exposição de homenagem a Tomás Mateus, com venda de algumas das suas obras.

**GALERIA EUROARTE** (R. Rodrigo da Fonseca, 107-C): até 22 de Janeiro, de segunda a sexta das 10,30 às 13 e das 15,30 às 19-sábados das 10,30 às 13 e das 16 às 19 horas, Pintura de Margarida Vigoço.

**GALERIA ESPIRAL** (Pª Ilha do faial, 14-A): Pintura de Luísa Costa Cabral.

**GALERIA MULTIFACE** (C. Comercial Gemini, loja 65-R. Sousa Lopes): até 15 de Janeiro, Pintura de Bual.

**GALERIA NÁRTICE** (R. Augusto Rosa, 18): até 18 de Janeiro, Pintura de Inácio Matsinhe.

**GALERIA NOVO SÉCULO** (R. do Século, 23): até 20 de Janeiro, de terça a sábado das 14 às 20, «Arremessos», Pintura-Video-Instalação de Miguel Telles da Gama e Paulo Cancela d'Abreu.

**HOTEL ALFA LISBOA** (Av. Columbano Bordalo Pinheiro): até 15 de Janeiro, de segunda a sábado das 16 às 20,30, Pintura de Sérgio Ribeiro.

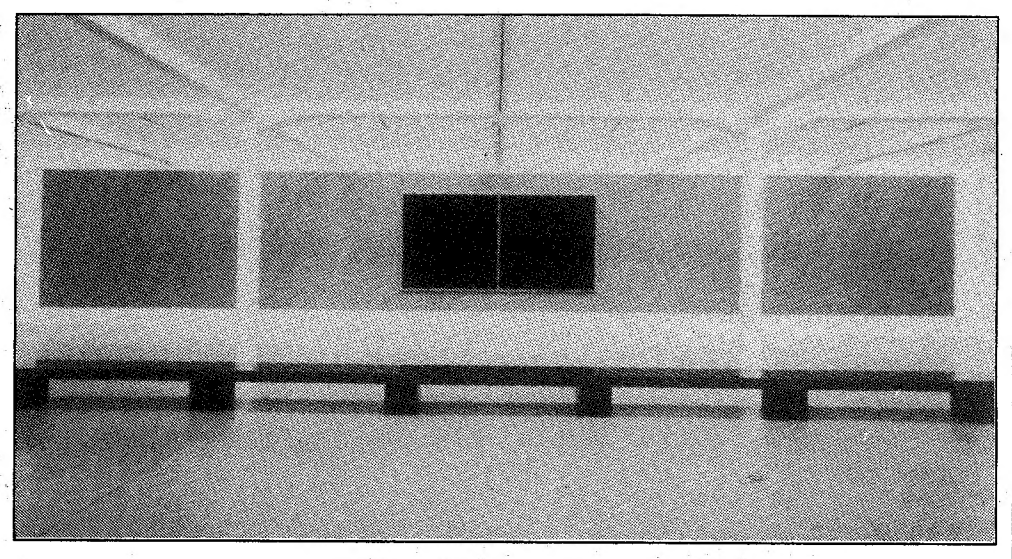
**HOTEL MERIDIEN LISBOA** (R. Castilho, 149): até 22 de Janeiro, diariamente das 9 às 23,30, a exposição de Pintura e Escultura do «GAP - Grupo de Artistas Portugueses».

**AAPACO** (Ex-Atelier 15-R. Freitas Gazul, 24D): a "Colectiva Fim de Ano", de terça a sexta das 18 às 21, sábados das 15 às 19 horas.

**ALFA MIXTA-ESPAÇO D'ARTE** (R. Escolas Gerais, 34): até 13 de Janeiro, Pintura de José Mouga.

**LOJA DA ATALAIA** (R. da Atalaia, 63): até 18 de Janeiro, os "Encontros de Fotografia de Coimbra" apresentam em Lisboa uma exposição com trabalhos de Joel Peter Witkin.

**RATTON-CERÂMICAS** (R. Academia das Ciências, 2-C): Exposição



**Pintura de Gerhard Merz na Galeria Cómicos, até 17 de Fevereiro**

de obras de Graça Morais, Jorge Martins, Luisa Correia Pereira, Mafalda Reis Moore e Júlio Pomar.

**GALERIA PRÍNCIPE REAL** (Pª Príncipe Real, 32 r/C): até 13 de Janeiro, «Paisagens» de Olivero Masi.

**GALERIA MOIRA** (R. Nova da Piedade, 33): até 19 de Janeiro, de segunda a sexta das 14 às 19,30 (excepto feriados), escultura em grés de Jorge Mealha.

**GALERIA DE SÃO BENTO** (R. do Machadinho, 1 - ao Quelhas): até 16 de Janeiro, uma colectiva de Pintura e Escultura.

**SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES** (R. Barata Salgueiro, 36): a exposição "Salão Convívio" com obras de artistas sócios da SNBA.

**GALERIA S. MAMEDE** (R. da Escola Politécnica, 167): até 24 de Janeiro, Pintura e Escultura de Francisco Simões.

**GALERIA GRAÇA FONSECA** (R. da Emenda, 26 c/v): de terça a sábado das 15 às 20, Pintura de Graça Pereira Coutinho.

**GALERIA DIVERSA** (R. dos Sapadores-à Graça- nº 85): até 13 de Janeiro, pintura de Glória Elena e escultura de Silvia Westphalen

**LIVRARIA BARATA** (Av. de Roma, 11-A): a exposição "Suportes e Contentores" de Cristina Ataíde.

**POLIGRUPO/RENASCENÇA** (R. Ivens, 14): a exposição "O Algarve e os Descobrimentos" da autoria de Maria Carolina Alho.

**SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES** (R. Barata Salgueiro, 36): até 31 de Janeiro, a exposição de Pintura "Sete Pecados Capitais", produção de Graça passos com trabalhos de Gonçalo Ruivo, Helena Pinto, Jaime Lebre, João Queiroz, Jorge Varanda, José António Cardoso e Miguel Branco. Na Galeria de Arte Moderna, também até ao final de Janeiro, Fotografia de Sérgio Eloy.

**SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES** (Av. Duque de Loulé, 31): até 26 de Janeiro, "Linhas do Desejo", fotografias de Guilherme Silva.

## ARREDORES

**GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA**: até 28 de Janeiro, a exposição «Francisco Valença - a Vida e a Obra»

**RECREIOS DA AMADORA**: até 21 de Janeiro, das 15 às 23, a "Exposição de Arte da Quirguizia - URSS".

**GALERIA JF DE CASCAIS**: até 31 de Janeiro, desenhos de Hector Ramsay.

**CASA MUSEU DE VERDADES FARIA** (Av. Saboia-Monte Estoril): "Um Olhar sobre Cascais através do seu património", uma iniciativa da Câmara Municipal e da Associação Cultural de Cascais.

**GALERIA DO CASINO ESTORIL** (Espaço 2): até 17 de Janeiro,, todos os dias das 15 às 24 horas, uma exposição de fotografias intitulada "Série Quadrada", de Pedro Mónica.

**GALERIA O PATAMAR** (R. da Ferraria, 13-Sintra): até 12 de Janeiro, pintura e escultura de Hélio Xavier, João Mário, Maria Fernanda Amado, Vítor Vieira e Tina Passos.

**HOTEL TIVOLI SINTRA**: até 12 de Janeiro, uma colectiva com óleos de Artur Bual, Cohen Fusé e Pinheiro de Santa Maria e aguarelas de Paulo Ossião.

**O OUTRO LADO DO ESPELHO** (R. Dr. Alfredo Costa, 14 - Sintra): até 31 de Janeiro, Pintura de Hugo Ferrão "Cabeças de Estrela".

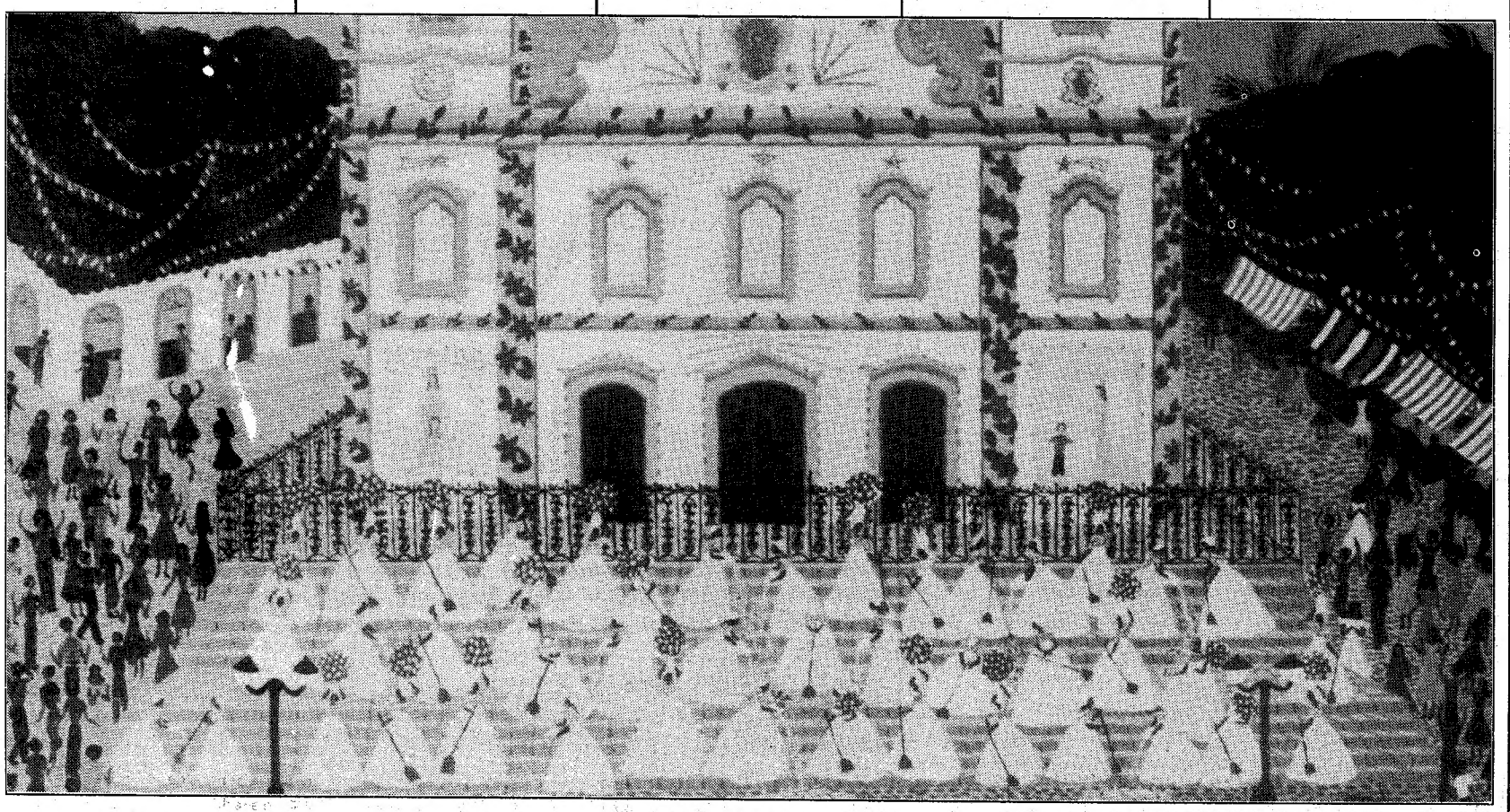
**PALÁCIO NACIONAL DE QUELUZ**: até Junho de 1990, com entrada livre, em exposição uma colecção de Pintura Portuguesa de 1842 a 1979.

**ATELIER EC** (Várzea de Colares): até 21 de Janeiro, exposição colectiva de pintura e escultura, comemorativa do 2º aniversário.

**GALERIA DE SANT 'IAGO** (Centro M. Bica, loja 63 - Almada): Pintura de Maria José Camões.

**BIBLIOTECA MUNICIPAL DO BARREIRO**: até 15 de Janeiro, uma exposição sobre "O Distrito de setúbal e a Leitura Pública".

**SETÚBAL** (Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito): a exposição "Produção de Azulejos Artesanais da Região de Setúbal".



**No Espaço Interni: "Lavagem da Escadaria da Igreja de Nosso Senhor do Bom Fim" -uma tradição da Bahia pelo pintor naif Jorge Viriato**

## SNOOPY POR SCHULZ

# CARTAZ/TELEVISÃO

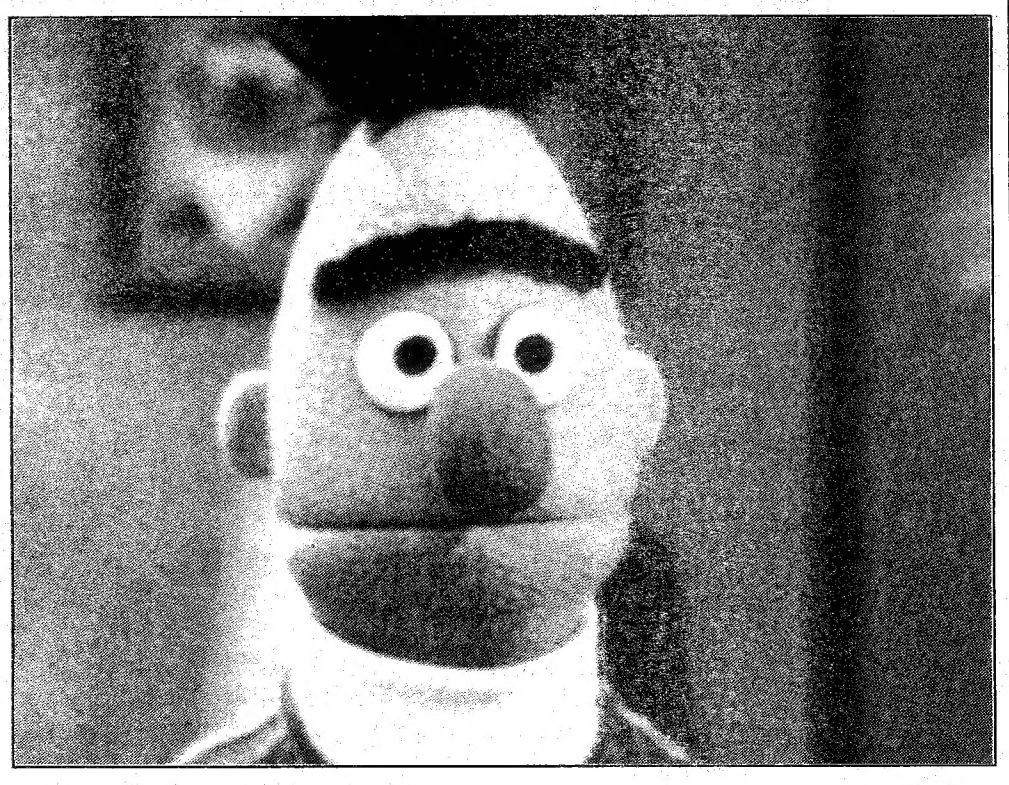
## HOJE

### RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
"Virgul" abre a emissão com mais uma das suas tropelias, após o que teremos mais episódios de "Decimal, a Baleia", "O Urso Bolke" e as cómicas aventuras de "Os Amigos de Ovide", habitantes de uma ilha paradisíaca, cuja única ligação com o mundo exterior é a televisão. A acção e movimento surgem de "capa e espada", em "Os Três Mosqueteiros".
18.25- RUA SÉSAMO
51º episódio: neste programa dedicado aos mais pequenos, começará por se falar do uso do telefone, através de uma história do João Esquecido. As normas sociais e "Um dia na vida de um menino na Guiné" completam a emissão.
18.55 - JOGO DE CARTAS
Concurso - 68ª sessão
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15- DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.20 - VALE TUDO
27º episódio
21.10 - CLUBE DOS SUBSCRITORES
13º programa
21.35 - OS OPPERMANN
2ª parte: o indivíduo ao qual os Oppermann confiaram a defesa dos interesses da sua firma revela-se um nazi, que não tarda a assumir o controlo do negócio da família. O Dr. Oppermann mostra-se incapaz de responder aos ataques contra o seu bom nome. O jovem suicida-se e o Dr. Gustav Oppermann, o cientista, foge do país.
23.35 - 24 HORAS
00.05 - REMATE

### RTP-2

16.55 - OS CINCO



**"Rua Sésamo" às 18.25 no 1º Canal: um momento diariamente dedicado aos mais pequenos**

**Hanna Schigulla protagoniza amanhã em "Cinemadois", no 2º Canal às 21.30, "O Casamento de Maria Braun", de Fassbinder**

18º episódio: Quentin Kirrin e a mulher encontram-se de quarentena por causa da escarlatina e os cinco foram passar umas férias na casa do professor hayling e do seu filho Tinker. Na segunda parte deste episódio, as crianças tentam descobrir os culpados do desaparecimento de alguns importantes documentos secretos do gabinete do professor. A culpa será dos elementos de um circo instalado nas proximidades?
17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18º episódio: começam os preparativos para a festa de fim de ano e Eugénia comenta com a professora que está disposta a fazer tudo para desmanchar o noivado de Caetano. Zezé e Luizinho preparam um fantasma feito com abóbora para assustar as pessoas, de noite. Cecília acaba por desmaiar ao vê-lo e Paulo ameaça Zezé com uma tareia.
18.45 - SIDA - UM INIMIGO ENTRE NÓS
19.30 - CLÁSSICOS DA TV
«O Homem da Carabina» e "O Homem Invisível"
20.25 - CANTANDO ESPALHAREI
1º episódio: Jacinto Ramos é autor e intérprete deste programa, gravado em vários pontos do país sob a direcção de Lauro António. Trata-se de uma série de três emissões, inteiramante dedicados à poesia e aos poetas portugueses. Poemas ditos por Jacinto ramos, musicados por César Batalha e interpretados pelos Coros de santo Amaro de Oeiras e do Banco de Portugal.
20.45 - OBRAS PRIMAS DA PINTURA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - BAILADO
"1789... e Nós": uma coreografia de Maurice Béjart em homenagem ao bicentenário da Revolução Francesa, interpretada pelo Béjart Ballet Lausanne. Inclui um tema original de Hugues Le Bars, para além das 1ª, 7ª, 8ª e 9ª Sinfonias de Beethoven.

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS

## AMANHÃ

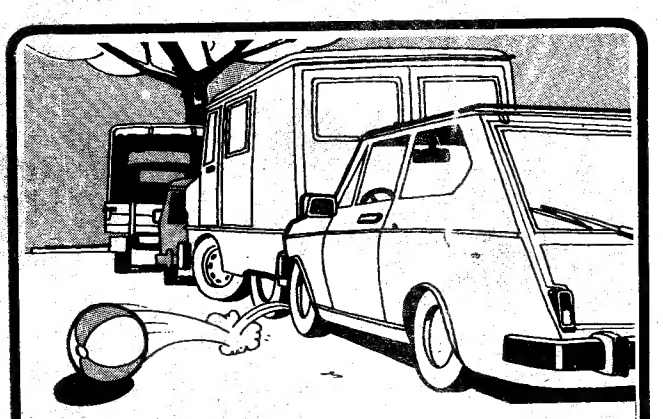
### RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.55 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.15 - BOLETIM AGRÁRIO
20.20 - VALE TUDO
21.10 - PRIMEIRA PÁGINA
22.20 - CRÓNICA DO CRIME
23.15 - 24 HORAS
23.45 - REMATE

### RTP-2

15.25 - AGORA, ESCOLHA!
16.55 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.50 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.40 - MUSIC BOX
19.30 - CLÁSSICOS DA TV
20.25 - CINE MAGAZINE
20.50 - OBRAS PRIMAS DA PINTURA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMADOIS
"O Casamento de Maria Braun", de Rainer Werner Fassbinder, com Hanna Schygulla

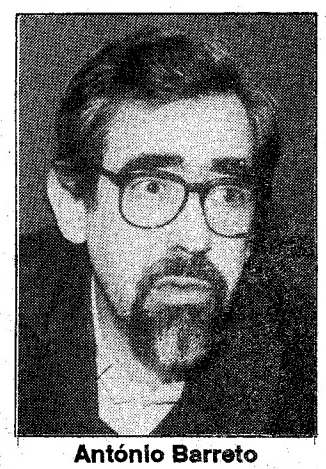
BLAUPUNKT
Seleccionou para si...
RTP 1 OS OPPERMANN
RTP 2 SIDA - UM INIMIGO ENTRE NÓS
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença



*«Foi fácil tirarem o homem de Boliqueime, mas não conseguem tirar Boliqueime do homem.»*

**Nuno Brederode Santos, «Expresso», 13.01.90**

## A PERGUNTA DO DIA



**António Barreto**
**deputado PS**

**Porque é que o Partido Socialista é de opinião que a actual prova geral de acesso ao ensino superior deve ser substituída?**

«A prova geral de acesso é injusta:beneficia quem tem melhores condições de acesso à Cultura e penaliza quem trabalha mais.

É arbitrária: há casos documentados de provas que desceram, da primeira para a segunda avaliação, de 90 para 50 por cento.

É um paliativo: substitui-se ao mérito, ao ensino secundário com mais qualidade.

É inútil: não melhora a orientação profissional, não eleva a Cultura geral dos estudantes, nem recompensa o esforço.

É discriminatória: favorece os estudantes das humanísticas e prejudica os das ciências.

Não promove nem orienta, antes selecciona e exclui; assim como desresponsabiliza o sistema educativo e culpabiliza os estudantes.

Em alternativa, o acesso ao ensino superior deveria depender, em acumulação, de provas globais finais do secundário; de uma avaliação curricular ou mesmo de entrevistas nas escolas superiores; e eventualmente de provas específicas nas universidades.»

## APLAUSOS A...

**Amália Rodrigues,** pelos 50 anos de fados e canções que tem dado à identidade portuguesa. É talvez das poucas unanimidades nacionais que se mantém. A sua voz correu o Mundo sem necessitar dos holofotes de Hollywood que até chegaram a pretender iluminá-la. Comemorou agora meio século de carreira e deu um espectáculo de antologia. Recebeu a mais alta condecoração portuguesa e uma vez mais confessou-se insegura, como se fosse a primeira vez que pisasse o palco. Parabéns!

**Alberto Seixas Santos,** realizador de Cinema, pela excelente programação que imprimiu à RTP no campo da sétima arte. Sob o seu olhar pudemos ver e rever importantes obras da cinematografia contemporânea, quase sempre arredadas da televisão portuguesa. Aliás, as sessões de Cinema tornaram-se mesmo os momentos de melhor qualidade da programação da RTP. Seixas Santos é agora substituido por José Vaz Pereira e João Lopes, dois conhecidos críticos cinematográficos. Que as fitas continuem à altura!...

## & PATEADAS A...

**Couto dos Santos,** ministro adjunto e da Juventude, pela irresponsabilidade demonstrada, quando afirma que «não podia andar armado em polícia, a fiscalizar todos os projectos de Ocupação dos Tempos Jovens». Em entrevista ao semanário «Tal & Qual», Couto dos Santos reconhece que o próprio Governo tem praticado irregularidades na utilização dos dinheiros do Fundo Social Europeu ao ter ao seu serviço jovens do OTJ, pagos em 50 por cento com aquelas verbas, quando isso não era permitido. Mas ele não é polícia, nem o Governo pelos vistos...

**Sousa Cintra e a Aguiar de Matos,** o presidente e o ex-vice-presidente do Sporting, pelas cenas pouco elegantes que protagonizaram na passada quinta-feira. Já foram amigos e como tal chegaram à direcção do clube leonino. Um dia zangaram-se e de então para cá parecem dois leões rancorosos. As vitórias de um desagradam ao outro e nem a conquista pelo Sporting do Torneio Cidade de Lisboa os acalmou. Foi assim que o uísque extravazou o copo de Aguiar de Matos para voar para a cara de Sousa Cintra. Resta saber se o facto se deveu à interferência de algum resquício de água das pedras na bebida escocesa...

## VAI ACONTECER

**Corrupção em debate**
Nos dias 26 e 27 de Janeiro a Alta Autoridade contra a Corrupção vai promover umas «Jornadas sobre o fenómeno da Corrupção». Sociedade e corrupção, a justiça e a corrupção e as estratégias de prevenção deste fenómeno são alguns dos temas em análise. Participam juristas, economistas e jornalistas.

**Música na Gulbenkian**
Amanhã, o Coro Gulbenkian vai interpretar obras de Scarlatti e António de Almeida. É às 21 e 30, na Igreja do Loreto, em Lisboa. O Coro é dirigido por Jorge Matta. Quarta-feira é a vez do pianista Sequeira Costa tocar obras de Schumann no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian.

**O colóquio da utopia**
De quinta-feira até ao próximo domingo a «Utopia: mitos e formas» vão estar em debate num colóquio que o Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte - ACARTE organiza no Centro de Arte Moderna, em Lisboa. São mais de três dezenas os participantes, entre os quais se contam José de Pina Martins, José Esteves Pereira, Oliveira Marques e Leonor Buescu. No âmbito do colóquio realizam-se diversos concertos. Gabriela Canavilhas, Mário Laginha, Carlos Paredes, Luísa Amaro e a Orquestra «La Folia» são os músicos convidados.

*Terça-feira no*

Diário de Lisboa

*A crónica de Umberto Eco*

*Um artigo de Luís Sttau Monteiro*

*O auto-retrato de Urbano Tavares Rodrigues*

*O cartoon de José Bandeira*

## meteorologia

# Marx de longe

Subia descansadamente o Chiado vazio, já de noite. Fazia horas para o início do espectáculo do Trindade. Se fosse dia, talvez eu não demorasse tão pormenorizadamente diante da montra do livreiro: mas se tivesse visto o título do livro, com certeza que entrava.

Mas a essa hora não podia comprar nem folhear o volume exposto: tratava-se de *Ler Althusser, Leitor de Marx*, de Gisela da Conceição. A minha curiosidade era dupla: objectiva, a de ler um comentário português a Althusser; e outra, mais minha, a de verificar se a autora, no eventual prefácio, ou nota explica o que me intriga há muito, a razão por que lemos muito mais os estudos e ensaios sobre as fontes, do que as próprias fontes. Aposto que em França, Althusser, ao ler Marx, teve mais leitores do que Marx.

Aliás, conhecem alguém que, jurado, tenha lido integralmente *O Capital*? Não digo que não haja ninguém, mas geralmente somos muito mais entendidos em marxismo do que no seu progenitor. Já há algumas dezenas de anos, um conhecido meu se ria desta não-leitura de Marx, que é, apesar de todas as conjunturas, um dos mais significativos filósofos do século XIX. Dizia que, de certeza certezinha, era ele o único leitor de Marx da urbe – dos outros sempre se pode ter dúvidas. Explico que, durante três anos, traduzia *O Capital* com apoio de todos os modernos instrumentos de pesquisa. De resto, a acompanhar essa sua moderna tradução de *O Capital*, publicou, num volume separado, as notas sobre os problemas da sua versão. É possível que até estas, curiosamente, se leiam mais do que o fruto do seu labor. (*)

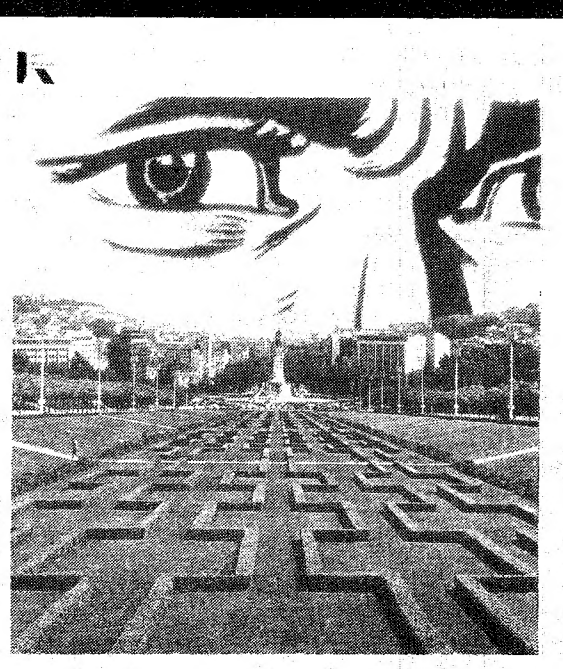
Acelerando os meus passos ao Trindade: é plausível que mais pessoas leiam o meu inócuo texto inspirado na edição de Gisela da Conceição, do que o seu livro, e que talvez mais pessoas leiam a novidade editorial sobre a leitura de Althusser, do que o próprio Althusser, e que mais pessoas leiam Althusser a ler Marx, do que Marx.

E, todavia, sem Marx, nem esta *Meteorologia* seria escrita. Mas o velho está longe.

**Jorge Listopad**

(*) Para os curiosos, desvendo a identidade: Jiri Veltrusky. O nome não diz nada a muitos. Mas o meu eminente colega de jornal, Umberto Eco, cita-o como o percursor da semiologia do teatro, com o estudo sobre *Texto e Contexto Teatral*, publicado nos anos quarenta.

**PENSAR LISBOA**
**J. P. Martins Barata**



Pedidos
No seu livreiro ou directamente a
Livros Horizonte, Lda — Rua das Chagas, 17 - 1.º Dt.º 1200 LISBOA

queiram enviar-me ☐ à cobrança ☐ junto cheque/vale postal
**Preço de capa: 800$00**
Nome
Morada
Código Postal Telef.:

Edição
Livros Horizonte
Tel.: 36 69 17/36 85 05

Distribuição
DIGLIVRO - Lisboa tel.: 99 22 00/01/02
MOVILIVRO - Porto tel.: 57 89 37/57 85 94

A.M.A. Auto Monumental do Areeiro S. A.
**CONCESSIONÁRIOS** VW Audi
**AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA**
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75